



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DANIEL BERG DE MELO FARIAS

**Para além da dor:** a incidência do masoquismo nas elaborações freudianas do aparelho psíquico

GOIÂNIA  
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

**DANIEL BERG DE MELO FARIAS**

#### 3. Título do trabalho

*Para além da dor: a incidência do masoquismo nas elaborações freudianas do aparelho psíquico*

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Altair Jose Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 13/10/2025, às 09:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Berg De Melo Farias, Discente**, em 14/10/2025, às 18:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5717426** e o código CRC **73D29774**.

DANIEL BERG DE MELO FARIAS

**Para além da dor:** a incidência do masoquismo nas elaborações freudianas do aparelho psíquico

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Bases históricas, teóricas e políticas da Psicologia

Orientador: Professor Doutor Altair José dos Santos

GOIÂNIA  
2025

## **Folha de Avaliação**

Daniel Berg de Melo Farias

Para além da dor: a incidência do masoquismo nas elaborações freudianas do aparelho psíquico

Dissertação de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Psicologia, linha de pesquisa: Bases históricas, teóricas e políticas da Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Altair José dos Santos

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Altair José dos Santos (Orientador)  
Faculdade de Educação – Universidade Federal de Goiás (UFG)

---

Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli  
Faculdade de Educação – Universidade Federal de Goiás (UFG)

---

Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio  
Universidade Federal de Jataí (UFJ)

Goiânia  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Farias, Daniel Berg de Melo  
Para além da dor: a incidência do masoquismo nas elaborações freudianas do aparelho psíquico [manuscrito] / Daniel Berg de Melo Farias. - 2025.  
131 f.

Orientador: Prof. Dr. Altair José dos Santos.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia, 2025.  
Bibliografia.

1. Masoquismo. 2. Aparelho psíquico. 3. Freud. 4. Constituição psíquica. 5. Psicanálise. I. Santos, Altair José dos, orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata Nº 45 da sessão de Defesa de Dissertação de **DANIEL BERG DE MELO FARIAS** que confere o título de **Mestre em Psicologia** pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGP/FE/UFG, na *área de concentração em Psicologia*.

Aos **seis dias do mês de outubro de dois mil e vinte e cinco (06/10/2025)**, a partir das **19:00h**, nas dependências da Faculdade de Educação da UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"Para além da dor: a incidência do masoquismo nas elaborações freudianas do aparelho psíquico"**. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Prof. Dr. **Altair Jose dos Santos (PPGP/FE/UFG)**, doutor em **Psicologia Clínica e Cultura** pela UnB, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof. Dr. **Cristovao Giovani Burgarelli (PPGP/FE/UFG)**, doutor em **Linguística** pela UNICAMP - integrante titular interno e Prof. Dr. **Eloy San Carlo Maximo Sampaio (UFJ)**, doutor em **Psicologia Clínica** pela USP - integrante titular externo. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Altair Jose dos Santos, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e vinte e cinco.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Altair Jose dos Santos

Prof. Dr. Cristovao Giovani Burgarelli

Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Cristovao Giovani Burgarelli, Professor do Magistério Superior**, em 06/10/2025, às 20:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Altair Jose Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 06/10/2025, às 20:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eloy San Carlo Maximo Sampaio, Usuário Externo**, em 14/10/2025, às 13:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Berg De Melo Farias, Discente**, em 14/10/2025, às 18:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5671349** e o código CRC **555359F4**.

## **Agradecimentos**

À minha mãe, **Maria de Melo**, cuja voz ainda ecoa em mim dizendo “vai”.

Ao meu pai, **Gerson Barreto**, pelas encomendas de açaí e massa de tapioca.

Ao meu orientador, **Prof. Dr. Altair José dos Santos**, pela imensa transmissão de um saber sobre psicanálise, sobre pesquisa e por uma orientação com generosidade e cuidado.

Aos professores **Dr. Eloy San Carlo**, **Dra. Juliana Biazze** e **Dra. Glaucia Rocha**, pelo incentivo à pesquisa e pelas correções desde quando o mestrado era somente um projeto.

À **Universidade Federal de Goiás** e ao **Programa de Pós-graduação em Psicologia**, pela oportunidade de formação em uma instituição pública, gratuita e de qualidade.

À **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG)**, pelo apoio financeiro, que possibilitou a realização desta pesquisa, reafirmando a importância do investimento público na ciência e na produção acadêmica.

*Pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto*

(Novos Baianos, O mistério do planeta)

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b>	<b>7</b>
<b>Abstract</b>	<b>8</b>
<b>Introdução</b>	<b>9</b>
<b>Método e Metodologia</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 1: No princípio, o desprazer: elaborações da primeira teoria do funcionamento psíquico</b>	<b>22</b>
1.1 Um aparelho para lidar com a dor	22
1.2 Do princípio do desprazer ao prazer	31
1.3 Masoquismo e o problema econômico	39
1.4 Os andaimes do masoquismo	45
<b>Capítulo 2: Eros com Tânatos: o reencontro com a divisão psíquica</b>	<b>58</b>
2.1 Pulsão de morte e a revisão da teoria	58
2.2 Mais além de Eros	65
2.3 Masoquismo e repetição: da posição passiva para a ativa	73
2.4 A redescoberta do inconsciente: a reelaboração da tópica	81
<b>Capítulo 3: A dimensão masoquista da vida</b>	<b>88</b>
3.1 A satisfação masoquista e a constituição do aparelho psíquico segundo Freud	88
3.2 Sobretudo, um corpo erotizado	92
3.3 Masoquismo frente ao desamparo	99
3.4 O corpo como objeto do desejo do Outro	110
<b>O mito de Sísifo como metáfora da dimensão masoquista da vida: e essa é a minha conclusão</b>	<b>118</b>
<b>Referências</b>	<b>123</b>

## Resumo

O presente trabalho investiga a incidência do masoquismo nas elaborações freudianas do aparelho psíquico, buscando responder de quais maneiras o masoquismo contribui para a constituição psíquica. Trata-se de um percurso que busca entender como Freud, ao longo de sua obra, desloca o estatuto do masoquismo, passando de uma concepção inicial vinculada ao sadismo para uma posição central na vida anímica. No primeiro momento, ao longo das duas primeiras décadas da psicanálise, o masoquismo aparece como a vertente passiva da pulsão sádica e como algo que escapa à lógica do princípio do prazer. Nessa configuração, quando a dor se torna a meta pulsional, a economia psíquica sofre um abalo, pois a pulsão coloca o indivíduo como objeto de satisfação, em contradição com o predomínio do princípio do prazer e sua função reguladora. O segundo momento inaugura-se com a virada teórica após 1920, quando Freud introduz a noção de pulsão de morte. A partir daí, o masoquismo passa a ser considerado anterior ao sadismo, assumindo um caráter constitutivo e fundamental para a organização do aparelho psíquico. Essa reformulação encontra sua expressão na segunda tópica, em 1923, que amplia a concepção do psiquismo e também do masoquismo. Portanto, o masoquismo é visto aqui para além da dor, em vista de uma dimensão que organiza o sujeito, uma dimensão masoquista da vida, que auxilia na experiência de viver. Sua amarração pulsional, sobretudo após a formulação da pulsão de morte, o inscreve como parte da vida capaz de reposicionar o indivíduo frente ao sofrimento. As evidências dessa concepção estão presentes ao longo dos escritos freudianos, que constituem o principal referencial teórico deste trabalho. Assim, o masoquismo deixa de ser apenas um desvio da economia libidinal e se torna uma via privilegiada para compreender como cada um lida com as exigências constitutivas de sua vida psíquica.

**Palavras-chave:** Masoquismo. Aparelho psíquico. Freud. Constituição psíquica. Psicanálise.

### Abstract

This study investigates the incidence of masochism in Freud's elaborations on the psychic apparatus, seeking to answer in which ways masochism contributes to psychic constitution. It traces how Freud, throughout his work, shifts the status of masochism from an initial conception linked to sadism to a central position in psychic life. In the first phase, during the first two decades of psychoanalysis, masochism appears as the passive aspect of the sadistic drive and as something that escapes the logic of the pleasure principle. In this configuration, when pain becomes the drive's goal, the psychic economy is shaken, since the drive positions the individual as an object of satisfaction, in contradiction with the predominance of the pleasure principle and its regulatory function. The second phase begins with the theoretical turning point 1920, when Freud introduces the notion of the death drive. From then on, masochism comes to be considered prior to sadism, assuming a constitutive and fundamental role in the organization of the psychic apparatus. This reformulation finds its expression in the second topic, in 1923, which broadens the conception of both the psyche and masochism. Therefore, masochism is seen here beyond pain, as a dimension that organizes the subject—a masochistic dimension of life that supports the experience of living. Its drive-related binding, especially after the formulation of the death drive, inscribes it as a part of life capable of repositioning the individual in the face of suffering. The evidence for this conception is present throughout Freud's writings, which constitute the main theoretical framework of this study. Thus, masochism ceases to be merely a deviation of libidinal economy and becomes a privileged path for understanding how each individual deals with the constitutive demands of their psychic life.

**Keywords:** Masochism. Psychic apparatus. Freud. Psychic constitution. Psychoanalysis.

## Introdução

Desde a primeira vez que li a frase presente na obra de maior repercussão do escritor Sacher-Masoch “faz comigo o que bem entender, só não me afaste de ti”, em *A Vênus das peles* (2020), ela se colocou, como tudo o que envolve essa obra, como um belo enigma. Movido por esse ímpeto, incompreensível até hoje, me propus a tentar, apenas na medida do quanto isso é possível e dentro daquilo que me cabe enquanto pesquisador e clínico, saber mais da condição psicanalítica do masoquismo. Afinal, o masoquismo, mesmo que uma descrição conceitual que escapa dos manuais psiquiátricos ou enquanto fenômeno, é uma das manifestações clínicas que, dentre outras, não se entrega fácil, sempre comporta algo da ordem de um enigma.

Como pesquisador e clínico, o apaixonamento presente na dimensão masoquista me comove. Quando encontro na obra de Freud, de modo mais específico em *O problema econômico do masoquismo* (1924a/2020), a postulação de que esse fenômeno – após tantos anos sendo compreendido em uma limitação conceitual que o aprisionava em simplesmente prazer na dor – é revirado teoricamente ao receber o estatuto de constitutivo e um elemento crucial na amarração erótica com a pulsão de vida, o pedido de Severin a Wanda, implorando com seu corpo para que ela não deixe de amá-lo, me desperta um novo significado.

Não se trata de, a partir dessa compreensão que proponho, conceber o masoquismo reduzido ao prazer na dor, humilhação ou assujeitamentos, mas, sim, naquilo que o envolve enquanto experiência subjetiva daquilo que cada um faz com sua dor, das amarrações que cada um consegue fazer para se enlaçar ao mundo em busca de amparo, pois, o fator erótico, que jamais foi excluído por Freud a respeito do caráter pulsional do masoquismo, pode ser entendido por outro viés. É em decorrência do fator erógeno primordial que a condição masoquista permite, pela experiência com o objeto, o rompimento narcísico do sujeito do seu mundo interno. Esse é o caminho que tentarei mostrar ao longo dessa pesquisa.

As investigações que surgem em decorrência do masoquismo primordial levam, antes de tudo, às implicações que o termo em si carrega. Desde sua categorização como perversão sexual na segunda metade do século XIX por Krafft-Ebing (2017), o masoquismo suscita reflexões, efeitos e, até mesmo, curiosidades para o campo da psicopatologia. Não apenas atravessando os séculos como uma característica da sexualidade humana, esse conceito ganha espaço notório nos manuais psiquiátricos, assim como dentro do jargão popular através de fantasias e práticas erotizadas.

Mesmo que o termo “masoquismo” tenha se originado especificamente do nome do escritor Leopold Von Sacher-Masoch, este não o cria; o que temos é atribuição por parte de Krafft-Ebing (2017) das práticas sexuais descritas por Sacher-Masoch em suas obras, principalmente em seu livro mais conhecido – *A vênus das peles* (2000), originalmente publicada em 1870. A intenção de Krafft-Ebing era classificar, junto a um conjunto de outras práticas sexuais, os desvios de conduta de um padrão dentro do que seria considerado normal para a sociedade e para a ciência do século XIX. Em linha com essa categorização, cria-se uma maneira de compreender a normalidade sexual, separada do que seria entendido como perversão.

Portanto, o masoquismo que Krafft-Ebing (2017) define em sua coleção de diagnósticos sobre a sexualidade como uma perversão vem da sua leitura psiquiátrica enviesada de seu tempo dos escritos de Leopold Ritter Von Sacher-Masoch. Pietro (2012) aponta que essa leitura representa uma deturpação da figura do artista Masoch, reduzido a um signo clínico. Longe de tentar fazer justiça a Sacher-Masoch, esse trabalho se desdobra a partir da visão sobre o masoquismo que Freud toma ao concebê-lo como uma parte importante do desenvolvimento da libido e dos destinos pulsionais.

Surge, então, o seguinte questionamento: do que se trata quando se fala do masoquismo na psicanálise? Sabe-se que esse termo surge nos escritos freudianos ainda nas primeiras aproximações entre o que seria normal e patológico nas afecções tomadas como perversões a respeito da sexualidade. É desse modo, então, que o masoquismo passa a ser compreendido e apresentado na psicanálise. Freud, apesar de inicialmente abordá-lo da mesma maneira como os manuais psiquiátricos apresentavam, ou seja, como uma perversão sexual, em 1905, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, coloca-o como um evento comum ao desenvolvimento psicosexual. Tal modo de pensar parece constituir um novo olhar clínico sobre o masoquismo.

Apesar disso, o masoquismo continua a ser um enigma na clínica psicanalítica. Tal situação convoca estudiosos, pesquisadores e clínicos a voltarem-se sobre esse fenômeno na tentativa de contribuir para sua elucidação. Portanto, pensar na paixão pelo sofrimento, o componente passivo que convoca o outro, ou a si mesmo, a lhe infligir dor e humilhações torna esse um aspecto pulsional capaz de prender a pessoa no que Freud (1923/2011) chamou de reação terapêutica negativa, um estado de apaixonamento tão grande com o sofrimento que é preferível permanecer nele. Porém, mesmo que esse seja um componente real e comum desse estado, tomar essa como a experiência total do masoquismo seria não fazer jus à potência presente na psique, capaz de transformar a maior força destrutiva em amarração com

a poética da vida. Em outras palavras, seria fazer com que a prisão do diagnóstico de Krafft-Ebing se sobressaia sobre a arte de Sacher-Masoch.

Sendo assim, retomando a pergunta que introduz essa investigação, quando se fala em masoquismo na psicanálise, é preciso levar em consideração seus aspectos clínicos, a experiência que se manifesta na clínica, e a metapsicologia que envolve a teoria sobre a dimensão do masoquismo. Na teoria freudiana, existem dois momentos significativos que ilustram bem o caminho percorrido neste trabalho.

O primeiro acompanha as duas primeiras décadas da teoria psicanalítica, quando o masoquismo é a parte passiva da pulsão sádica e um elemento estranho à lógica do princípio do prazer. Quando a dor é o objetivo final da pulsão, Freud – ao longo das configurações que envolvem o primeiro dualismo pulsional e o comando da regulação do psiquismo sobre a égide do princípio do prazer – já destaca como esse destino da pulsão toma o sujeito como objeto para sua satisfação, colocando em xeque o domínio que exerce a busca pela diminuição de tensão no psiquismo.

O segundo momento é o que acompanha a grande virada da psicanálise. Após a descoberta de um princípio que tem como fim o estado inorgânico, foi preciso que a teoria freudiana passasse por reformulações e uma nova compreensão sobre a constituição psíquica fosse elaborada. Sem deixar os avanços das duas primeiras décadas sobre a gênese do aparelho psíquico, após *Além do princípio de prazer* (1920/2024), o masoquismo ganha o estatuto de anterior ao sadismo. Seu caráter constitutivo o institui como fundamental na organização psíquica frente às novas instâncias que agregam aos sistemas anteriormente estabelecidos em 1900.

Esse pressuposto é o que leva à seguinte pergunta que move esta pesquisa: Qual a importância do masoquismo nas elaborações sobre o aparelho psíquico na teoria freudiana? O que envolve a formulação dessa pergunta é pensar em como, após seu estatuto de teoria postulado em *O problema econômico do masoquismo*, o masoquismo é inserido dentro das elaborações que constituem a segunda tópica do aparelho psíquico.

Freud nos informa que, sem a transformação da pulsão de morte em pulsão de vida, o que teríamos seria a destruição do sujeito. Sabendo dessa proposição, que se confirma após 1920, foi realizado aqui o percurso que toma desde as primeiras elaborações sobre o aparelho psíquico, que data aos primórdios da psicanálise, passando pela apresentação da primeira tópica em 1900, até chegar às elaborações que se desenvolvem após 1923, com a inauguração da segunda tópica.

O conceito de masoquismo é aqui o objeto de pesquisa que guia este trabalho para a compreensão das elaborações sobre o aparelho psíquico. Para além de um objeto guia, a sua importância está em como carrega em si a potência de transformação do desprazer na experiência subjetiva de reposicionamento do sujeito frente ao sofrimento. Fortes (2012) aponta como a experiência clínica do masoquismo é fundamental para a compreensão das neuroses, uma vez que “não é uma entidade isolada, mas um modo do circuito pulsional” (p. 163).

Portanto, o masoquismo está aqui para além da dor, em vista de uma dimensão que está na organização do sujeito, uma dimensão masoquista da vida, como apresento no terceiro capítulo, uma parcela que auxilia na experiência de viver. A sua amarração pulsional, principalmente a posterior ao estabelecimento da pulsão de morte, o inscreve como uma parcela da vida capaz de reposicionar o sujeito frente ao seu sofrimento. As evidências dessa concepção estão presentes ao longo dos escritos freudianos, que constituem o principal referencial teórico ao qual se recorre neste trabalho.

Considerando a pergunta que dirige esta dissertação, propus, enquanto objetivo geral, investigar a incidência do masoquismo nas elaborações freudianas sobre a constituição do aparelho psíquico. Para alcançar esse objetivo, sirvo-me da seguinte estratégia, pela qual estabeleço os objetivos específicos: apresentar as transformações acerca do conceito de masoquismo em Freud; descrever as elaborações em torno da constituição do aparelho psíquico ao longo da teoria freudiana; demonstrar a incidência do masoquismo nas elaborações do aparelho psíquico. Esses objetivos se envolvem a cada parte da pesquisa, sem de fato tomar um capítulo para cada um deles, o que permitiu avançar explicitando o masoquismo e sua incidência nas elaborações do aparelho psíquico ao longo da evolução do pensamento freudiano.

No primeiro capítulo, intitulado *No princípio, o desprazer: elaborações da primeira teoria do funcionamento psíquico*, sigo as primeiras elaborações a respeito de uma estrutura da psique. Início com uma obra dos primórdios da psicanálise, o ambicioso *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]/1997), no qual Freud estabelece a primeira teoria estrutural do funcionamento anímico. Mesmo que de maneira especulativa, esse trabalho marca um Freud ainda buscando estabelecer correspondentes entre o inconsciente e o sistema nervoso. O autor almejava uma localização anatômica para o seu aparelho psíquico que explicasse as etiologias das neuroses o mais próximo possível do método das ciências naturais.

Este capítulo marca a aproximação que o pai da psicanálise passa a estabelecer, desde o *Projeto*, com o desprazer como fundamental para a estruturação do psiquismo,

corroborando a ideia de que a vida anímica se estabelece a partir das tensões geradas pelo desejo. Assim, quando apresenta a sua tópica no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900/2019), mesmo que a maior intenção seja a de demonstrar o inconsciente e seu modo de funcionamento e manifestação, concebe o princípio do desprazer como fundamento essencial que organiza a divisão das instâncias que constituem sua tópica. A transformação do registro da dor – anteriormente valorizada no *Projeto* como sendo sentida e oriunda da presença real da função materna – para o desprazer, que passa a ser a sensação de insatisfação pulsional, é crucial para o entendimento do conflito psíquico que se instaura na lógica do princípio de prazer e princípio de realidade.

O princípio do prazer, como ficou sendo conhecido após 1911, é o principal regulador dos processos psíquicos, e a sua principal função está em manter o psiquismo longe de altas tensões geradas pelo acúmulo das pulsões. Em vista desse processo predominante para o bom funcionamento anímico, o masoquismo é vivenciado como um problema econômico. A pulsão que busca a satisfação com o intuito de aliviar a tensão na busca por prazer fixa o próprio sujeito como objeto, pervertendo a sua meta. O acúmulo de tensão que a busca por prazer masoquista insere na experiência psíquica causa um estranhamento teórico na psicanálise.

É claro que Freud (1905/2016) tenta explicar esse problema com os fatos clínicos e com o auxílio que tinha até aquele momento de sua metapsicologia, algo que o mantém na perspectiva do masoquismo como secundário à pulsão sádica nos 20 primeiros anos de suas postulações. Assim, fica evidente o masoquismo no paradigma das perversões, com base na compreensão freudiana sobre a problemática da economia libidinal a ele associada, bem como os avanços que o envolvem ao longo das transformações metapsicológicas.

Avanço, ainda neste primeiro capítulo, para explicitar o modo como o masoquismo é abordado ao longo dos trabalhos de Freud e como essa elaboração é conduzida pelos recursos que ele denomina como seus andaimes para a compreensão das manifestações clínicas. Destaco que cada passo que o pai da psicanálise dá em direção a uma melhor elaboração do funcionamento do sujeito e a forma como apresenta essa evolução a partir da sua metapsicologia fazem com que ele retome o masoquismo em cada um destes momentos, culminando no avanço máximo que alcança com a descoberta da pulsão de morte. Enfatizo aqui que a participação do masoquismo, ora como coadjuvante, ora como protagonista, não deixa de se fazer presente.

A metapsicologia do masoquismo, ou, como chamo aqui, os andaimes do masoquismo, nos leva ao capítulo 2, no qual busquei demonstrar o impacto do

reconhecimento da pulsão de morte como a força que impele o sujeito à ação masoquista na intrincação pulsional. Intitulado *Eros com Tânatos: o reencontro com a divisão psíquica*, sigo o percurso que fez resultar na elaboração da segunda tópica. O *Eros com Tânatos* é inserido no título deste capítulo, faz menção ao componente masoquista que segue na transformação da chamada pulsão de vida. Trata-se de abordar a transformação da pulsão originária enlaçada masoquistamente pela libido. Essa constatação leva à reflexão de que os investimentos que fazemos no mundo carregam tanto o prazer como o desprazer, ou seja, um além de Eros.

Essa dimensão da vida que concebe tanto o prazer como o desprazer nas relações objetais é o que conduz para além de Eros, o que não significa necessariamente a morte. Para além de Eros, é a constatação de que o que nos move em direção a vida implica uma abertura do sujeito que se distancia de uma ética narcísica. Dessa maneira, o erótico da pulsão de vida não sugere apenas o enlaçamento romântico do objeto na busca por completude, mas, também, destaca o fator desprazeroso da imprevisibilidade de sair de si, permitindo romper com a experiência do ganho secundário do sintoma ou da reação terapêutica negativa.

Junto e além disso, apresento a importância da pulsão de morte para a revisão da teoria psicanalítica e o impacto na virada que ocorre também sobre o conceito de masoquismo. O advento da pulsão de morte e seus fatores clínicos sugerem uma nova ideia sobre a concepção do sujeito e a respeito do estatuto das neuroses. É de fato uma transformação na teoria psicanalítica o que ocorre após *Além de princípio de prazer*, ao passo que inicia aí um novo olhar sobre o masoquismo.

Nesta obra, o pai da psicanálise toma o mecanismo da compulsão à repetição para buscar entender por que algumas condutas, que deveriam suscitar o desprazer, acabam sendo alvo de uma satisfação pulsional. É em vista disso que o masoquismo se apresenta como um fator essencial nessa dinâmica. Proponho, assim, a partir do masoquismo erógeno exposto em 1924a, que esse trabalho psíquico frente aos traumas é resultado do fator masoquista inerente às amarrações libidinais.

Essa obra de 1920 marca também uma redescoberta sobre a noção de inconsciente, o que resulta em uma retomada por Freud a respeito da divisão psíquica. Sobre o estatuto da pulsão de morte e no jogo de forças da compulsão à repetição, é preciso realocar o princípio do prazer, com isso, há também o estabelecimento de um novo conflito pulsional. Com a descoberta da pulsão de morte, a dinâmica conflituosa entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação passa a se tornar um conflito apenas nas amarrações narcísicas do Eu. Continuam, portanto, sendo importantes, mas não mais definem o maior conflito do sujeito.

Os avanços descritos nesta obra, que funciona como a especulação mais clínica possível, são partes importantes dos elementos que direcionam a uma revisão nos andaimes e, que após três anos, resulta na elaboração da segunda tópica.

O último capítulo desta dissertação, intitulado *A dimensão masoquista da vida*, funciona como a explanação teórica da participação do masoquismo na constituição do aparelho psíquico, respondendo assim à pergunta que direciona essa pesquisa. Nesse capítulo, busco realçar ainda mais o masoquismo como importante nas elaborações sobre a constituição psíquica. Um aparelho psíquico constituído a partir da dinâmica masoquista oferece um caminho para desmistificar o objeto desta pesquisa, o qual é comumente relacionado ao ato sexual, à dor, a humilhação ou a assujeitamentos. O masoquismo, como é abordado aqui, enquanto experiência transformadora, é capaz de atravessar o que Freud (1937/2018) chama de o amansamento das pulsões, ou, como nomeio aqui, o reposicionamento subjetivo do sujeito frente ao seu sofrimento.

Dessa forma, destaco como o masoquismo, constituído na intensidade das amarrações pulsionais, pode ser concebido como uma força no trabalho clínico. O sujeito frente ao desamparo precisa lançar mão de sua dimensão masoquista da vida e, pelo fator erótico inerente a esse aspecto constitutivo, abrir mão da fantasia que o inscreve na lógica fálica que o direciona ao gozo. Por esse aspecto, frente ao outro, do qual não se tem controle, o sujeito pode se permitir encontrar outros caminhos para a angústia de castração que retorna na ameaça de perder o objeto de amor. Frente ao desamparo, o masoquismo se apresenta como um convite a experimentar a intensidade do desejo junto ao outro, não no silenciamento desse outro ou do próprio desejo.

Para que não seja mal compreendido como fazendo apologia ao sofrimento ou a dor, ainda nesse capítulo, apresento formações do masoquismo que contribuem para o fechamento do sujeito em si. Quando a dimensão masoquista falha, evidenciando apenas o aspecto destrutivo da pulsão, observam-se repetições e manifestações perversas e superegóicas que envolvem o sujeito em um estado de sofrimento. Assim, convoco novamente o masoquismo feminino e moral para evidenciar que essas formações, as quais derivam do masoquismo primordial, são efeitos da supremacia da pulsão de morte sobre a libido quando o fator erótico da experiência com o objeto enfraquece, e o sujeito busca reinar no gozo.

Na conclusão deste trabalho, apresento, em torno da metáfora do ensaio de Albert Camus (2020), *O mito de Sísifo*, a visão pela qual enxergo a dimensão masoquista da vida. De fato, como uma conclusão, busco evidenciar o que ao longo da pesquisa busquei apresentar de maneira minuciosa. A escolha da obra de Camus ocorre por esta representar

com bastante êxito o encontro do sujeito frente às adversidades do que é viver. Enfrentar as angústias, o desamparo, os medos frente a vida se torna um trabalho de Sísifo. Apesar disso, é preciso imaginar o herói do absurdo feliz. Como Freud (1930/2023) sugere, “cada um precisa tentar por si mesmo a maneira particular para se tornar feliz” (p. 330). Apesar disso, assunto de que também trato aqui, essa conquista depende que o sujeito tome conta do que está para além da dor, do que se encontra na dimensão masoquista da vida.

Não pretendo, aqui, oferecer respostas a todas as questões levantadas; na verdade, é possível que este trabalho suscite ainda mais dúvidas. Procedo a partir do masoquismo e da sua importância nas elaborações psicanalíticas de Freud sobre o funcionamento do psiquismo. No entanto, entendo que esse é somente um entre os vários conceitos ou teorias que contribuem para a compreensão do funcionamento e constituição das teorias do aparelho psíquico. Espero que, ao final deste trabalho, esteja evidente a resposta formulada anteriormente na introdução: *Do que se fala quando se fala em masoquismo na psicanálise?* Além disso, busco também responder ao problema de pesquisa: *qual a importância do masoquismo nas elaborações freudianas sobre o aparelho psíquico?*

## Método e Metodologia

A prática da pesquisa teórica em psicanálise, tal como desenvolvida neste trabalho, se apoia nas diretrizes deixadas por Freud ao estabelecer o método psicanalítico de investigação. No entanto, deparo-me com um dilema, uma vez que, como o próprio criador do método evidencia, a pesquisa em psicanálise não pode ser dissociada da prática clínica (Freud, 1912/2010). Prossigo, então, na tarefa de destacar do que se trata a pesquisa teórica em psicanálise para, assim, seguir explicitando a metodologia sobre a qual esse trabalho foi construído.

Aqueles que se dispõem a pesquisar em psicanálise estão sempre diante da missão de demonstrar os caminhos que os levam a dizer de um saber do inconsciente. Esse aspecto evidencia que toda proposta em direção a esse método de investigação ocupa-se por destacar como seu objeto central o inconsciente. É somente a partir disso que se elege um objeto específico que o encaminhe em direção a esse saber central. Aqui elejo o masoquismo, levando em consideração todo seu desdobramento nas obras freudianas, como o objeto específico para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Retomando ao que concerne ao objeto central da pesquisa em psicanálise e, sobretudo, ao seu método de investigação, deve-se levar em consideração o corte epistemológico que Freud insere no método das chamadas ciências naturais ao ferir narcisicamente esse saber, descentrando a razão e a consciência de seu lugar sagrado (Garcia-Roza, 1985). Portanto, a psicanálise, desde seu nascimento, rompe com o saber existente, marcando seu próprio lugar, ao passo que Foucault (2013) a estabelece como uma prática e uma teoria que descontinua o saber vigente ao mesmo tempo que está ligada arqueologicamente ao seu conjunto de saberes a respeito do homem que surge ao final do século XIX.

O objeto da investigação psicanalítica, a partir do qual se constrói uma concepção de sujeito, é aquele que emerge na hipótese de um além da consciência. A especulação, que mais tarde se torna inegável diante dos fatos apresentados das manifestações de seus casos clínicos, enfraquece o domínio da razão e insere o corte epistemológico necessário para a fundação de um sujeito dividido:

a partir desse momento, a subjetividade deixar de ser entendida como um todo unitário, identificado com a consciência e sob o domínio da razão, para ser uma realidade dividida em dois grandes sistemas – o Inconsciente e o Consciente – e

dominada por uma luta interna em relação à qual a razão é apenas um efeito da superfície (Garcia-Roza, 1985, p. 22).

Esse deslocamento da concepção de indivíduo racionalista para a noção de sujeito do inconsciente provoca uma perturbação na ordem científica; é justamente nesse deslocamento que se pauta o método de pesquisa em psicanálise. Assim, a produção científica em psicanálise deve manter-se sempre na direção do seu objeto – o inconsciente – e pela concepção de sujeito que este inaugura. O sujeito do inconsciente é, portanto, em última instância, o maior beneficiário da produção científica em psicanálise, já que todo o percurso desse desenvolvimento deve agregar a práxis clínica que pressupõe o encontro desse saber com essa compreensão de sujeito.

Em vista disso, a pesquisa teórica em psicanálise, tal como a pretensão desta, não deixa de contribuir para as determinações a respeito da inerência entre clínica e pesquisa. Contudo, as investigações teóricas propostas por Freud, principalmente as empregadas em seus trabalhos metapsicológicos, apontam para a importância do método teórico da pesquisa psicanalítica para o avanço da prática clínica, funcionando como uma retroalimentação; em um momento os fatos clínicos devem ser descritos teoricamente, em outro, a teoria deve ser desenvolvida para que a prática consiga avançar. É assim que em 1914a, em *Introdução ao narcisismo*, o autor dispõe que

uma teoria especulativa das relações em jogo procuraria antes de tudo obter um conceito nitidamente circunscrito como fundamento. Acredito, no entanto, ser justamente essa a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência edificada sobre a interpretação da empiria. Esta não invejará à especulação o privilégio de uma fundamentação limpa, logicamente inatacável, mas de bom grado se contentará com pensamentos básicos nebulosos, dificilmente imagináveis, os quais espera apreender de modo mais claro no curso de seu desenvolvimento, e está disposta a eventualmente trocar por outros. Pois essas ideias não são o fundamento da ciência, sobre o qual tudo repousa; tal fundamento é apenas a observação. Elas não são a parte inferior, mas o topo da construção inteira, podendo ser substituídas e afastadas sem prejuízo (Freud, 1914a/2010, p. 19).

Essa colocação sobre a necessidade especulativa presente na pesquisa teórica é o que permite pensar, repensar, escrever e reescrever suposições que auxiliem na investigação ao

que concerne o objeto central da psicanálise. A afirmação presente nessa obra de 1914a – existente, é claro, desde a fundação da teoria freudiana –, procede na ideia de que os conceitos são apreendidos dos fatos empíricos, da observação analítica. A prática fornece o material sobre o qual a teoria vai se desdobrar e, em alguns momentos, especular novos caminhos a percorrer na experiência clínica, ou seja, todos os caminhos levam à relação analítica.

Um ano após a publicação de *Introdução ao narcisismo*, no ensaio sobre as pulsões, é retomada essa ideia que reaproxima a investigação teórica da prática. Nesse texto, afirma que toda atividade científica se pauta na correlação teórica dos fenômenos, a partir da qual é necessário intuir ideias ao material extraído (Freud, 1915a/2019). Nesse sentido, ao destacar que o progresso relativo ao conhecimento não deve aceitar definições rígidas, aponta que é somente pela revisão dos conceitos, que gradualmente se oferece ao entendimento da continuidade científica, que os fenômenos podem ser compreendidos. Como o próprio autor descreve,

apenas após uma exaustiva investigação do campo de fenômenos que estamos abordando, podem-se apreender de forma mais precisa seus conceitos científicos fundamentais, e progressivamente modificá-los, de modo que eles se tornem utilizáveis em larga medida e livres de contradição. Então, é possível ter chegado o momento de defini-los. O progresso do conhecimento, entretanto, não tolera nenhuma rigidez nas definições (Freud, 1915a/2019, p. 17).

Portanto, esse método de investigação, a pesquisa teórica em psicanálise, parte primeiro da relação que a psicanálise estabelece com seu objeto de interesse, o inconsciente enquanto saber, para posteriormente adentrar, a partir do objeto específico, aos meandros da pesquisa. Percorro, assim, a partir do conceito de masoquismo, uma reconstrução do caminho que ele trilha desde sua inserção no paradigma das perversões até a sua transformação em um andaime teórico que ajuda a sustentar a elaboração estrutural do psiquismo na teoria freudiana.

Esse percurso metodológico visa à investigação em nível exploratório, propondo-se a examinar a questão do masoquismo e as elaborações do aparelho psíquico, e, nesse movimento, trazer as formulações acerca da metapsicologia. Para isso, portanto, possui o delineamento bibliográfico, pois visa utilizar-se do método bibliográfico como ferramenta para o levantamento de dados, visto que:

é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo. Os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados (Sousa et al., p. 3).

Alinhado com os objetivos que norteiam esse trabalho, propõe-se um recorte sobre o olhar teórico da psicanálise, sendo assim, limita-se àquilo em que consiste a psicanálise dentro do que é estabelecido por Freud sobre o seu método teórico e clínico, ou seja, tomo como fonte primária dessa pesquisa as obras do criador da psicanálise. Mirando a construção de um trabalho rigoroso, também são utilizados outros autores que contribuem, de forma contundente, ao tema, partindo do levantamento bibliográfico que foi realizado em livros, dissertações e teses que se aproximem da temática aqui proposta.

Alguns autores contribuem decisivamente para a visão que esse trabalho propõe sobre o masoquismo. Entre eles, é possível citar Isabel Fortes, uma das pesquisadoras que toma o masoquismo como objeto em vários de seus trabalhos. O trabalho de Rosenberg, *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida* (2003), auxiliou de maneira contundente por suas elaborações a respeito da importância do masoquismo nos processos estruturais do psiquismo, principalmente nos que concerne ao Eu. Joel Birman também contribui a partir de suas perspectivas sobre a relação do masoquismo com o desamparo. Lacan, por sua vez, contribui a partir de sua leitura sobre as obras freudianas e em seus acréscimos sobre o sujeito e seus sintomas no laço social. É válido destacar que os trabalhos desses outros autores são utilizados à medida em que os escritos e suas visões contribuem para a compreensão das ideias expostas por Freud, sabendo do recorte estabelecido para o desenvolvimento dessa pesquisa.

O levantamento dos dados foi realizado a partir da análise rigorosa do levantamento bibliográfico e tendo como ferramenta fichamentos e resumos para a organização das ideias sintetizadas. Tais ferramentas são cruciais para a construção de trabalhos científicos, pois possibilitam uma melhor manipulação dos registros relevantes para a solução do problema (Severino, 2013).

A leitura e a análise do material obtido foram feitas considerando implicações que são relativas à psicanálise. Com base em extensas leituras, o material foi examinado sob uma perspectiva crítica, em consonância com as ideias propostas por Freud acerca do método

psicanalítico, o qual representa uma expansão para além da situação clínica, funcionando como um recurso fundamental para a compreensão do ser humano (Fortes & Macedo, 2018).

Algo que não pode passar despercebido frente à pesquisa em psicanálise são as traduções das obras de Freud para o português. Como Tavares (2019) destaca, não confere apenas a mera substituição de palavras, deve ser considerada em sua relação complexa com as manifestações clínicas, portanto, um substrato teórico. Busco neste trabalho manter a tradução o mais próximo possível desse substrato teórico que implica uma compreensão de sujeito diferente daquele das ciências naturais.

Dessa forma, as escolhas das obras de Freud utilizadas aqui estão dentro daquelas que apontam “para as imbricadas relações entre seu estilo de escrita, seus constructos teóricos e a prática psicanalítica” (Tavares, 2019, p. 76). A maior divergência a respeito das traduções nas obras aqui utilizadas encontra-se diante do termo *Trieb*. Optei por manter como *pulsão* e substituir, a fim de uniformizar a escrita, quando traduzido por instinto. A escolha do termo *pulsão* se dá na tentativa de alcançar o mais próximo possível do que o marca, em termos metapsicológicos, um atributo fronteiro entre o somático e o psíquico. A potência desse termo revela-se como um trabalho imposto ao ser na conquista do título de humano. Ao ampliar a sexualidade para o nível psíquico, destaca-se que é justamente essa dimensão que sustenta toda a mitologia da psicanálise.

## **Capítulo 1: No princípio, o desprazer: elaborações da primeira teoria do funcionamento psíquico**

### **1.1 Um aparelho para lidar com a dor**

Cada época cria culturalmente seus próprios métodos e ferramentas para explicar o que é a doença, o lugar que ocupa no sofrimento humano, e cria também seus próprios modelos de tratamento e cura (Foucault, 2020). O paradigma que concebe a doença mental como uma marca cerebral é o mesmo no qual a psicanálise começa a se constituir. Afinal, não existe relação com o objeto científico que se estabeleça a posteriori, as práticas que são exercidas em um período histórico são correlatas de um conjunto de saberes e práticas anteriores. Antes de ser feito um corte epistemológico, é preciso compreender a epistemologia vigente da qual pretende se deslocar, é preciso compreender que “as práticas científicas, como quaisquer outras, são relativas, dependem de onde, de como e de quem as exercita” (Leite, 2011, p. 19).

Da loucura experimental de Moureu e Tours, o fluidismo de Mesmer, até a técnica hipnótica criada por James Braid, a procura pela lesão anatômica marca a tentativa de domínio do corpo pela domesticação dos comportamentos. O resultado desejado é a eliminação dos sintomas e o controle do doente, não da doença. Nessa perspectiva, a psiquiatria passa a manter não somente um saber, mas também um poder sobre a psique e o corpo. Esse aspecto de domesticação, que será reforçado pelo avanço da neurologia, se torna o palco para as apresentações dos experimentos e estudos de Charcot (Garcia-Roza, 1985).

O deslumbre de Charcot pela histeria, de acordo com Garcia-Roza (1985), surge pela vanguarda progressiva que a anatomia patológica, único meio de inclusão da medicina no campo das ciências exatas, constituía durante meados do século XIX. O que se esperava dos médicos psiquiatras era que fosse comprovada, em níveis corporais, a ferida referente aos distúrbios psíquicos. A dificuldade em se comprovar a marca orgânica de todos os distúrbios observados fez com que a anatomopatologia criasse dois grupos para as doenças ditas mentais: as doenças que remetem a uma lesão e as perturbações sem lesões, nomeadas de Neuroses. Essa última, na qual a histeria é posta, era desacreditada em sua concretude, já que não respondia aos métodos científicos vigentes.

Essa crença na eficácia da anatomia patológica foi compartilhada por Charcot, que, além de neurologista, se tornou professor de anatomia e patologia da Faculdade de Medicina de Paris. A abordagem inicial de Charcot ao problema da histeria foi feita de acordo com esse ponto de vista, isto é, de que há um correlato orgânico das manifestações histéricas. Posteriormente, ele modifica seu ponto de vista ao afirmar que a histeria é, “como tantas outras esfinges”, uma doença que escapa às mais penetrantes investigações anatômicas (Garcia-Roza, 1985, p. 32).

Quando Freud acompanhou as aulas de Charcot, em Paris, no ano de 1885, cinco anos após se formar em medicina, já havia entrado em contato com o enigma da histeria por meio de um dos seus maiores mentores, Joseph Breuer, a quem muitas vezes atribui fundamental importância para o nascimento da psicanálise. De fato, Breuer foi um grande propulsor do pensamento freudiano. No entanto, o encantamento pelo correspondente fisiológico da histeria, apresentado nas aulas no Salpêtrière, é o enlace para o desejo de continuidade aos estudos sobre a anatomia do sistema nervoso, aos quais o jovem Freud almejava.

Charcot não procurava apenas uma forma de qualificar a histeria no campo das perturbações fisiológicas do sistema nervoso, mas também um método de tratamento que deveria corresponder ao paradigma das ciências naturais. A histeria deveria apresentar uma sintomatologia regular para que pudesse ser qualificada como uma doença neurológica. É em vista disso que Charcot usava da hipnose como ferramenta a fim de reproduzir um conjunto de sintomas comuns a todos os doentes histéricos. Sem sucesso, passa a defender a teoria do trauma; todo histérico havia de ter vivenciado uma cena na qual o evento seria a causa de um estado hipnótico que reproduzia o evento regularmente por uma predisposição hereditária do sistema nervoso.

A teoria do trauma na histeria é o que passa a dar espaço para que o doente narre a sua dor psíquica, já que, para que se chegue ao correspondente traumático, é preciso que este saia pela única via possível – a fala. Ainda que a fala tenha importância em ser ouvida por quem a diz, é preciso que haja quem a escute, faça reverberar de volta a seu locutor. Esse não era o caso da escuta médica. O médico ouvinte dos histéricos e das histéricas do século XIX produzia de suas escutas o padrão necessário para corresponder o trauma à suposta predisposição hereditária da histeria. O saber médico oriundo desse cenário, como a casa nos jogos de azar, sempre vence.

Esse é o paradigma pelo qual Freud caminha para sua clínica com a histeria; a teoria do trauma ganha grande destaque em seus primeiros trabalhos. A ideia de uma cena real de

trauma associada ao componente sexual nas narrativas dos pacientes levou à formulação da teoria da sedução, segundo a qual um adulto teria realizado um ato sexual com uma criança. Portanto, partindo desse pressuposto, na histeria o indivíduo deveria lidar com a dor psíquica oriunda de uma cena traumática real de um abuso.

Após retornar a Viena, iniciar sua clínica com as neuroses e abandonar o método hipnótico, Freud não descarta a busca pelo correspondente material do trauma, mesmo que não seja uma lesão no sistema nervoso. Os *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/2016), publicados em parceria com Joseph Breuer, denotam a investida para encontrar nos pacientes, através do método catártico, a cena traumática no âmbito da realidade. Essa tentativa, que culmina na transformação da teoria do trauma da sedução para a teoria do traumático da fantasia, ainda serve de combustível para um esforço de explicar o aparelho no método das ciências naturais. Assim, surge o audacioso projeto de explicar o psiquismo no paradigma neurológico.

Com uma tese em andamento a respeito da etiologia da histeria, o *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]/1996) indica o pontapé de um modelo inicial e original sobre a psicopatologia das neuroses, ou seja, um modelo teórico de funcionamento psíquico pautado no aspecto econômico, dinâmico e topográfico. Nesse momento, a dimensão topográfica desse aparelho ainda se refere à localização cerebral, uma vez que a metapsicologia freudiana só será formalmente inaugurada em 1900, com a introdução do termo psicanálise

Como só podemos enxergar o passado com o olhar do presente, o trabalho sobre a “Psicologia para neurologistas”, nomeado por Freud na carta endereçada a Fliess<sup>1</sup> em 27 de abril de 1895, aborda teorias que podem ser vistas com mais elaborações nos anos posteriores à fundação da psicanálise. No entanto, o que remonta esse olhar é o fato de este trabalho ter sido publicado mais de uma década após o falecimento do autor e com sua doutrina já bem estabelecida. Dessa forma, projeta-se, nessa obra de 1895, o conhecimento adquirido posteriormente, traçando este material como um elemento histórico para o desenvolvimento de conceitos e teorias. Um dos pontos mais importantes nesse escrito dos primórdios da história da psicanálise, ao menos o mais importante para essa dissertação, é a primeira tentativa de um modelo estrutural do aparelho psíquico.

---

<sup>1</sup> Essa menção a carta endereçada a Fliess se encontra na introdução comentada por James Strachey do texto *Projeto para uma psicologia científica*, no Vol. 1: Publicações pré-psicanalíticas e Esboços inéditos (1886-1889), da editora Imago.

Esse modelo, subjacente a uma concepção científica, mas sem ser naturalista, pois se sustenta fundamentalmente em hipóteses sobre as funções psicológicas, pode ser concebido como um esboço teórico sobre a vivência da dor em oposição ao prazer. Pontalis (2005) aponta que esse antagonismo ordena as composições presentes no *Projeto*: “Há aí um dualismo tão fundamental quanto os dualismos posteriores, um antagonismo mais interessante ainda porque se inscreve no corpo, em duas vivências corporais elementares: o par prazer-dor” (p. 267).

A proposta nas concepções teóricas presentes no *Projeto* é a de um aparelho constituído para lidar com a dor. A dor rompe com a regulação habitual do funcionamento anímico. Diante disso, Freud se questiona para afirmar a centralidade desse fenômeno: “Existe algum fenômeno que possa ser interpretado como o equivalente da falha desses dispositivos? A meu ver, existe: a dor” (Freud, 1950 [1895]/1996, p. 359). No início deste mesmo ensaio, o autor já denota que “todas as funções do sistema nervoso podem ser compreendidas sobre as funções primária ou secundária impostas pelas exigências da vida” (Freud, 1950 [1895]/1996, p. 349), em seguida, ao falar sobre a dor, aponta que

tudo o que sabemos a respeito da dor se enquadra nisso. O sistema nervoso tem a mais decidida propensão a fugir da dor. Vemos nisso uma manifestação da tendência primária contra o aumento da tensão Q e inferimos que a dor consiste na irrupção de grandes Qs em  $\psi$  (p. 359).

Embora guiado por uma linguagem biológica, aqui se tem a apresentação do funcionamento anímico tal como um aparelho. Nesse esquema os diferentes estados psíquicos são explicados a partir do fluxo de energia no interior do sistema nervoso. Em síntese, o funcionamento psíquico descrito no *Projeto* se desenrola a partir de especulações sobre partículas materiais denominadas de neurônios, constituintes desse aparelho e que formam uma rede neuronal complexa, responsável por perceber e processar a energia (Q) gerada por estímulos tanto do ambiente externo quanto do interno do indivíduo.

Segundo esse modelo, que toma emprestado da neurologia o esquema do arco reflexo, o psiquismo opera com base no princípio da inércia e constância, no qual a energia Q, por via da inércia, deveria ser descarregada do sistema neuronal para reduzir a tensão resultante do seu acúmulo. O princípio da inércia, em linhas gerais, seria o responsável pelo movimento da organização psíquica, o qual é modificado, por exigência da busca pela vida, para o princípio da constância, que procura armazenar uma quantidade de energia. Essa transformação no

sistema nervoso para o princípio da constância é muito valiosa para o que busco demonstrar neste trabalho. Por ora, voltemos a explicar o funcionamento psíquico.

A estrutura apresentada propõe uma organização neuronal em três grandes sistemas: o sistema  $\phi$ , relacionado aos neurônios perceptivos ou sensoriais; o sistema  $\psi$ , responsável pela memória; e o sistema  $\omega$ , ligado à consciência. Nessa teoria, os neurônios do sistema  $\phi$  são mais permeáveis à energia Q dos estímulos, sendo responsáveis pelas facilitações para o movimento de Q, enquanto os do sistema  $\psi$  oferecem mais resistência, catexizando uma parte dessa energia.

Essa organização permite que o psiquismo descarregue parte da energia acumulada, pela ação da noção de constância, reduzindo a tensão, enquanto mantém uma quantidade mínima para garantir o funcionamento normal do indivíduo. O sistema  $\omega$ , ou neurônios de consciência, atua distanciado dos neurônios perceptivos, mantendo conexões apenas com os neurônios da memória, eles conferem qualidades subjetivas para os estímulos internos e externos, não podendo receber nem armazenar Q. É o sistema  $\psi$  que desempenha o papel crucial de discernir o que é prazeroso ou não para a consciência. Assim, esse sistema inclui um Eu que atua como um direcionador das experiências de prazer e desprazer que são subjetivamente compreendidas em  $\omega$ . Em termos simples, o Eu utiliza as facilitações proporcionadas pelos neurônios  $\psi$  para evitar experiências desagradáveis em  $\omega$ , garantindo assim o bom funcionamento interno e distribuindo energia para várias partes do sistema, desempenhando um papel de controle no processo secundário.

Os processos primário e secundário possuem, nesse momento, semelhantes papéis, que logo mais serão fundamentais na exposição da primeira tópica. O processo primário é mais distante da consciência e lida com Q em seu estado ainda sem substância, próximo do que mais tarde é nomeado de princípio do prazer. O processo secundário, por sua vez, desempenha o papel de controle e distribuição da energia, processo no qual a energia é descarregada pelo aparelho motor. Próximo da consciência, é no processo secundário que há a distinção do que é prazeroso ou desprazeroso.

Aqui retomo o que move para apresentar esse primeiro esboço a atividade psíquica – a diferenciação que Freud faz entre dor e desprazer e como esse aparelho visa a lidar com a experiência da dor. Tal diferenciação entre dor e desprazer, assim como a de satisfação e prazer, exhibe significativo caminho para sua teoria da sedução. É nesse aspecto que Freud tenta mostrar a passagem para o estado patológico da histeria.

Se é no sistema  $\psi$  que fluem as quantidades internas e externas de energia advinda dos estímulos, a ele é dada mais importância, e, por conseguinte, é sobre os estímulos endógenos

que o autor mais se debruça. Assim, a dor é diferenciada nitidamente do desprazer, e isso ocorre na explicação sobre como sucede a experiência de satisfação. O aumento de tensão de Q no sistema  $\psi$  exige que haja, via princípio de constância, uma ação específica para o escoamento dessa energia; é, então, por conta do processo de satisfação necessariamente oriunda do mundo externo, que o prazer será experimentado.

Devido à agitação interna provocada pela necessidade vital da fome, o sistema psíquico do bebê busca inicialmente aliviar essa agitação através da liberação motora por meio do choro ou do grito. No entanto, uma vez que a excitação é interna, a tensão só pode ser dissipada quando a fonte dos estímulos é removida. Contudo, quando a necessidade não é atendida, tanto o choro quanto o grito se transformam em sinais de uma solicitação ou de um apelo ao outro. Essa é a etapa histórica do desenvolvimento ao qual Freud (1950 [1895]/1996) irá destacar sendo a inauguração do desamparo estrutural.

Em vista desse desamparo, é preciso que haja uma alteração nas condições do mundo externo, nesse momento “torna-se necessária a produção de uma ação específica, ou seja, que se produza uma modificação adequada nas condições do mundo externo. Somente ela irá interromper o processo de somação temporária” (Junior, 1987, p. 103). Assim, uma vez que se tenha produzido essa ação específica, ocorrendo a alteração no mundo externo, ocorre também uma modificação no mundo interno. O desaparecimento do desprazer equivale ao aparecimento do prazer (Junior, 1987). Dessa maneira, o prazer é explicado como sendo a sensação de escoamento do nível de tensão causado pelo excesso de Q pelos estímulos internos, logo o desprazer é o aumento dessa tensão.

É em vista disso que Junior (1987; 1993) aponta como sendo esse o modelo que apresenta o inconsciente como estruturado por linguagem. Nessa relação com o outro é que está o elo para pensar como o psiquismo estabelece representações. Essa experiência com a ação específica modifica o mundo interno, pois insere três tipos de representações: a primeira é a da coisa (*das Ding*), representante da pulsão; a segunda é de objeto, que representa o objeto de desejo; a terceira é a representação de palavra, que representa a palavra ouvida (Junior, 1993). Todas elas se definem pelo investimento na primeira experiência de satisfação, em que também se insere a experiência da dor. Todo esse processo culminará na apresentação do Eu e sua função nas representações.

Nessa primeira experiência de satisfação, há um investimento na imagem do objeto que proporciona essa tal satisfação por meio de uma ação específica e na imagem do movimento que resulta na descarga de tensão. Quando surge novamente a necessidade, a

imagem do objeto, que originalmente proporcionou satisfação, é reativada na esperança de reproduzir essa vivência. No entanto, na ausência do objeto, pode ocorrer uma satisfação alucinatória, que não é suficiente para satisfazer a necessidade vital real (Freud, 1950 [1895]/1996).

A dor é, então, a via à qual Freud recorre para sua explicação da teoria da sedução; ela é o oposto da experiência de satisfação e é isso que dará, como aponta Mezan (2013), a origem à ideia do recalque, pedra angular da psicanálise, que nesse instante surge como “defesa” e, ao mesmo tempo, o interdito para continuidade da teoria da sedução como fundamental para explicação da etiologia da histeria.

Rompendo com os limites da eficiência do sistema nervoso, a dor causa o aumento de  $Q$  e rompe com os limites, tanto de  $\phi$  quanto de  $\psi$ , não havendo nada que possa impedir sua condução. A dor é, portanto, decorrência de um estímulo que faz com que a tensão no aparelho psíquico seja elevada, ao mesmo tempo que deixa uma marca sentida como desprazer e que vai fazer com que surja um mecanismo capaz de evitar que seja alucinado o objeto que provocou o aumento de tensão:

Normalmente,  $\psi$  está exposto a  $Q$  a partir das vias endógenas de condução, e, anormalmente, embora ainda não patologicamente, nos casos em que  $Q$ s excessivamente grandes rompem os dispositivos de tela em  $\phi$  – isto é, nos casos de dor. A dor produz em  $\psi$  grande aumento de nível, que é sentido como desprazer por  $\phi$ , uma propensão à descarga, que pode ser modificada em determinados sentidos, e uma facilitação entre esta última [a propensão à descarga] e uma imagem mnêmica do objeto que provoca a dor. Além disso, não há dúvida de que a dor possui uma qualidade especial, que se faz sentir junto com o desprazer. (Freud, 1950 [1895]/1996, p. 372).

Nesse sentido, o desprazer é a peculiaridade que acompanha a dor por consequência do aumento de energia. Como na experiência de satisfação, o mecanismo de alucinação surge para lidar com o desprazer, recorrendo a tal mecanismo como substituto temporário à demanda de desejo. Na experiência da dor, o desprazer – armazenado como qualidade no sistema  $\psi$  – provoca que, mesmo a menor recordação do objeto, seja afastada da consciência por meio da descarga do nível de energia. A dor deixa a marca capaz de levantar as defesas psíquicas, “a explicação deve estar no fato de que as experiências primárias da dor foram eliminadas pela defesa reflexa” (Freud, 1950 [1895]/1996, p. 374).

É nesse momento que Freud determina que a organização presente no sistema  $\psi$  – o Eu – é o responsável pela interferência a livre passagem de Q, atuando pela função secundária. Constantemente investido de Q, ao Eu é atribuída a função inibidora dessa energia, atuando sobre os neurônios responsáveis pela recordação de objetos, tanto gratificadores quanto hostis. O Eu é o agente inibidor do processo primário, impedindo que  $\psi$  seja superinvestido com grandes quantidades de energia por ações mnêmicas.

Retomo agora a transformação do princípio da inércia para a noção de constância. Como aponta Freud (1950 [1895]/1996), o sistema neuronal é regulado pelo princípio da inércia: a energia deve ser igual a zero –  $Q = 0$ . Tal função é modificada pela complexidade interna ao lidar com os estímulos. Assim, são as sensações desprazerosas as responsáveis por tal modificação. Se a função primária do sistema nervoso visa à eliminação de quantidade pelo junção do movimento reflexo com o princípio da inércia, o processo secundário, por necessidade de preservação da vida, ao buscar eliminar as tensões causadas pelo sentimento de desprazer, põe em serviço a função inibidora do processo primário.

Para efetuar essa ação (que merece ser qualificada de “específica”), requer-se um esforço que seja independente da Q endógena e, em geral, maior, já que o indivíduo se acha sujeito a condições que podem ser descritas como as exigências da vida. Em consequência, o sistema nervoso é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia (Freud, 1950 [1895]/1996, p. 349).

Assim, os estímulos endógenos cessam após a realização de uma ação necessária a sobrevivência. Para isso, é preciso que uma quantidade mínima de excitação seja armazenada, permitindo compreender todas as funções do sistema nervoso a partir das funções primárias e secundárias (Freud, 1950 [1895]/1996). Apesar disso, essa tendência à constância não foi bem explorada nessa obra, já que, como afirmo, Freud pretendia trazer luz a sua teoria sobre a etiologia das neuroses por ação do trauma da sedução.

Essas considerações abrem precedentes para entender que o prazer é obtido pela descarga de tensão e que o princípio da constância se identifica com o princípio de prazer, formulado a partir de 1900. É com a virada de 1920, com o *Além do princípio de prazer* e a teoria do masoquismo, proposta em 1924a, em *O problema econômico do masoquismo*, que a distinção entre os dois é apresentada e o princípio de inércia ganha um outro *status*. Tudo isso só é possível após a revisão das tendências masoquistas no aparelho psíquico.

Embora não seja um estudo sistemático sobre a dor, essa tentativa freudiana de enquadrar suas teses na cientificidade das ciências naturais aborda o funcionamento psíquico na oposição entre dor e prazer, diferenciando a dor do desprazer. Como infere Mezan (2013), o que está por trás de toda essa elaboração é a explicação pela linguagem mecânica dos neurônios e pelo movimento de energia no interior do sistema nervoso da etiologia da histeria pela hipótese da sedução. É importante, portanto, que a dor ganhe um valor de destaque no *Projeto*. Se remontar à época em que esse ensaio incompleto foi esboçado, o período de sua escrita data das elaborações em torno da teoria do trauma, tratava então “de encontrar uma base psicofisiológica para sua teoria das neuroses centrada na hipótese da sedução” (Mezan, 2013, p. 30).

É a emergência da sexualidade infantil que impele a abandonar a hipótese de uma sedução traumática, realocando vários dos conceitos apresentados no *Projeto*, assim como realocando a experiência da dor. Se o trauma da sedução dá lugar à fantasia, a dor do real cede lugar à dor psíquica. O *Projeto* é a primeira tentativa de transpor para uma ordem estruturalmente psíquica um conjunto de sensações dolorosas; o que segue à psicanálise após 1900 é uma nova abordagem para o mesmo objetivo, agora na linguagem da metapsicologia.

Por esses fatores, mesmo que a oposição entre dor e prazer seja o conflito principal desse modelo psicofisiológico, durante as elaborações da chamada primeira tópica, o modelo da dor é renunciado ao modelo tópico-econômico do prazer-desprazer e ao conflito com o princípio da realidade. Freud passa a conferir à dor o mesmo que fez a sua teoria das neuroses, a realoca na experiência da fantasia, assim a dor psíquica passa a integrar a metapsicologia em um novo estatuto. Na criação da psicanálise, a experiência da dor é “desnegativada”, deixando de lado a sua ligação intrínseca com a teoria da sedução, recolocando-a na experiência subjetiva da fantasia. Em outras palavras, a positividade da dor é concebida como um trabalho necessário da pulsão de morte em prol da vida.

Por esse viés é que a dor nunca abandona as elaborações freudianas, é a isso que remete Pontalis (2005) ao indicar que, por vezes implícita e outras vezes explicitamente, a dor está sempre presente, como quando é desenhada como uma pseudopulsão no texto *O recalque* (1915b/2010), no aspecto doloroso da neurose traumática em *Além do Princípio do Prazer* (1920/2024), ou mais categoricamente no Anexo C de *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926/2014). É claro que não deixamos de lado como ela está inserida no conceito de masoquismo e mais tarde na teoria do masoquismo como constitutivo da organização anímica.

A dimensão da dor no masoquismo permite pensar que a trajetória desse conceito, desde sua origem como perversão sexual até a sua teoria e importância na constituição psíquica, está pautada na mesma transformação da dor do âmbito do real para a dor psíquica, validada na fantasia neurótica. O masoquismo, como é subvertido na psicanálise, não é reduzido a dor, da mesma forma, a dor não se reduz a aumento de tensão por estímulos de objetos hostis. No entanto, nas duas primeiras décadas do movimento psicanalítico, a dor passa a ser inerente ao masoquismo em seu caráter negativo. É somente com a virada de 1920 que ganha o aspecto de positividade por sua participação na transformação da pulsão de morte em pulsão de vida e sua realocação do princípio do prazer.

Freud parte do trauma físico real, pensando a dor como articulada à organização subjetiva. O caminho que o autor faz, por incidência da sexualidade infantil, na teoria do recalque e da fantasia o leva a posicionar a dor não mais como expressão fisiológica do aumento de energia, tensionando o sistema nervoso, ele a eleva ao caráter do sofrimento subjetivo. Do trauma real à fantasia. Do trauma da dor à dor psíquica. Da mesma forma, a dor no masoquismo recebe a sua importância por sua dimensão psíquica e reguladora de um princípio urdido no desprazer.

## **1.2 Do princípio do desprazer ao prazer**

Quando inaugura a psicanálise, em 1900, com a célebre obra *A interpretação dos sonhos*, Freud não referencia diretamente o *Projeto para uma psicologia científica*, mesmo contendo ali considerações que correspondem explicitamente às ideias presentes no texto de 1895. A mudança de perspectiva frente às alterações causadas pela modificação na hipótese etiológica das neuroses converge na renovação linguística sobre os processos psicológicos. O que se nota disso são as novas abordagens dadas ao prazer, ao desprazer e à regulação dos processos psíquicos. A obra, considerada a máxima freudiana, apresenta, como uma das principais peças dos andaimes da construção e da revolução psicanalítica, a primeira tópica. É pela via dos sonhos, como explicitado no título de seu mais ambicioso trabalho, que anuncia reformulações em sua teoria por meio de um novo discurso.

No *Projeto*, os sonhos já se apresentam como característica essencial e via para realização do desejo de maneira alucinatória. Atenção, raciocínio, pensamento no estado de vigília são manifestações provenientes da transformação do processo primário para o processo secundário. Mesmo com essa transformação, os sonhos, no *Projeto*, mantêm as

características do processo primário e, por meio dele, podem obter satisfação e preservar sua principal função: o estado de sono.

Em 1895, Freud descreve o sono como o estado em que as necessidades orgânicas e os estímulos externos sofrem considerável diminuição, tornando a função do Eu temporariamente desnecessária. Assim, o sono é possibilitado pela descarga de Q acumulada, uma vez que o processo psíquico primário funciona mediante descarga de energia do Eu (Freud, 1950 [1895]/1996). Nessa ordem, por intermédio da diminuição da catexização no sistema  $\psi$ , ocorre o processo do sonhar.

Na descrição que pode ser concebida como uma teoria sobre o sonho, o autor descreve, ao final da primeira parte de sua obra, importantes características que serão mais elaboradas a partir de 1900. Algumas delas permanecem como pontos nodais para a explicação metapsicológica sobre o funcionamento do inconsciente, sendo, então, as primeiras descobertas do que constitui a natureza do sonho para a psicanálise:

(1) Os sonhos são desprovidos de descarga motora. [...] (2) Nos sonhos, as conexões são parcialmente absurdas, parcialmente imbecis, ou até mesmo sem sentido. [...] (3) As ideias oníricas são de caráter alucinatório; despertam a consciência e recebem crédito. [...] (4) Eles [os sonhos] são realizações de desejos. [...] (5) a lembrança dos sonhos é fraca e o pouco dano que eles causam, comparados com outros processos primários. [...] (6) nos sonhos, a consciência fornece a qualidade com a mesma facilidade que na vida desperta (Freud, 1950 [1895]/1996, pp. 390-396).

Essas ideias referentes ao trabalho onírico ganham o aspecto de continuidade em *A interpretação dos sonhos*, retomadas no famoso capítulo VII e que ajudam a instaurar o discurso psicanalítico. No entanto, o próprio criador da psicanálise assume que o caminho fácil ficou para trás e que, para explicar como o processo onírico funciona, será preciso subordinar um novo método explicativo;

A partir do momento em que buscamos nos aprofundar nos processos psíquicos envolvidos no sonhar, todas as trilhas conduzem à escuridão. Não nos é possível explicar o sonho como processo psíquico, pois explicar significa remeter ao que já se conhece, e atualmente não existe conhecimento psicológico ao qual possamos subordinar o que o exame psicológico dos sonhos nos leva a inferir como base explicativa. Pelo contrário, seremos obrigados a levantar uma série de novas hipóteses

que dizem respeito, de modo tentativo, à estrutura do aparelho psíquico (Freud, 1900/2019, p. 560).

As formulações sobre o funcionamento psíquico ganham forma a partir da descrição dos processos oníricos e de sua relação com o inconsciente, o que acontece por meio do uso do método especulativo denominado metapsicologia. Fica nítido que a principal intenção de Freud nesse momento é mostrar o funcionamento do inconsciente, sua grande descoberta. Para tanto, também precisa retomar suas hipóteses sobre o que regula o psiquismo e de qual maneira é regulado. Assim, processos primário e secundário, sonhos e a lógica do prazer e desprazer ganham papéis importantes na estruturação da primeira tópica.

Chama atenção a maneira como os sonhos já manifestavam características do princípio do prazer antes de essa lógica ser apresentada como a principal reguladora do funcionamento psíquico. Em 1895, a ênfase no sonhar faz parte das especulações que ilustram a atividade do processo primário, e o seu contato com a consciência se mostra semelhante aos efeitos do princípio de realidade no sistema consciente, apresentado posteriormente. Portanto, o princípio do desprazer, como é nomeado nesse primeiro momento e sendo alterado para princípio do prazer-desprazer somente em 1911<sup>2</sup>, tem seu lastro nas formulações sobre o funcionamento psíquico apresentadas no *Projeto*.

Partem da análise dos sonhos, portanto, todas as hipóteses teóricas que vão produzir toda rede de conceitos fundamentais para aquilo que ficará conhecido, a partir de 1920, como a primeira teoria do aparelho psíquico. Segundo a análise dos sonhos de seus pacientes – fundamentando um dos pilares do método psicanalítico, segundo o qual teoria e prática clínica não se separam, pois uma só avança em fundamento da outra –, e também a partir da análise de seus próprios sonhos, Freud (1900/2019) constata que esse caminho é a via régia para conhecimento do inconsciente. Posteriormente, acrescenta os sintomas, os chistes e os atos-falhos, chegando à elaboração de um aparelho capaz de explicar as produções do sonho.

Embora o objetivo seja mostrar a função dos processos psíquicos, a apresentação da primeira tópica no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*, especificamente no item B sobre *A regressão*, revela uma evolução no pensamento de Freud. Distanciando-se da linguagem anatômica neurológica e se aproximando da psicologia, ele se afasta da ideia de estruturas materiais para entender a organização psíquica. Ao abandonar a abordagem neural e, por conseguinte, a busca por uma explicação anatômica dos processos psíquicos,

---

<sup>2</sup> *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (Freud, 1911/2010).

estabelece a primeira tópica como sendo constituída pelas instâncias inconsciente, pré-consciente e consciente.

Através da noção de instâncias, o autor determina que a vida anímica opera por lugares teóricos, psiquicamente distintos, possuidores de funcionamentos específicos e separados topologicamente. Deste modo, propõe que seu aparelho psíquico seja posto em comparação à imagem formada por um telescópio ou microscópio, comparando as instâncias com lugares ideais, “regiões em que não se acha nenhum elemento concreto do aparelho” (Freud, 1900/2019, p. 586). Esse novo modo de pensar evidencia a complexidade em se definir um esquema para o trabalho anímico. Sendo assim, não se propõe pensar os sistemas psíquicos em ordenação de um espaço material, mas, sim, um esquema teórico que estabeleça a ordem fixa de cada instância e a sequência temporal em que, por determinação das excitações, ocorrem os processos psíquicos.

O esquema do arco reflexo, assim como no *Projeto*, segue sendo a referência de toda operação psíquica para o modelo apresentado em 1900, que contém uma extremidade sensorial, responsável pela percepção, e uma extremidade pela qual se desdobram as atividades motoras. A extremidade mais sensível é nomeada por Freud (1900/2019) como sistema perceptivo (Pcp), enquanto a extremidade seguinte recebe a denominação de sistema motor (M). É o advento da memória, resultado da entrada do sujeito no processo da linguagem humana, que faz com que as excitações, anteriormente inalteradas ao escoar entre as extremidades, sejam registradas, resultando no desenvolvimento do aparelho psíquico. As instâncias, como são reveladas, configuram-se como espaços transformados pela ação da linguagem.

As consequências dessa transformação são responsáveis pela suposição da espacialidade definida para cada um dos sistemas. O sistema Pcp recebe e protege a consciência das qualidades sensoriais dos estímulos externos, pois não possui capacidade para conservar alterações; ou seja, os conteúdos mnêmicos são, dessa forma, impressos por outro sistema denominado sistema memória ou mnêmico (Mn). Enquanto a consciência estaria mais próxima do sistema perceptivo, sem nada reter das excitações, o Mn estaria localizado próximo a instância inconsciente.

A instância, ou sistema, inconsciente consiste nos vestígios das qualidades dos conteúdos deixados pelo sistema mnêmico. Esses vestígios estariam no mais fundo de nós, sendo, portanto, inconscientes (Freud, 1900/2019). As peculiaridades desse inconsciente, da forma como é constituído, só serão conhecidas por meio do processo de análise (Freud, 1911/2010).

Em 1911, no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, é especificado que o inconsciente não é resultado de uma transformação oriunda do processo de constituição subjetiva, mas que faz parte do processo mais antigo na psique, que constitui toda base da vida anímica. A psicanálise toma como ponto de partida justamente esses processos psíquicos mais antigos, os do inconsciente, “cujas peculiaridades nos são conhecidas através da análise. Nós os vemos como os mais antigos, como primários, vestígios de uma fase do desenvolvimento em que constituíam a única espécie de processos anímicos” (Freud, 1911/2010, p. 111).

Retomando a apresentação da tópica em *A interpretação dos sonhos*, os conteúdos do inconsciente só podem ser acessados pela instância consciente (Cs) se tais conteúdos passarem por modificações, perdendo sua essência original, conservando somente ao Inc seus efeitos mais puros. O acesso à consciência só é permitido por uma instância crítica, a qual Freud nomeou de censura, que atua em favor do sistema Cs e, ao mesmo tempo, um anteparo ao Inc. A esse sistema foi dado o nome de pré-consciente, já que seu caráter definiria o que estaria sujeito à consciência, mais próxima da vida de vigília e da atividade motora do aparelho psíquico.

A estrutura completa como é apresentada no capítulo VII, item B, seria composta: pelo sistema perceptivo (Pcp), localizado na extremidade sensorial e que recebe, mas nada detém dos estímulos externos e internos; pelos sistemas mnêmicos (Mn), onde seriam deixados traços das qualidades de memórias que se conservariam no sistema inconsciente (Inc), guardando todos os traços das impressões deixadas pelas percepções; situado no extremo motor e próximo à vida de vigília, o sistema pré-consciente (Pcs) funcionando como a censura e a tela de proteção para o consciente. (Cs).

Em uma nota de rodapé, no entanto, acrescentada em 1919, após os eventos que o levam a novas afirmações metapsicológicas a partir de 1914, Freud conclui que os processos referentes ao sistema Pcp seriam próprios do sistema Cs, e que o sistema Mn estaria inserido no sistema Inc. Assim, ele estabelece que a primeira tópica, em seu modelo final, seria composta pelas instâncias inconsciente, pré-consciente e consciente. Esse modelo definitivo é apresentado no texto *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917a [1915]/2010).

O processo que conduz à elaboração da tópica do aparelho psíquico está, em grande medida, alinhado com a ideia que destaco aqui, com o objetivo de demonstrar os mecanismos reguladores que atuam no psiquismo e que são responsáveis pela produção e manifestação dos sintomas, atos falhos e chistes. Além disso, essa perspectiva ajuda a nomear a obra na

qual é apresentado tal projeto da psique, os sonhos, bem como a forma como eles se manifestam. Isso é, portanto, a demonstração descritiva da grande descoberta advinda da prática analítica – o inconsciente analisável.

Destarte, apresenta-se a tendência principal para qual são designadas as atividades do processo primário, anunciado em 1900 como um princípio que tende ao desprazer. O princípio do desprazer, que posteriormente a 1911 passa a ser denominado de princípio do prazer, coloca em evidência a principal característica do inconsciente em suas primeiras elaborações: uma tendência constante a realizar desejos outrora proibidos e que, se assim realizados, podem ser fonte de intenso sofrimento.

No princípio, o desprazer é a causa de modificação da estrutura da psique. É a partir disso que Freud responde à questão sobre o movimento que conduz o desenvolvimento do aparelho psíquico, tendo a tóptica como sua forma final. Esse movimento é retomado ao longo de diversos trabalhos freudianos. Destaca-se, aqui, a obra em que explora o desenvolvimento psíquico a partir da relação entre os domínios do prazer e do desprazer. Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, é exposto que as exigências do processo primário suscitam nas alterações do funcionamento psíquico:

o estado de repouso psíquico foi inicialmente perturbado pelas exigências imperiosas das necessidades internas. Nesse caso, o pensado (desejado) foi simplesmente colocado de modo alucinatório, tal como ainda hoje acontece a cada noite com nossos pensamentos oníricos. Apenas a ausência da satisfação esperada, a decepção, levou a que se abandonasse a tentativa de satisfação por meio alucinatório. Em vez disso, o aparelho psíquico teve que se decidir a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real transformação. Com isso foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica; já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável [...] Primeiro as novas exigências tornaram necessária uma série de adaptações do aparelho psíquico. (Freud, 1911/2010, pp. 111-113).

Essa mesma linha de pensamento é retomada em 1915a, em *As pulsões e seus destinos*, quando, pela força das pulsões, o processo primário impulsiona a

exigências muito mais elevadas ao sistema nervoso, induzem-no a atividades complicadas e intrincadas entre si, as quais modificam sobremaneira o mundo

externo, que oferece a satisfação à fonte interna estimuladora, e, sobretudo, obrigam o sistema nervoso a abdicar de sua intenção ideal de conservar afastados os estímulos distantes, pois mantêm um inevitável e contínuo afluxo de estímulos. Poderíamos concluir, pois, que são as pulsões, e não os estímulos externos, os verdadeiros motores dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua infindável capacidade de realização, ao seu tão elevado patamar atual de desenvolvimento (Freud, 1915a/2019, p. 23).

As exigências internas, ou o aumento de tensão dos estímulos internos, causam o desprazer. Em vista disso, é nomeado princípio do desprazer em 1900; sua causa incide no desprazer e não na perspectiva do prazer a ser alcançado (Laplanche & Pontalis, 2016). A relação entre a inibição de descarga e a regulação do desprazer é que leva à concepção do prisma do desejo através da experiência de satisfação, modificando para sempre o entendimento sobre o humano e a compreensão de sujeito. A configuração “prazer-desprazer” precisa ser esmiuçada para observação de que, no princípio, a perturbação pelo desprazer é que vai incidir nessa lógica inseparável entre prazer e desprazer, culminando no desejo, singularidade daquilo que é pulsional.

As exigências da vida interferem na função simples do aparelho. Essas exigências diferem dos estímulos externos, surgindo primeiramente como necessidades corporais, internas, gerando excitações e tencionando rumo ao sistema motor. Porém, diferentemente das excitações externas, não podem ser eliminadas de forma momentânea, é necessária uma ação mais complexa. Freud (1900/2019) toma como exemplo a fome: o bebê, ao sentir fome, se expressa emocionalmente devido ao acúmulo de tensão gerado pelo adiamento da satisfação desse estímulo interno. No ato da satisfação de sua demanda interna por uma atividade proveniente do mundo externo, gera a experiência de satisfação. Tal experiência tenciona para a modificação interna, o alimento, a realização da demanda relaciona a imagem com a satisfação fornecida. A isso Freud denominou desejo.

A lógica do princípio do desprazer, como descrita em 1900, é a de que, nesse processo primário, o sistema não pode outra coisa senão desejar. Sendo assim, a experiência de satisfação modifica o funcionamento psíquico, de modo que as exigências internas passem a ser inicialmente satisfeitas no plano da fantasia – de uma forma alucinatória –, adiando, assim, a experiência desprazerosa. A esse processo, Freud associa o surgimento da função do pensamento:

O processo primário visa à descarga da excitação, a fim de, com a quantidade de excitação assim reunida, produzir uma identidade de percepção [com a vivência da satisfação]; o processo secundário abandonou essa intenção e a substituiu por outra, a de alcançar uma identidade de pensamento [com aquela vivência]. Todo o pensamento é apenas um rodeio, da lembrança da satisfação, tomada como representação com meta, ao investimento idêntico dessa mesma lembrança, que deve ser novamente alcançada pela via das experiências motoras (Freud, 1900/2019, pp. 655-656).

A sensação desprazerosa causada pelos estímulos internos em suas demandas de satisfação aumenta a tensão no aparelho psíquico, que precisa de uma ação externa para realização das demandas e satisfação dos estímulos. Essa experiência de satisfação inclui o prazer, modificando e regulando o psiquismo no princípio do prazer-desprazer. É o sentimento de desprazer, portanto, fundamental para que haja tal transformação. Essa transformação interna é a originadora do desejo.

Essa é a tendência original da primeira teoria do aparelho psíquico: manter-se o mais livre possível do aumento de excitações. O aumento dessas excitações causa o desprazer, a direção adequada sendo, desta maneira, sua diminuição, resultando no prazer. Esse direcionamento “que no aparelho, partindo do desprazer, visa ao prazer; dissemos que nada senão um desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento, e que nele o curso da excitação é regulado automaticamente pelas percepções de prazer e desprazer” (Freud, 1900/2019, p. 652).

O desejo foi incluído no aparelho psíquico pelo trabalho do desprazer. A descrição da tópica é regida para apresentar como o desejo se manifesta em termos dinâmicos, fundamentando os processos que ocorrem nos sonhos. A descrição final, que novamente reaparece em 1911, é a do princípio do prazer como regulador do aparelho psíquico. Na repetição da vivência de satisfação, ocorre a diminuição das tensões desprazerosas, dando origem a sensação de prazer. Prazer e desprazer são as sensações que regulam automaticamente o curso das excitações na vida anímica na primeira tópica.

Durante as duas primeiras décadas da teoria freudiana, o princípio do prazer é o grande regente da atividade psíquica. As elaborações que seguem após a virada de 1920 apenas o realoca, fazendo com que perca um tanto do seu protagonismo. No entanto, as descrições aqui fornecidas a respeito de que no princípio é o desprazer o grande tensionador das mudanças internas ganha coro com a noção de pulsão de morte sendo um princípio além do prazer. Não posso afirmar que essa era a intenção de Freud ao nomear primeiramente

como “princípio do desprazer”, na verdade, é mais seguro dizer que não, apesar disso, os indícios desde 1900 já apresentam uma lacuna na qual é possível inferir uma transformação interna do desprazer em prazer.

### 1.3 Masoquismo e o problema econômico

O princípio do prazer-desprazer, o qual passará a ser nomeado daqui em diante como o próprio artífice do termo o nomeia em 1911 como princípio do prazer, é o ponto de partida de todos os processos anímicos, o que de mais antigo a respeito da psique havia sido descoberto pela psicanálise. Sabe-se que isso se modifica a partir de 1920 com algo que está além do princípio de prazer. No entanto, todo conflito psíquico que fundamenta a prática e técnica clínica, ao menos nessa que podemos chamar de a primeira fase da teoria freudiana, está sob a égide teórica pela qual se estabelece o princípio de prazer.

É mediante a explicação dos dois princípios do funcionamento psíquico – princípio de prazer e princípio de realidade – que conhecemos o desenvolvimento que serve de base para o primeiro conflito pulsional. Como já mencionado, o princípio do prazer modifica a estrutura psíquica por impelir de forma incisiva na satisfação das necessidades internas. Na ausência da ação oriunda do mundo externo, como adiamento da satisfação e também como forma de barrar o acúmulo de tensão, o princípio do prazer lança mão do recurso à satisfação por via alucinatória, ou seja, por meio da fantasia.

No entanto, o que Freud apresenta em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/2010) é que essa ação do mundo externo, e que impele ao princípio de prazer a busca de uma outra forma de satisfazer as demandas internas, faz parte também do processo de constituição do aparelho psíquico. Dessa forma, o princípio de realidade, como é nomeado, é apresentado como um dos princípios que regem o funcionamento anímico e, mais do que isso, modifica o princípio do prazer na medida em que consegue impor-se sobre suas demandas constantes por prazer.

Apesar de já existir, nos escritos de Freud desde muito cedo como tudo o que corresponde a atividade advinda do mundo externo, o princípio de realidade só é apresentando como tal em 1911. Assim, o princípio de realidade abarca tudo aquilo que barra o princípio do prazer em suas demandas constantes, fornecendo a modificação necessária que regula o aparelho psíquico e impede sua autodestruição. Dessa modificação surgem, então, as

pulsões de autoconservação, pulsões que limitam o princípio do prazer – o qual se manifesta através do erotismo das pulsões sexuais – e têm como função a preservação do indivíduo.

Essa divisão é a separação que limita o sujeito em suas fantasias de onipotência na percepção de um dentro e fora, um fora em desacordo com os próprios desejos, um Eu e o mundo, mesmo que esse Eu ainda esteja em ordem de espelhamento, ou seja, que ainda esteja se constituindo. É nesse contexto, portanto, que surge a nomeação do grande conflito pulsional existente na primeira teoria do funcionamento psíquico: pulsões sexuais – as quais surgem primeiro e impelem ao prazer, – versus as pulsões de autoconservação – inseridas na constituição do Eu, advento que se desenvolve pelo princípio de realidade e está a serviço da autoconservação do ser (Freud, 1911/2010).

Em um trabalho anterior, intitulado *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão* (1910/2013), Freud cita, pela primeira vez, o termo “pulsões do Eu”. Nesse texto, ele atribui ao Eu o papel de principal agente das defesas, é dele que partem as pulsões de autoconservação. Além disso, confere à função do recalque um papel central no conflito neurótico, desenvolvendo, assim, uma concepção dinâmica da vida psíquica, entendida como um jogo de forças que se favorecem ou se inibem mutuamente: “uma concepção dinâmica, que explica a vida psíquica como um jogo de forças que favorecem ou inibem umas às outras” (Freud, 1910/2013, p. 316).

É nesse conflito que o Eu se defende das exigências das pulsões sexuais, quando essas estariam em desacordo com os princípios da realidade externa. Nessa ameaça à integridade egóica, o Eu se defende por meio do recalque, o que nem sempre ocorre satisfatoriamente, ocasionando no retorno do recalcado. Ainda assim, por intermédio de formações substitutivas, tais como os sintomas, o Eu encontra artifícios para cumprir sua função de autoconservação.

Esse conflito pulsional é importante para a observação sobre como o masoquismo é inserido no discurso psicanalítico. Considerando que o psiquismo se constitui a partir de formas de regulação oriundas do enredamento das excitações, o sujeito só pode emergir a partir do rastro deixado por esse excesso. Contudo, é justamente esse excesso de excitabilidade que aponta para a busca prazerosa característica da pulsão masoquista. Essa lógica introduz um problema para a economia do princípio do prazer.

Esse excesso coloca em trabalho o princípio regulador da psique, cuja função é impedir que os estímulos internos cheguem ao nível de insuportabilidade, o que ocorre por meio do mecanismo de descarga. Nessa lógica, o incômodo deve ser eliminado. O

masoquismo, no entanto, não se apresenta como um incômodo a ser descarregado, mas como uma meta da pulsão, desafiando esse modelo econômico.

A apresentação do masoquismo na teoria psicanalítica é na forma de um problema ao processo regulador da atividade psíquica. Rosemberg (2003) o coloca como um duplo problema: primeiro por colocar em *xequê* a teoria e o sentido do princípio do prazer pela inteligibilidade do masoquismo; segundo, por se tratar de um problema clínico na ordem do conflito pulsional. Se dor e sofrimento, mesmo que determinados pela busca da meta pulsional, são capazes de provocar o prazer, o primado fundamental que regula o aparelho psíquico, assim como as pulsões de autoconservação que, por determinação do Eu procuram preservar a integridade do indivíduo, são postos em um embaraço teórico e clínico. O masoquismo é, por consequência disto, um nó na regência do princípio do prazer.

Freud (1905/2016) apresenta o masoquismo como um problema econômico, pois o caráter de tensão sexual que exhibe é alheia à natureza do princípio do prazer. Do ponto de vista pulsional, as tendências masoquistas são enigmáticas. A dor e o prazer não podem ser o fim último da pulsão, pois submetem o guardião da integridade psíquica, quase de forma irônica, a um lugar de subserviência, passiva na busca do prazer e na evitação do desprazer.

A respeito do caráter da tensão na organização sexual, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), mais especificamente ao que se refere às transformações da puberdade, no terceiro dos três ensaios, é estabelecido que o ponto de partida e a finalidade das metas pulsionais são precisas. Porém, há o enigma do aumento de tensão prazeroso, que só receberá conclusão após o estabelecimento da segunda teoria do aparelho psíquico. É, na verdade, a busca por essa resposta que auxilia na construção e modificação da tópica após 1923. Nesse momento, em 1905, o criador da psicanálise se dá por vencido quanto a esse enigma. Diz ele: “como sucede que o prazer sentido provoque a necessidade de maior prazer – eis aí o problema” (Freud, 1905/2016, p. 122).

A resposta ao problema do masoquismo, diante da economia pulsional de investimento e descarga, só se torna de fato necessária porque o masoquismo é tratado, em um primeiro momento, como um desdobramento secundário da pulsão sádica: seu duplo invertido. Como será apresentado, quando o masoquismo passa a ocupar a posição de pulsão originária e anterior ao sadismo, não apenas ocorrem avanços significativos na teoria psicanalítica – que se desdobram inclusive após Freud –, como também o segundo problema descrito por Rosemberg (2003), relacionado ao aspecto clínico que o masoquismo impõe frente ao conflito pulsional, passa a receber novos direcionamentos e possibilidades de

elaboração. Entre eles, destaca-se a categorização dos três tipos de masoquismo, proposta por Freud em 1924a.

Durante esse primeiro período, o masoquismo é uma transformação da pulsão sádica, que, diferente de sua contraparte, corresponde às exigências estabelecidas ao que rege o psiquismo. Pode-se entender que o interesse de Freud estava direcionado ao fortalecimento de sua teoria do funcionamento psíquico e, por isso, mesmo que não completa, propõe uma justificativa a meta pulsional masoquista que toma o próprio sujeito como objeto. Desta forma, mesmo sendo de difícil solução, é “relevante para a compreensão dos processos sexuais” (Freud, 1905/2016, p. 123), precisando de uma elucidação, pois “tudo relacionado ao princípio do prazer e desprazer toca num dos pontos mais delicados da psicologia” (Freud, 1905/2016, p. 124).

A justificativa do autor nos *Três ensaios* é a de que na gênese do desenvolvimento da libido na fase infantil, por efeito do processo de nutrição interligado ao da experiência de prazer, a criança descobre maneiras de repetir uma sensação prazerosa, transformando seu organismo em um corpo autoerótico. De acordo com Freud (1905/2010), o sofrimento e a dor, experimentados pelas zonas erógenas, podem criar tensões que, paradoxalmente, podem gerar prazer. Nesse sentido, operam dentro do estabelecido ao funcionamento considerado “normal”, isto é, em conformidade com o princípio do prazer – o processo regulador que visa a descarregar o excesso de excitação acumulada.

Em 1915a, é retomada a condição teórica do masoquismo no ensaio sobre os destinos das pulsões. Apesar de ser um correlato da apresentação dos *Três ensaios*, nota-se que há uma complementação a meta passiva do sadismo ao propor que o masoquismo é um restabelecimento da libido quando o objeto, antes meta da pulsão sádica, é abandonado. Esse movimento configura um momento crucial ao narcisismo secundário e, mais uma vez, a serviço da economia pulsional na ordem do princípio do prazer e da autoconservação.

Esse retorno ao masoquismo para exemplificar os destinos das pulsões, apesar de mais uma vez afirmar o problema referente à economia dos processos anímicos, marca um avanço significativo na metapsicologia. Essa obra coloca ao masoquismo o caráter inerente ao erotismo das relações objetais e no interior do movimento pulsional. É a partir disso que sua presença começa a se tornar indispensável para a metapsicologia freudiana: “o masoquismo passa a representar uma condição pulsional inerente a todo sujeito” (Buchaúl, 2015, p. 43).

O avanço metapsicológico a respeito da força erótica do masoquismo permite retomar a sua problemática. Esse aspecto erótico sempre esteve presente, desde sua apresentação

como perversão, afinal, é descrito como “a mais significativa das perversões” (Freud, 1905/2016, p. 51), e, também, pelo seu caráter de tensão sexual. No entanto, é esse erotismo deixado pelo excesso que “incomoda” a organização do princípio do prazer. Enquanto princípio somente do desprazer, estaria tudo certo, já que, como mencionamos, o psiquismo se funda no rastro excessivo deixado pelos afetos. O erotismo é, nesse contexto, o elemento que põe o aparelho psíquico em movimento. Essa concepção será desenvolvida de forma mais explícita a partir de 1920, sendo aprofundada em 1923, em *O Eu e o ID*, e complementada em 1924a, em *O problema econômico do masoquismo*. Aqui, apesar disso, já se tem essas evidências.

A lógica do princípio do prazer inclui o erótico pela via do desejo, pois o erotismo da força pulsional é inerente ao desprazer, algo que a partir do texto de 1924a será formulado como sendo pela pulsão de vida. O erotismo inclui, portanto, uma gama considerável de tensão, mas, ainda assim, é por essa via que o sujeito e o objeto se tornam inerentes. O masoquismo é o que proporciona o restabelecimento íntimo com o objeto perdido e amarra o Eu nas relações narcísicas e objetais. É para isso que nos direcionam as elaborações presentes em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. Freud (1911/2010) apresenta que o princípio do prazer foi modificado pelo princípio de realidade, é nessa modificação que encontramos o masoquismo como um agente importante e é nela que vamos nos debruçar.

A função do princípio do prazer na sua apresentação em 1900, ainda como princípio do desprazer, indica a necessidade de uma regulação fundamental para o bom funcionamento do aparelho psíquico, pois dispõe a descarregar o excesso de estímulos que seria sentido como desprazeroso. Essa compreensão, à qual Freud atribui a responsabilidade de colocar o psiquismo na ordem de representar o mundo interno por meio alucinatório, insere a pulsão no discurso que ordena a sua satisfação, a sua meta, a um representante do objeto.

A relação com o objeto que satisfaz a demanda e que tornou o sujeito alienado ao desejo da realização contínua daquela satisfação, é o que põe em jogo o adiamento do princípio do prazer, modificando-o. É também essa relação que implica que o desprazer deu origem ao prazer no alívio da tensão. A isso não se pode chamar de outra coisa senão masoquismo. Assim, se evidencia que esse prazer masoquista se torna o modelo da dinâmica do prazer erótico em Freud.

Pensar em um prazer dessa ordem vai de encontro ao que Rosemberg (2003) pressupõe como sendo o masoquismo guardião da vida. Em vista disso, esse autor admite que esse prazer “torna-se a combinação de prazer e desprazer que abriga em seu seio uma dose

variável, mas inevitável, de masoquismo” (p. 81). O prazer absoluto que ocasionaria a autodestruição, pela influência do estado erótico da pulsão masoquista, experimenta o princípio de prazer de forma mais proporcional.

Retornando ao texto de 1911, observa-se, em uma nota de rodapé, um alerta para os riscos ao psiquismo caso este fosse entregue completamente ao princípio do prazer: “Com razão se objetará que tal organização, que se abandona ao princípio do prazer e negligencia a realidade do mundo externo, não poderia se manter viva por um tempo mínimo, de modo que nem sequer chegaria a nascer” (Freud, 1911/2010, p. 112). É necessário, portanto, que ocorra a retirada da libido interna para o exterior, sair da posição autoerótica para o narcisismo na valorização do objeto. O erotismo, portanto, é o que vai permitir a entrada da realidade externa.

Fortes (2012) destaca a dimensão dos afetos e das intensidades na qual o erotismo é abordado nos *Três ensaios*:

No texto "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), Freud aponta para a dimensão do excesso ligada à excitação, ao apresentar as zonas erógenas como a abertura do corpo todo para excitabilidade. A excitação é da ordem de uma ameaça, pois coloca o sujeito diante de uma região subjetiva que não é a do apaziguamento e, sim, a da inquietação causada pelo excesso. Não se restringindo unicamente aos órgãos genitais, a sexualidade amplia-se, estendendo o campo de ação da excitação erógena (pp. 61-62).

Essa visão corrobora a inferência de que o masoquismo coloca em ação a ruptura de um estado fechado para a dinâmica da relação com exterior; a ruptura do indivíduo para sujeito. Nessa linha de pensamento, o erotismo dessa dimensão do masoquismo apresenta também a falta. É preciso um outro que marca e aliena, que inscreve o corpo em uma passividade da excitação erógena; insere a busca na completude que nunca será resolvida; aceita o princípio de realidade; aceita a castração em sua continuidade indefinida.

Apesar disso, o masoquismo presente no desprazer do aumento da tensão sexual aponta para a dimensão da angústia. O erotismo da pulsão masoquista é primeiramente associado à dor, ao sofrimento, ao que deve ser excluído como prazer. É por deixar essa premissa vigorar durante as primeiras décadas de sua teoria, que Freud (1905/2010) assinala o masoquismo como um problema econômico. Nos anos seguintes, o masoquismo vai bater à porta da psicanálise procurando seu espaço de direito, exigindo que o pai dessa teoria o

realoque em sua posição de destaque. Desse modo, cada avanço teórico e cada aprofundamento nos fundamentos da metapsicologia representam um passo em direção ao encontro entre o erógeno e o masoquismo, ao ponto de elevá-lo de um conceito, uma perversão sexual, a uma teoria.

#### 1.4 Os andaimes do masoquismo

Em sua *Traumdeutung*, Freud percorre, pela via dos sonhos, o caminho para demonstrar a existência tanto do inconsciente enquanto instância como do seu método analítico. Para que isso ocorra de forma satisfatória, mesmo que estejamos falando de uma obra que inaugura um vasto percurso epistemológico, a sua teoria precisa se apoiar para além das manifestações empiricamente clínicas. Assim, o autor nomeia de andaimes, já em 1900, o que posteriormente será conhecido como metapsicologia.

A “bruxa”, como é nomeada chistosamente em 1937, em *Análise terminável e interminável*, corresponde à teoria do que está para além da consciência, ou seja, é a psicologia fundada por Freud para elaborar um conjunto de modelos conceituais. É, por assim dizer, uma superestrutura especulativa da teoria psicanalítica, o que expressa quando são necessárias explicações que correspondem às teorias em torno dos processos econômicos, dinâmicos e topológicos do aparelho psíquico. Na necessidade de avançar com a técnica “temos que dizer: ‘É preciso chamar a bruxa, afinal’, ou seja, a bruxa metapsicologia. Sem especular e teorizar – quase digo: fantasiar – de maneira metapsicológica, não avançamos um passo neste ponto” (Freud, 1937/2018, p. 287).

A metapsicologia, portanto, permite avançar teoricamente naquilo que a prática clínica se encontra sem estruturas explicativas e precisa, portanto, lançar mão das especulações. A teoria freudiana, por essa perspectiva, se sustenta por dois vieses: 1) o das manifestações clínicas pautadas no empirismo, naquilo que era apresentado pelos pacientes e que revelavam a participação da instância inconsciente; 2) o viés da metapsicologia, a qual se apresentava para sustentar de forma teórica o que se expressava durante as sessões com os pacientes. Esse método de descrição dos fenômenos psíquicos coloca a metapsicologia como “fruto de um método especulativo de pesquisa nas ciências naturais (empíricas), cujos fundamentos foram elaborados por filósofos e epistemológicos anteriores a Freud” (Fulgêncio, 2018, p. 25).

A metáfora dos andaimes funciona para pensar que o recurso especulativo serve para sustentar o que era manifestado na clínica, uma vez que não existia nada na ciência psicológica que servisse para nomear tais manifestações. Foi preciso fantasiar, oferecendo teorizações e não sentidos para as evidências clínicas. Sua função foi e continua sendo a de auxiliar, organizar os fatos em uma estruturação relacionável com a experiência. Um exemplo disso é a própria ideia de aparelho psíquico. Vejamos o que diz Freud a esse respeito:

não fizemos nenhum progresso para solucionar o enigma de por que o inconsciente, no sono, nada mais pode oferecer do que a força motriz para a realização de um desejo. A resposta a essa questão deve lançar luz sobre a natureza psíquica do desejo; essa resposta deve ser dada com a ajuda de nosso esquema do aparelho psíquico (Freud, 1900/2019, p. 617).

As especulações em torno dos processos psíquicos sugerem, então, uma organização que ora se apresenta pelos fatos empíricos, ora necessita das construções auxiliares, a metapsicologia. O auxílio metapsicológico é necessário para organizar as experiências nos termos topológico, econômico e dinâmico. É por essa lógica que as expressões do masoquismo também são recorríveis aos andaimes.

Assim, a primeira vez que o masoquismo é mencionado na teoria psicanalítica é a partir não do termo em si, mas de manifestações de sonhos de punição. Aqui já é possível notar um vislumbre de como será a inserção desse conceito na psicanálise. Nesse momento, Freud (1900/2019) usa do masoquismo para explicar metapsicologicamente o funcionamento do princípio do prazer; ele sugere que os sonhos de punição são tendências masoquistas que fazem referência a um desejo autopunitivo do sujeito. Essa premissa sustenta a sua descrição de que os sonhos, mesmo os que manifestam agressividade ao Eu, são realizações de desejos.

Ao mesmo tempo em que discorre sobre os sonhos de contradesejo, os quais evidenciam o componente masoquista do sujeito, Freud já sugere que esse elemento é constitutivo. A ideia de que o masoquismo estaria na gênese do sujeito, portanto, não é propriamente nova – ainda que, nesse momento, apareça como contraparte do sadismo. Este último, por apresentar-se de forma mais evidente, é tratado como primário, como é possível notar em *Três ensaios* onde Freud faz a seguinte afirmação:

A constituição sexual de muitos seres humanos traz um componente masoquista que se desenvolve por meio da conversão do componente agressivo e sádico em seu

contrário. Essas pessoas são chamadas de masoquistas “ideais”, quando procuram o prazer não na dor física imposta a elas, mas na humilhação e tortura psíquica. Compreendemos de imediato que podem ter sonhos de contradesejo e de desprazer, mas que nada mais são do que realizações de desejos para elas, a satisfação de suas tendências masoquistas (Freud, 1900/2019, p. 194).

Essa constatação citada carrega tanto o fator empírico do masoquismo como a especulação do seu aspecto constitutivo. Esse modelo continuará sendo utilizado ao longo dos primeiros 20 anos da teoria de Freud, quando o conflito psíquico estará sobre a égide do primeiro dualismo pulsional. Assim, em 1905, o masoquismo faz sua estreia para exemplificar como mais um dos aspectos psicosexuais comuns a todos.

Os ensaios sobre a sexualidade trazem um Freud implicado em evidenciar o que é a sexualidade na psicanálise e como essa está inteiramente relacionada ao psiquismo. O termo psicosexualidade, assim como todas as teorizações em torno do desenvolvimento da libido, apresenta pela primeira vez a sistematização sobre o sujeito a qual a psicanálise adere. Tal efeito não seria possível sem os andaimes teóricos.

A pulsão, conceito crucial para qualquer vertente psicanalítica e um dos elementos importantes para as explicações em torno do masoquismo, é sistematicamente introduzida nessa obra. Esse conceito é um dos principais componentes da metapsicologia, a sua evidência clínica aponta para características correspondentes aos aspectos econômico, dinâmico e topológico. Ela é descrita como uma força que impulsiona a psique a um objetivo.

É pela via das pulsões, ou seja, por uma descrição metapsicológica, que a sexualidade é concebida como psíquica, sendo a pulsão o conceito limítrofe entre o somático e o psíquico, ou seja, a pulsão é a força que atua na fronteira entre o corpo e o psiquismo e impele a pessoa na busca por satisfação (Freud, 1905/2016). Essa compreensão epistemológica parte da compreensão teórica de sujeito sobre a qual a inscrição genética comum a espécie humana, o instinto, não mais existe, sendo perdido quando o ser é inserido na cultura.

A psicanálise concebe a sexualidade como psíquica, não se tratando de um instinto. Assim, no cerne da exigência sexual humana, está a busca pela redução da tensão provocada pelo acúmulo decorrente da insistência na satisfação da pulsão sexual. Essa concepção está plenamente alinhada com o que é desenvolvido no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950 [1895]/1997), bem como com a lógica do conflito entre o princípio do prazer e o princípio da realidade.

A relevância dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* está, principalmente, sob a égide da ampliação do conceito de sexualidade humana e dos diversos destinos que esta pode assumir. Nesse contexto, cabe considerar o masoquismo como parte integrante dessa definição ampliada, situando-se no campo daquilo que se convencionou denominar perversões.

No primeiro dos *Três Ensaios*, publicado em 1905, Freud define como perversões os desvios relativos ao objeto ou à meta da pulsão sexual (Freud, 1905/2016). Na obtenção da satisfação considerada “normal”, fundamentada sob a ótica da biologia, perspectiva sobre a qual Freud se detém para ampliar a compreensão da sexualidade, o ato final seria o coito: a união genital entre duas pessoas de sexos opostos, tendo como meta a procriação da espécie. Dessa forma, as perversões estão ligadas totalmente a uma transformação contrária a uma referente norma na obtenção da função sexual (Freud, 1905/2016).

É sobre esse andaime que o masoquismo é postulado como uma perversão. A sexualidade, sendo uma evidência pulsional, exige do indivíduo a sua satisfação, gerando tensão interna quando a sua meta não é satisfeita, aumentando o desprazer no organismo, por efeito da lógica prazer-desprazer. A obtenção da satisfação da pulsão, que tem sua fonte no corpo, necessita de um alvo ao qual a pulsão se dirige, sendo esse o objeto da pulsão. É por meio de um objeto que se realiza a meta, ou seja, a ação final da pulsão (Freud, 1905/2016). Fonte, objeto, meta e força são as características fundamentais da pulsão. A sexualidade, por seu aspecto psíquico, não possui objeto ou meta fixa, sendo, portanto, em sua ampliação psicanalítica, perversa para a lógica biológica.

Por meio das pulsões, Freud (1905/2016) introduz a concepção acerca da predisposição perversa e polimorfa infantil, que funciona como protótipo da obtenção do prazer sexual adulto, marcada no corpo pelas fixações durante o desenvolvimento libidinal. Nesse contexto, sadismo e masoquismo são apresentados como componentes perversos e constitutivos da pulsão, que neste momento autoerótico são associados à dupla característica pulsional – agressividade e passividade.

O masoquismo, conforme é apresentado nos *Três ensaios*, trata de um fator clínico, manifestado empiricamente e que Freud aborda, metapsicologicamente, como uma transformação da meta e do objeto da pulsão sádica quando essa toma a própria pessoa para seu fim último. No artigo metapsicológico, *Pulsões e seus destinos* (1915a/2019) e na obra “*Bate-se numa criança*” contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais (1919/2020), o masoquismo é novamente abordado como esse mesmo aspecto, porém, é

marcado por avanços significativos da metapsicologia. Avanços que contribuem para o amadurecimento da teoria psicanalítica em seu estatuto clínico e metapsicológico.

O ensaio sobre as pulsões, sobre o qual Freud se debruça de forma mais demorada em sua “bruxa”, faz parte de um conjunto de trabalhos que ampliam as explanações a respeito da constituição psíquica. Em *Introdução ao narcisismo* por exemplo, obra publicada um ano antes, é estabelecido o Eu como o reservatório da libido, concebendo esse momento como uma etapa essencial do desenvolvimento. Nesse texto Freud diz que “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo *da pulsão* de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (Freud, 1914a/2010, p. 15).

Esse complemento teórico em torno do narcisismo aumenta a compreensão sobre o psiquismo e as funções do Eu, direcionado às investigações de Freud para a estruturação metapsicológica e mais minuciosa dos aspectos dinâmico, topográfico e econômico do aparelho psíquico. Assim, os artigos metapsicológicos escritos entre 1914 e 1916 sistematizam teoricamente, em termos metapsicológicos, os avanços clínicos que levaram o pai da psicanálise a propor o modelo representacional mais maduro da sua primeira tópica, dos mecanismos de defesa, como recalque e sublimação, além de um ensaio que amplia a noção de inconsciente e seu funcionamento.

O masoquismo reaparece, então, nas discussões como um componente essencial das pulsões e do seu dinamismo anímico neste ensaio de 1915a. Tanto as pulsões, que levam o caráter de protagonista central dessa obra, como o masoquismo têm suas ideias aqui como continuação do que é apresentado nos *Três ensaios*. A diferença é que, nesse momento, pela identidade que leva essa escrita, as especulações permitem avançar na teoria e em suas características.

Assim, a característica pulsional que toma o próprio sujeito como objeto é demonstrada nessa obra a partir das articulações que, anteriormente, haviam sido elaboradas em *Introdução ao narcisismo*, ou seja, pela ótica de retração da libido para o Eu. O sadismo e o masoquismo continuam no paradigma das perversões, esse último como a ação secundária e passiva da primeira. Essa visão de 1905 não é alterada até 1920. O que temos é, deste modo, um terceiro momento, no qual a pulsão sádica se volta para o Eu (Freud, 1915a/2019), ressaltando, novas evidências do problema econômico do masoquismo.

Quando Freud, em 1914a, retoma o que havia sido postulado em 1910, em *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*, sobre o trabalho do Eu em proteger o psiquismo das pulsões que impelem ao prazer sexual, indica que a libido possui dois caminhos: aos objetos e ao próprio Eu. É desta maneira que ele determina o grande primeiro

conflito pulsional em sua teoria; o conflito entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação ou pulsões do Eu. A consequência desse pensamento, que revisa, por via do narcisismo, a constituição psíquica, é o que leva às ideias expostas sobre a dualidade pulsional em 1915a e ao retorno “a mais significativa das perversões” (Freud, 1905/2016, p. 51).

Funcionando como ponto de partida para designar a relação estreita da pulsão com o objeto e da relação interna e externa do psiquismo, sadismo e masoquismo são empregados para elucidar os destinos pulsionais. No redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa, há uma transformação da meta ativa em passiva; assim, a satisfação pulsional passa a ocorrer por meio da conversão do sadismo em masoquismo. Essa transformação se dá pela troca do objeto da pulsão, quando o objeto passa a ser o próprio Eu do sujeito. Observa-se, nesse processo – existente além do recalque – uma convergência entre os diferentes destinos da pulsão. Freud estrutura da seguinte forma:

- a) O sadismo consiste em atividade de violência, dominação sobre a outra pessoa como objeto.
- b) Tal objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com o retorno em direção à própria pessoa, também se realiza a transformação da meta ativa da pulsão em uma meta passiva.
- c) Novamente, outra pessoa é procurada como objeto, a qual, em decorrência da transformação de meta ocorrida, terá de assumir o papel de sujeito (Freud, 1915a/2019, p. 41).

Essa descrição lança mão do problema econômico do masoquismo, ainda sem resoluções satisfatórias. Freud (1915a/2019) alega que as dores serviriam a satisfação da pulsão após sua mudança de meta e objeto redirecionado ao próprio sujeito. No entanto, ainda sem a descoberta do que está para além do prazer, essa descrição se torna incompleta. Os andaimes do masoquismo, por enquanto, escapam à construção.

Além de uma nítida continuidade do texto de 1905, as contribuições metapsicológicas detalham a importância do par sadismo-masoquismo para tratar da característica fundamental da pulsão, que é a ambivalência. Como o intuito dos artigos metapsicológicos é o de deslindar as bases teóricas fundamentais da psicanálise (Garcia-Roza, 1985), essas considerações funcionam para a definição do que é de fato o masoquismo nessa primeira teoria pulsional. Portanto, o masoquismo passa a ser substancial a partir dessa investigação

metapsicológica em virtude de estar fundamentalmente situado no interior do movimento pulsional.

Neste sentido, a contribuição mais importante desta obra de 1915a, ao que concerne essa dissertação, é o que segue justamente sobre a participação do masoquismo quando este toma a frente no redirecionamento da pulsão. Nesse movimento, após tomar o sujeito como objeto, a meta passiva é agora quem comanda a cena, partindo dela o ato masoquista que convoca o outro para a relação. Se regressarmos aos ditos do narcisismo, esse processo que convoca o outro a assumir a posição ativa da pulsão age por meio da identificação, pois acarreta um retorno ao objeto de amor: “a transformação do sadismo em masoquismo significaria um retorno ao objeto narcísico, enquanto em ambos os casos o sujeito narcísico é trocado, através da identificação, por um outro Eu” (Freud, 1915a/2019, p. 47).

É mediante esse pressuposto da atividade do masoquismo em assumir o protagonismo frente ao objeto narcísico, juntamente com os avanços clínicos, que, em “*Bate-se numa criança*” (1919/2020), surgem valiosos complementos aos estudos das características perversas da sexualidade com base nas fantasias infantis de espancamento. Nesse momento, os avanços desde 1905 sobre o masoquismo seguem para que ele ganhe destaque ao ser abordado como importante na organização genital, para a dissolução do complexo de Édipo e, conseqüentemente, para a escolha objetal (Freud, 1919/2020).

As especulações a respeito da convocação de um objeto por ordenação de uma dimensão masoquista do movimento pulsional abre margem para pensar sobre a constituição do masoquismo. A dúvida sobre ele ser puramente passivo ou se estaria diretamente implicado pelo prazer e pelo sofrimento diante da escolha objetal leva Freud a elaborar a obra em que investiga esse contingente nas organizações históricas e obsessivas que se apresentavam na clínica a partir de fantasias. Os relatos desse conteúdo tratavam de cenas de violência que eram acompanhadas de sentimento de prazer e culpa, que serviram para Freud (1919/2020) destacar como um traço primário da organização perversa que serve para o desenvolvimento psíquico.

Sobre a suposição do masoquismo como a reversão contrária da meta ativa do sadismo contra a própria pessoa e de sua relação com o narcisismo, Freud (1919/2020), com base na análise de seis casos clínicos (quatro femininos e dois masculinos), apresenta as três fases da fantasia de espancamento. Cada etapa dessa fantasia revela uma encenação da relação do sujeito com o objeto, indicando transformações psíquicas fundamentais. Cabe evidenciar que em cada fase há uma necessidade do autor em destacar se a fantasia é de natureza sádica ou masoquista. De acordo com esse relato, durante esse período infantil de

organização libidinal, entre 2 e 5 anos, a fantasia de espancamento passa por sucessivas transformações até atingir uma forma definitiva.

Na primeira fase da infância, a criança que fantasia a cena de espancamento não é a que sofre a agressão e nem a que a causa. A figura do pai é reconhecida como o adulto que agride. A criança que apanha é tida como um irmão mais novo, considerado um concorrente pelo amor do pai. A fantasia dessa primeira fase é traduzida da seguinte forma: *O meu pai bate na criança (que eu odeio) porque ele não a ama, ele ama a mim*. Isso expressa que o pai bate em uma outra criança, aquela que quem está fantasiando odeia.

Esse primeiro momento da fantasia sofre influência do período em que o complexo de Édipo começa a surgir, revelando a vontade incestuosa de ser exclusiva ao pai. Devido a isso, Freud não a define como sádica ou masoquista, pois se trata exclusivamente do narcisismo infantil. A criança nem dirige a cena, na verdade, nem se coloca na cena.

A segunda fase, diferentemente da primeira, é considerada uma construção em análise, “porém, em certo sentido, podemos dizer que ela nunca teve uma existência real. Em nenhum caso ela é lembrada; nunca conseguiu tornar-se consciente” (Freud, 1919/2020, p. 131). A fantasia que se inscreve “*Meu pai me ama*” é transformada em “*Meu pai me bate*”, revela, por sua dimensão inconsciente, o componente masoquista na relação incestuosa com o objeto.

A criança castigada pela figura do pai é a mesma que fantasia a cena; o prazer provém de ser castigada pelo pai. Por expressão do complexo de Édipo, o recalque apresenta a fantasia de espancamento como uma formação substitutiva para fantasia de amor sexual (Freud, 1919/2020). Essa ação é marcada pela relação de culpa associada ao desejo proibido e pelo prazer de ser objeto da atenção do pai. A fantasia de espancamento representa uma combinação de sofrimento e prazer, refletindo uma expressão pura do masoquismo.

Na terceira e última fase há semelhanças com a primeira. De forma consciente, a criança assume o papel de observadora e o agressor se torna indefinido. A fantasia expressa como “*Meu pai bate na criança, pois ele me ama*” pode representar a figura do pai ou de outra autoridade. Essa fantasia reposiciona a criança novamente como observadora, satisfazendo-se conscientemente de forma sádica por meio de gestos masturbatórios, mas regida por meio de uma ação masoquista de submissão a quem agride, revivendo o desejo de exclusividade junto a esse objeto (Freud, 1919/2020).

Essa obra destaca novamente a participação do masoquismo na constituição psíquica ao correlacioná-lo intimamente no processo do desencadeamento neurótico, em que as fantasias de espancamento são marcas deixadas no decorrer da organização libidinal. A tese

final dessa obra conclui que as perversões não são fatores isolados da vida sexual infantil, se acham comumente ligadas aos processos comuns do desenvolvimento. Vejamos o que Freud diz a esse respeito:

acreditamos que o complexo de Édipo seja o verdadeiro núcleo da neurose e que a sexualidade infantil, que culmina nesse processo, seja a condição efetiva da neurose; e que o que resta dele no inconsciente representaria a disposição do adulto para, posteriormente, contrair uma neurose. A fantasia de surra e outras fixações perversas análogas também seriam, então, apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou, da mesma forma que a famigerada noção de “inferioridade” corresponde a uma cicatriz narcísica (Freud, 1919/2020, p. 140).

Nesse trabalho de 1919, mesmo que o masoquismo seja o protagonista e contribua pontualmente ampliando o conhecimento sobre as perversões, sua gênese ainda se encontra sob a égide do primeiro dualismo pulsional. Ainda assim, o masoquismo, que desde 1915a já trazia maiores discussões sobre seu caráter de atividade em oposto a passividade total, acrescenta que pulsão com meta passiva seria um elemento presente na organização psíquica. A passividade, então, não seria a totalidade do masoquismo, o desprazer também seria importante nessa composição: As pulsões “com metas passivas existem desde o início, principalmente na mulher, mas a passividade ainda não chega a constituir todo o masoquismo; ainda faz parte dele o caráter desprazeroso, que é bem estranho numa realização” (Freud, 1919/2020, p. 139).

A virada de 1920 se apoia contundentemente nessa ideia do desprazer da meta pulsional. Isso faz com que as noções tanto de masoquismo quanto de sadismo sejam revisitadas em *O problema econômico do masoquismo*, escrito em 1924, e a ideia de um masoquismo primário e anterior ao sadismo seja postulada. *Além do princípio do prazer*, publicado um ano após “*Bate-se numa criança*”, contribui para a formulação de uma segunda teoria do aparelho psíquico, que concebe o masoquismo como constitutivo nesta organização.

Antes de adentrar nas exposições sobre o ensaio que reformula o masoquismo, é importante mencionar que ele enquanto conceito faz parte das lacunas as quais Freud usa para justificar conflito pulsional entre pulsão de morte e pulsão de vida. Abordarei mais à frente a revisão teórica da psicanálise após formulação da força que incide além do prazer. Por

enquanto, cabe ressaltar que essa obra ajuda a repensar o masoquismo para além do prazer no desprazer e deslocado do quadro das perversões.

Nessa obra de 1920, que talvez seja o maior ensaio metapsicológico, Freud possibilita pensar em um momento no qual o componente erótico, a libido, ainda não se fazia presente. Melhor dizendo, em um momento em que a libido ainda não havia feito laço com a pulsão originária do psiquismo. Esse questionamento que Freud (1920/2020) faz ao pensar as repetições como uma manifestação de algo além do princípio de prazer, não implica que ele desvalorize esse princípio, que, durante tantos anos, em sua visão, foi o principal regulador da atividade anímica, mas procura aqui realocá-lo após tantas evidências de satisfações que seriam desprazerosas

Pela primeira vez, então, se questiona sobre a possibilidade de existir um determinado momento da organização psíquica em que houve uma amálgama entre dois tipos de pulsão:

Mas como fazer derivar de eros, conservador da vida, a pulsão sádica que tem como meta o prejuízo do objeto? Será que não cabe supor que esse sadismo seja, afinal, uma pulsão de morte que foi pressionada para fora do Eu por influência da libido narcísica, de modo que ela só apareça no objeto? Depois ela passa a servir a função sexual (Freud, 1920/2024, p. 177).

Posteriormente, é no masoquismo que encontra um vislumbre de resposta. Isso contribui para pensar que a ideia de um masoquismo originário não surge de forma simples na obra de 1924a, mas que faz parte de todo um andaime teórico que vinha sendo levantado ao longo dos anos e do problema que perpassa a primazia do princípio do prazer. Propõe pensar que

o masoquismo, o retorno da pulsão contra o próprio Eu, seria então, na realidade, uma volta a uma fase anterior dessa pulsão, uma regressão. Em um ponto, a exposição que fizemos na época sobre o masoquismo precisaria ser corrigida naquilo que ela tem de demasiado exclusiva; o masoquismo poderia também, o que lá eu queria contestar, ser um masoquismo primário (Freud, 1920/2020, p. 179).

Assim, a introdução da noção de pulsão de morte considera pensar o masoquismo não mais de uma forma limitada, como perversão ou uma contraparte da pulsão sádica. Esse viés que, enfim, proporciona repensar o problema econômico do desprazer, em 1924a, leva o

masoquismo às origens do psiquismo. Com isso, o conceito deixa de ser apenas uma manifestação clínica para se tornar parte integrante de uma teoria constitutiva do sujeito.

A metapsicologia é levada a outro patamar após a virada de 1920, toda a constituição do aparelho psíquico é revisada. Com isso, talvez a maior modificação, além do acréscimo das instâncias Id e Supereu e a ampliação do Eu, esteja na redução do princípio do prazer como regulador dos processos anímicos. Como a dor e o desprazer sempre foram objetivos prazerosos que causavam estranhamento, o masoquismo nunca deixou de ser incognoscível, deixando o mecanismo regulador em complicações teóricas, pois “o princípio de prazer fica paralisado: o guardião da nossa vida psíquica fica como que narcotizado” (Freud, 1924a/2020, p. 287).

Essa direção de pensamento faz seguir o caminho de “investigar a relação do princípio do prazer com as pulsões de vida e de morte a fim de apurar melhor esta problemática” (Buchaúl, 2015, p. 83). Freud se utiliza do masoquismo como objeto para o amadurecimento mais significativo de sua teoria, o que não conseguiu expor em *Além do princípio do prazer*, nem em *O Eu e o Id*. O ensaio de 1924a complementa as elaborações em torno do novo conflito pulsional, o que marca uma nova maneira de conceber o indivíduo e a estrutura do aparelho psíquico. Nele é apresentada, em termos metapsicológicos, a amálgama das pulsões e a transformação da força psíquica mais primitiva naquela que é capaz de fazer laço.

É, portanto, pelos avanços teóricos dos andaimes do masoquismo que se responde teoricamente ao momento em que ocorre a intrincação pulsional, a modificação capaz de reorganizar o psiquismo e impedir a destruição pela força da pulsão de morte. Para chegar a essa formulação, Freud (1924a/2020) retoma o problema da economia libidinal que se satisfaz por meio do desprazer, a fim de sustentar uma nova posição para o princípio do prazer. Com isso, elabora a teoria do masoquismo como elemento constitutivo do psiquismo.

Partindo do que há de mais primitivo na gênese do aparelho psíquico, a pulsão de morte é definida como uma tendência a destruição do organismo em prol de um estado inorgânico. Uma parte dessa pulsão é desviada pela libido para o exterior, para objetos do mundo externo; o sadismo é uma parte conhecida dessa pulsão (1920/2024). Essa declaração permite uma outra visão de valor sobre a origem do masoquismo: a de que ele “pode ser justificado biológica e constitucionalmente” (Freud, 1924a/2020, p. 290).

A modificação da pulsão de morte em pulsão de vida é devido à ação da libido em desviar para o mundo externo os impulsos destrutivos, sendo essa parte o sadismo primordial. Essa ação da libido só se torna possível devido ao componente constitutivo do psiquismo, ao

que Freud nomeou de masoquismo erógeno. Assim, esse masoquismo originário é “um resquício daquela fase de formação em que ocorreu a confluência – tão importante para a vida – entre pulsão de morte e Eros” (Freud, 1924a/2020, p. 292). O masoquismo é, portanto, a fusão mais antiga entre Eros e Tânatos, ocasionando, assim, uma inversão metapsicológica do que vinha sendo exposto desde 1905, tornando-se primário em relação ao sadismo.

Em mais uma nítida evidência de como não abandona as postulações sobre as pulsões do Eu, pulsões objetais e sobre os destinos pulsionais, Freud insere a hipótese de um masoquismo secundário, resultado do retorno da pulsão de destruição, o sadismo primordial, sendo introjetado em um movimento de regressão e se juntando aquele masoquismo remanescente no indivíduo (Freud, 1924a/2020). Esse movimento remete à formulação anterior de *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914a/2010), na qual a libido narcísica retorna ao Eu. Apesar disso, o autor não determina os fatores que acarretam essa regressão do sadismo para o organismo, mas afirma que não é em vão, já que “o masoquismo erógeno acompanha a libido em todas as suas fases do desenvolvimento e delas retira as suas próprias variadas roupagens psíquicas” (Freud, 1924a/2020, p. 294).

As duas formações masoquistas que seguem não são separadas ou substitutas do masoquismo erógeno, são desdobramentos dessa parte originária. A primeira delas é a realocação do masoquismo apresentado em 1905, o conceito clínico derivado dos manuais psiquiátricos do final do século XIX. O masoquismo feminino, como é denominado nesse momento, tem esse nome por corresponder à posição passiva em relação ao objeto (Freud, 1924a/2020), algo abordado anteriormente em *Pulsões e seus destinos* e mais expressivamente em *Bate-se numa criança*. O autor se serve das fantasias masoquistas infantis expostas em 1919 e as correlaciona com a roupagem real dos atos masoquistas perversos, como realização das fantasias de maneira lúdica (Freud, 1924a/2020).

Essa roupagem reflete que a demanda principal desse masoquismo é a de que o sujeito quer ser tratado como “uma criança pequena, desamparada e dependente, mas, em especial, como uma criança malcomportada” (Freud, 1924a/2020, p. 290). Essa formação masoquista denota a característica de perversão sexual, como é abordada nos *Três ensaios*. Assim, os desdobramentos do masoquismo diante da segunda tópica não anulam aquele exposto sob o primeiro dualismo pulsional, mas reorganiza a problemática da sua economia libidinal.

Ao terceiro e último tipo abordado neste ensaio deu-se o nome de masoquismo moral. Nos moldes do masoquismo feminino, esse já havia, de certa forma, sido abordado ao longo de outros trabalhos, pois trata-se da estreita relação entre sofrimento e culpa. A este contexto é retomada a hipótese do masoquismo secundário, pois estabelece que a agressividade

reintrojetada se une a uma parte do Eu que o subjuga e estabelece a ele uma necessidade de punição: “Na explicação dessa conduta, estamos quase deixando de lado a libido e nos limitando a supor que, nesse caso, a pulsão de destruição foi novamente direcionada para dentro e atua agora violentamente com a própria pessoa” (Freud, 1924a/2020, p. 295).

A especificidade do masoquismo moral pode ser vista como um avanço teórico antes postulado sobre culpa inconsciente em *O Eu e o Id*. Esse sentimento de culpa que reflete em uma necessidade de punição é analisado como correlato à reação terapêutica negativa, ação pela qual a pessoa se considera merecedora de sofrimento e tenta conservar uma medida deste em sua vida (Freud, 1923/2011). Esse componente pulsional faz com que a meta do masoquismo moral seja o sofrimento em si, não importando o objeto que venha a infringir dor (Freud, 1924a/2020), sendo, em sua intrínseca relação, um objeto introjetado a organização superegógica.

A afirmação de Freud (1924a/2020) de que o masoquismo é um componente constitutivo do psiquismo e participa de todo o desenvolvimento da libido confirma sua centralidade na estrutura da teoria psicanalítica. Trata-se de um elemento que, desde sua formulação como contraparte passiva da atividade pulsional, permanece como um enigma teórico e clínico fundamental. Além disso, esteve presente em momentos decisivos do avanço teórico, seja por meio de fatos empíricos, seja por meio das especulações que sustentam as manifestações clínicas. Com a introdução na noção de pulsão de morte, ocorre não apenas uma virada em termos epistemológicos referentes a metapsicologia, mas há também um impacto significativo sobre a técnica psicanalítica. Frente a isso, o masoquismo não deixa de ser reescrito.

Agora, não mais de uma forma limitada, perversa ou uma contraparte da pulsão sádica, é conduzido às origens do psiquismo, atingindo, assim, o caráter não mais de um simples conceito, mas, sim, dentro de uma teoria da constituição psíquica. *O problema econômico do masoquismo* (1924a/2020) evidencia a posição do conceito dentro da segunda tópica, assim como abre caminho para concebê-lo como estrutural e fundamental para a expressão da amálgama entre Eros e Tanatos. É a essa relação íntima entre o masoquismo e a metapsicologia que cabe pensar a sua incidência contundente nas elaborações sobre o aparelho psíquico. É por esse caminho que continuo, traçando um paralelo entre o segundo movimento pulsional, para pensar uma dimensão masoquista da vida inscrita para além da dor.

## Capítulo 2: Eros com Tânatos: o reencontro com a divisão psíquica

### 2.1 Pulsão de morte e a revisão da teoria

A obra que carrega a importância epistemológica que transforma a teoria psicanalítica para sempre posiciona um novo paradigma pulsional. A nova conceituação do conflito psíquico expõe uma força além do prazer e que consegue ser tanto mais primitiva quanto poderosa que essa. A virada de 1920, como é considerado esse marco das obras freudianas, não abandona toda a construção teórica até esse momento, o que temos é uma estruturação dentro do que já existia de acordo com o desenvolvimento da primeira tópica.

O maior avanço metapsicológico é de fato o que contém a partir das elaborações de *Além do princípio de prazer* (1920/2024), tornando difícil imaginar uma psicanálise, tanto teórica quanto clínica, que se sustente sem o conflito pulsional apresentado ali. Essa obra, mesmo que não ignore a primeira tópica, a reformula, acrescentando e realocando princípios e direcionamentos temáticos anteriormente definidos, porém com suas lacunas. Uma dessas lacunas é justamente o fator prazeroso na tensão causada pelo prazer masoquista.

O conflito entre pulsão de morte e pulsão de vida não passa sem necessitar da reorganização da tópica psíquica formulada em 1900 e reapresentada nos artigos metapsicológicos, o que ganhará destaque na obra de 1923, *O Eu e o ID*. O que interessa aqui, por enquanto, é que essa reformulação não surge sem gerar significativas mudanças na teoria e na técnica psicanalítica. O que essa obra de 1920 inaugura é digna de ser intitulada como uma virada. Nela há acréscimos à teoria das pulsões, à constituição psíquica, às formações de compromisso e à ampliação da técnica na tríade da clínica – transferência, resistência e interpretação. Em outros termos, há uma reinauguração da práxis na psicanálise.

O que se estabelece após essa virada está mais para uma continuidade direta das investigações que já vinham sendo propostas desde os artigos metapsicológicos. A repetição, que se apresenta como um dos aspectos principais para a descoberta da pulsão de morte, é o motor que faz Freud se debruçar novamente sobre os aspectos pulsionais. É a partir dessa retomada que ele reconhece na repetição um fundamento essencial naquilo que sustenta toda a sua mitologia. Sendo assim, o que surge a partir desse momento “é muito mais um deslocamento temático do que uma reestruturação teórica” (Garcia-roza, 1985, p. 205), é um caminho maduro na compreensão do desenvolvimento da teoria psicanalítica, o que resulta nos avanços sobre os aspectos constitutivos da psique e do sofrimento psíquico.

A grande questão que envolve o percurso especulativo de *Além do princípio de prazer* (1920/2024) está na ordenação de como articular as tensões desprazerosas e prazerosas na obtenção da satisfação pulsional. Até esse momento de sua teoria, Freud, orientado pela noção reguladora do princípio do prazer – que guiava sua escuta clínica nos caminhos da neurose –, concebia a pulsão como destinada, desde sempre, a alcançar a satisfação. Essa busca, no entanto, deveria ser conduzida sob a regulação do princípio do prazer, cujo objetivo era evitar o conflito psíquico. Nesse processo, cabia ao Eu atuar como agente de defesa, modulando o escoamento pulsional.

Apesar disso, Freud se debruça sobre uma força que, de maneira impetuosa, atuaria no aparelho psíquico, se satisfazendo de experiências que deveriam, pelo seu caráter traumático, causar desprazer, indo contra ao já estabelecido processo regulador psíquico. É então que, de saída, estabelece a sua problemática ao afirmar que

seria incorreto falar de um domínio de princípio de prazer sobre o decurso dos processos anímicos. Se existe um domínio como esse, a imensa maioria de nossos processos anímicos deveria ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, ao passo que a experiência mais comum contradiz energicamente essa conclusão. Então, somente pode ser que na psique exista uma forte tendência ao princípio de prazer, à qual se opõem certas outras forças ou circunstâncias, de modo de que o resultado nem sempre possa corresponder à tendência ao prazer (Freud, 1920/2024, p. 65).

Essa tendência ao prazer, posteriormente bem explicitada em *O problema econômico do masoquismo* (1924a/2020), refere-se à posição que o princípio do prazer ocupa na dinâmica anímica a partir da segunda tópica. Nesse novo modelo, o princípio do prazer é concebido como um efeito da reivindicação libidinal da pulsão de vida e passa a ser entendido como um elemento secundário, funcionando na medida em que se articula com o processo de constituição do Eu como uma parte do Id.

Os andaimes teóricos que sustentam a doutrina freudiana são novamente mobilizados para dar forma a um novo paradigma sobre a constituição psíquica. É justamente às origens da vida anímica – inseparáveis de suas implicações clínicas – que se dirigem as especulações sobre a formação do aparelho psíquico. Essas reflexões surgem da tentativa de responder à inquietante questão: “o que está para além do prazer?” A partir dela, formula-se uma reorganização mais ampla da teoria.

Para isso, Freud parte de uma diversidade bibliográfica, toda uma fundamentação filosófica e científica, sobre a qual apresenta referências como Platão, Schopenhauer, Nietzsche, Fechner, Weismann, Lipschütz e outros, para dar subsídios a sua nova empreitada na “Bruxa”, um novo capítulo.

As implicações elaboradas ao longo dos 7 capítulos de *Além do princípio de prazer*, mesmo com toda importância que esse trabalho carrega, só apresentam o que podemos chamar de uma solução com a elaboração da segunda tópica, em 1923. Apesar disso, as obras que seguem após as hipóteses sobre a pulsão de morte impactam diretamente o avanço da teoria e da prática. *Psicologia das massas e análise do Eu*, de 1921, por exemplo, ao destacar mais a fundo o papel da identificação na origem do Eu, aponta para uma parte hostil do Eu que serve a esse impulso destrutivo presente em toda pessoa. Ianine e Tavares (2024) denotam, então, que essas articulações funcionam como sendo a baliza que “funda uma nova metapsicologia e uma nova clínica” (p. 23). No entanto, incidências desse princípio, além do prazer, podem ser encontradas nos primórdios da teoria psicanalítica.

Já em 1895, Freud destaca que o processo de descarga constitui a função primária do sistema nervoso que, pelo princípio da inércia neuronal, os neurônios tenderiam a se livrar do acúmulo de energia (Q). No entanto, esse processo é incompatível com as exigências da vida, que faz com que o sistema nervoso abandone a tendência original à inércia instaurando uma retenção necessária de energia para satisfazer exigências dessa ação específica (Freud, 1950 [1895]/1997). Um olhar atento pode enxergar o elo entre as duas obras. Há, aí, senão um resgate de ideias do *Projeto para uma psicologia científica*, uma forte influência. O que Freud vai afirmar, em 1920, a partir disso, é um acréscimo significativo à teoria das pulsões e que coaduna na sua hipótese da pulsão de morte, segundo a qual

uma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior, pressão que esse ser animado precisou abandonar sob influência de forças perturbadoras externas; ela seria uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferir, a manifestação da inércia da vida orgânica (Freud, 1920/2024, p. 131).

É sugerida aí uma nova concepção à natureza das pulsões, a de que toda pulsão busca um estado conservador. Importante lembrar que, em 1905 e em 1915a, a pulsão era compreendida como uma força que impulsiona à mudança ou ao desenvolvimento, exercendo uma pressão interna, exigindo do Eu uma elaboração subjetiva diante dos destinos da

satisfação sexual. Trata-se de um trabalho psíquico em resposta à tensão que a pulsão impõe. Era assim, então, que o princípio de realidade incidia na modificação do princípio de prazer, amenizando o desprazer que esse conflito poderia causar via o trabalho do Eu. Agora, no entanto, com uma nova concepção, o que está em jogo é que a pulsão pode ter como meta o prazer no desprazer, que a satisfação sexual pode ser secundária às intenções pulsionais, revelando a busca por um estado conservador através das repetições.

Junto ao caráter de compulsão à repetição, Freud (1920/2024) aponta outros dois fatos que o direcionam a se debruçar sobre esse ímpeto da pulsão em busca ao inorgânico. São, portanto, três fatos que o levam a se desdobrar em sua nova hipótese; junto à compulsão à repetição, ele descreve os sonhos traumáticos e as brincadeiras infantis. Cada um desses fatores conduz não somente a uma revisão teórica, mas também à técnica, já que tanto a repetição, seja nas brincadeiras das crianças ou na reapresentação sintomática, quantos os sonhos ganham um novo manejo na clínica.

Os sonhos repetitivos nas chamadas neuroses de guerra, ao revelar a ação até aquele momento enigmática em sua maneira de conduzir o paciente a rememorar as situações traumáticas, contradiziam a postulação do sonho como realização de desejo. As características repetitivas dessa ação levantavam a suspeita de que, ou toda a fundação da psicanálise teria sido construída sobre um equívoco, ou ela estaria servindo a uma outra tendência — distinta, mas simultaneamente atuante — que influenciaria tanto a organização do princípio do prazer quanto a do princípio de realidade.

Na mesma direção, a repetição, presente nas brincadeiras infantis trazia um esforço psíquico para elaborar determinados acontecimentos, com o intuito de dominá-los, a fim de obter satisfação de vivências que outrora haviam sido sofridas de formas passivas. Assim, Freud (1920/2024) nos revela o caráter ativo da pulsão de morte como a potência de sua força, a qual sua tendência estaria impulsionando o funcionamento do aparelho psíquico. É justo dizer que “trata-se de um conceito que está no âmago da psicanálise e revela uma dimensão que reside no cerne do aparelho psíquico” (Jorge, 2022a, p. 141).

A repetição, aliada à compulsão, é sobretudo uma forma de descarga que visa a restabelecer condições primitivas do organismo. Dessa maneira, a compulsão à repetição é aplicação da via pulsional na busca em recuperar um estado que é historicamente primitivo, marcado pela total ausência de energia, isto é, a morte. Essa manifestação da pulsão de morte permite acesso a esse conceito dentro da psicanálise, convidando a pensar de quais formas essa nova noção altera e acrescenta outras hipóteses psicanalíticas.

Inicialmente, é necessário considerar que, com o surgimento do conceito de pulsão de morte, originário de um domínio além do princípio do prazer, a teoria do conflito psíquico tende a passar por modificações. Até aquele momento, a concepção predominante sobre as pulsões se estruturava em torno da oposição fundamental entre as pulsões do Eu, associadas à autoconservação, e as pulsões sexuais. Em vista disso, Freud diz:

Encontro aqui a oportunidade para uma revisão de conjunto do lento desenvolvimento da nossa teoria da libido. A análise das neuroses de transferência compeliu-nos, de início, a oposição entre “pulsões sexuais”, dirigidas ao objeto, e outras pulsões, que só reconhecemos de maneira muito insatisfatória e que chamamos provisoriamente como “pulsões do Eu”. Entre elas deviam, necessariamente, ser reconhecidas em primeira linha pulsões que servem à autoconservação do indivíduo. Não podíamos saber quais outras diferenciações deveriam ser feitas (Freud, 1920/2024, p. 169).

A afirmação acima conduz ao arranjo que tendia a reunir as pulsões em dois grupos. A fim de acomodar a nova descoberta e a organização de um novo conflito pulsional, Freud passa a considerar as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais sob a égide da pulsão de vida. A pulsão de vida, introduzida também nessa obra de 1920, faz parte do processo gregário que visa à preservação do indivíduo, exercendo o papel de manejar a libido nas relações narcísicas e de objeto. A partir da hipótese da pulsão de morte, é que se tornou possível repensar a noção do conflito psíquico, realocando tanto o princípio de prazer quanto seu trabalho na autoconservação.

Percebe-se que Freud não rejeita o que já havia sido estabelecido até aquele momento sobre a primeira tópica, mas a pulsão de morte expande sua teoria em uma nova direção qualitativa. O conflito, anteriormente localizado entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, agora se transforma em uma oposição de caráter libidinal – entre os investimentos no Eu e nos objetos. Dessa forma, o conflito pulsional passa a ser entre pulsão de morte e pulsão de vida, ou como é nomeado, para dialetizar o conflito entre amor e destruição, Eros e Tânatos (Freud, 1920/2024).

A pulsão de morte é definida, então, como uma força intensa que flui continuamente na busca de esvaziar plenamente, por via de satisfação, o que levaria ao esvaziamento da vida (Freud, 1920/2024). As intensidades que dela resultam residem na transformação da vida anímica. É nessa direção que ao seu lado resiste a pulsão de vida, que não elimina as intensidades dessa força, mas a escreve em um corpo pulsional, encontra na via do sexual o

caminho para sua satisfação. É assim que, na clínica, essa teoria se apresenta pelo aspecto do corpo pulsional, o qual exige um trabalho que se traduz para além do prazer.

É de se notar, e o próprio autor deixa óbvio isso, que esse trabalho é marcado pela especulação, porém a especulação mais clínica possível. Os sonhos traumáticos, as repetições compulsivas, as ambivalências na transferência, todos esses fenômenos indagavam a partir da escuta clínica. Ao avançar no campo especulativo, Freud, em uma aventura na qual tentava definir os limites terapêuticos de sua prática, encontra também os limites em que o sujeito excede em suas paixões. Retoma a sua bruxa, por mais mapeada que seja, sempre incompleta, porém, resgatando a afirmação que o próprio autor impronta: sem ela não avançamos um passo à frente (Freud, 1937/2018). Surge daí a tarefa de traduzir dentro de um campo conceitual o excesso da vida psíquica que se repete.

O novo dualismo pulsional é, sobretudo, o campo em que a revisão teórica se encontra. A tese de que duas forças, supostamente opostas, mas que se unem e desunem em um conflito que coloca em modo de funcionamento a vida anímica, comanda a uma nova fase estrutural da psique. É apresentado aí, então, o elemento do desprazer ao lado da satisfação – prazer e desprazer coexistindo lado a lado em uma mesma forma de obter satisfação. Os sonhos traumáticos exemplificam bem essa tendência.

Em *A interpretação dos sonhos* (1900/2019) já se falava na possibilidade dos sonhos masoquistas: que poderiam existir sonhos os quais o desejo seria de punição. Nesse momento, o autor responde como sendo uma parte do Eu que por um forte sentimento inconsciente de culpa desejaria ser punido. Nas *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917/2014) retoma essa questão sobre o domínio da teoria do narcisismo. Aponta como sendo o fator pulsional que retorna para a própria pessoa, ou seja, um dos destinos possíveis da pulsão.

Nas duas hipóteses, as quais se complementam e destacam o avanço teórico em torno tanto dos sonhos como dos destinos pulsionais, o desprazer como meta é deixado de lado. Com um novo entendimento sobre a natureza das pulsões, é preciso compreender o desprazer como um efeito da meta da pulsão. Somente após 1923 e a formulação da segunda tópica é que veremos a reconciliação de Freud com essa temática dos sonhos traumáticos. Assim, em seu *Compêndio de psicanálise* (1940/2021), mesmo que inacabado, permite perceber o avanço tanto em sua técnica quanto em sua metapsicologia:

A tese de que o sonho é a realização de desejo facilmente enfrentará incredulidade, caso se recordem quantos sonhos têm um conteúdo diretamente penoso ou até mesmo

que conduzem ao despertar por meio da angústia, isso sem falar nos recorrentes sonhos que não têm tom de sentimento definido. Mas a objeção do sonho de angústia não resiste à análise. Não se pode esquecer que o sonho em todos os casos é o resultado de um conflito, uma espécie de formação de compromisso. O que é uma satisfação para o Isso inconsciente pode, por isso mesmo, ser motivo de angústia para o Eu (Freud, 1940/2021, p. 79).

Portanto, pela via dos sonhos traumáticos, Freud alcança a resposta à especulação do desprazer sentido pelo Eu ser uma satisfação em outra parte do aparelho psíquico, e essa outra parte comandar uma parcela muito maior da vida anímica. Assim, em *O Eu e o Id* (1923/2011), temos a apresentação de uma nova fase da metapsicologia. Nesse novo paradigma, o além de prazer permeia uma parte muito maior que o princípio de prazer. O Eu sendo uma parte modificada do Id, mas nunca separada, exemplifica o desprazer ao lado da satisfação.

O que está em voga nesse contexto e que permite a especulação de algo além de prazer é tratar esse além como “existe algo além disso”, existe algo e não somente o prazer. Os sonhos traumáticos e as brincadeiras infantis se assemelham na repetição compulsória de seus atos, de algum modo ambos os fenômenos trazem a repetição para o primeiro plano ao pensar o que se insere nesse além. O que se expressa na compulsão à repetição revela algo mais elementar que o princípio do prazer, sendo a característica própria da pulsão (Garcia-Roza, 2014).

Portanto, a repetição revela a pulsão como sendo um impulso inerente à vida orgânica e que visa a restabelecer um estado anterior, isto é, “o empenho mais geral de tudo o que é vivo de retornar ao repouso do mundo orgânico” (Freud, 1920/2024, p. 201). Contrariando a concepção inicial, somos compelidos pela especulação freudiana que repetição e resistência à mudança fazem parte do aspecto conservador da pulsão.

No entanto – e aí é importante ressaltar a visão otimista de Freud sobre as possibilidades em conquistar o título de humano –, esse caminho ao retorno do inanimado só é possível de ser alcançado pela via da pulsão de vida. Ao mesmo tempo em que serve aos ditames da pulsão de morte – ao mesmo tempo em que serve ao propósito natural da pulsão –, a pulsão de vida evita que a morte ocorra por outra via que não seja aquela correspondente ao que seria natural na ordem da lógica pulsional. Em outras palavras, o sujeito não pode morrer sem antes gozar da vida. Somente após a descoberta da pulsão de morte que esse novo paradigma teórico pôde ser alcançado.

## 2.2 Mais além de Eros

O que segue após a afirmação de que o objetivo de todo ser vivo é o estado de inorgância é um correlato do papel da pulsão de vida. O ato sexual, por exemplo, para Freud, constitui uma das experiências de maior descarga pulsional e excitação somática, representando uma manifestação intensa do princípio do prazer, ainda que não se confunda com ele. Trata-se de um momento em que a excitação atinge um pico, marcando a convergência momentânea de múltiplas vias pulsionais. Nesse exemplo, temos a representação da ligação entre Eros e Tânatos, uma demonstração do prazer regido pela ordem impositiva da pulsão de morte, já que “a ligação da moção pulsional seria uma função preparatória que deve dispor a excitação para a sua liquidação definitiva no prazer de descarga” (Freud, 1920/2024, p. 201). A afirmação freudiana revela que a pulsão de vida é o caminho para o mais além.

Seguindo para a obra que de fato apresenta os resultados contundentes anteriormente descritos em 1920, em o *Eu e o Id*, podemos notar que Freud não abre mão de um dualismo, algo que esteve presente ao longo de todo o desenvolvimento de sua teoria. A noção de conflito psíquico é atualizada com a nomeação de um novo dualismo pulsional. A existência de um conflito psíquico é crucial para a teoria psicanalítica; não existe divisão psíquica que não seja conflituosa. O que nos é apresentado, de forma mais madura em termos metapsicológicos e técnicos do que foi em *Além do princípio de prazer*, é como esse é o conflito que estava para fazer com que todos os outros se articulassem em um sentido mais amplo e trouxessem respostas a antigos impasses clínicos.

As obras que seguem entre 1923 e 1925 poderiam ser consideradas os novos artigos sobre a metapsicologia, pois é nítido o trabalho em reescrever, acrescentar e atualizar as discussões levantadas entre os anos de 1914 e 1916, as quais serviam de base para o trabalho clínico. São efeitos, obviamente, da descoberta de um novo conflito psíquico. Esses trabalhos descrevem a relação intrínseca entre pulsão de morte e pulsão de vida. Para além de um conflito, uma relação de intenção mútua. Dessa forma, a dualidade das pulsões, por mais conflituosa que seja, só é uma dualidade pela forma como cada parte se apresenta na busca de sua meta. Para seus fins, a intenção da descarga é a mesma.

Esse movimento do pensamento freudiano chega a sua constituição teórica mais madura ao responder – sem se afastar do seu método investigativo – a questões mais cruciais

da psicanálise enquanto uma ciência do humano. Psique e corpo, destruição e criação, atividade e passividade, movimento e causa do movimento, espírito e soma... as contradições mais pertinentes da divisão psíquica são postas pelo viés de uma outra ótica. Todas essas questões se fundem na ideia de um Eu corporal, ligado àquilo que temos de mais primitivo enquanto espécie, movido impetuosamente a se constituir entre os conflitos de prazer e desprazer, que se unem pela amálgama de Eros e Tânatos.

Além de apresentar uma segunda tópica, um segundo plano pelo qual decorrem os andaimes da teoria psicanalítica, *O Eu e o ID*, ainda mais que *Além do princípio de prazer*, expõe a relação íntima entre vida e morte, entre destruição e criação presentes em todo investimento afetivo, em toda relação entre um eu e um outro. Todas essas concepções ganham ainda mais evidência em *O problema econômico do masoquismo* (1924a/2020).

Os escritos de *O Eu e o Id* incidem diretamente nessa concepção de um mais além que não está alocado em espaço profundo, distante da vida subjetiva, afastado do imaginário e das fantasias, tal como em um baú trancado e que teve sua chave engolida. Não. Podemos ver que mais do que um princípio que se articula nas sombras da psique, um agente oculto, sua presença é constante e mais notável do que se imagina. Como o próprio autor coloca, no capítulo intitulado *As duas espécies de pulsões*, a questão a respeito da “finalidade e propósito da vida seria respondida de forma dualista” (Freud, 1923/2011, p. 51).

Essa nova proposta dualista se difere da anterior – pulsões sexuais e de autoconservação – na medida em que, dessa vez, o inconsciente e suas forças não estão em uma espécie de segundo plano ou simplesmente transformados qualitativamente em outras manifestações. As duas espécies de pulsões existem juntas e, mais do que isso, trabalhando em busca de um propósito, ambas

comportam-se de maneira conservadora no sentido mais estrito, ao se empenhar em restabelecer um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida. Este surgimento, seria, então, a causa da continuação da vida e, ao mesmo tempo, da aspiração pela morte, a própria vida sendo luta e compromisso entre essas duas tendências (Freud, 1923/2011, pp. 50-51).

Logo, inconsciente e consciente, a divisão psíquica, demonstrações de que nós humanos somos seres divididos, se confirmam na existência dessas duas tendências trabalhando juntas por vias distintas. Apresentamos isso no corpo, esse corpo que é psíquico, esse corpo que também se apresenta dividido, em inscrição na imagem que produz de si, no

espelho que a contradiz, na angústia que isso causa. Freud volta a afirmar isso ao final de seu texto. Para ele, o Id é a sede das pulsões e dele origina a impetuosa busca ao inorgânico, mas que, no entanto, isso não quer dizer que se digladia com Eros que estaria sob instigação do princípio de prazer. Como o próprio autor denota, “com isso tememos subestimar o papel de Eros” (Freud, 1923/2010, p. 74).

Este pensamento traz a máxima de que Eros nunca é puramente Eros, assim como Tântatos não é destruição total. Pensar a dualidade de forma dicotômica seria subestimar a potência criativa da pulsão de morte e idealizar em termos puramente positivos a dimensão sexual da vida. Se retomarmos a concepção do Eu na segunda tópica, veremos que prazer e desprazer não são sinônimos para Eros e Tântatos.

O Eu, efeito e responsável das percepções, capta as sensações internas e externas, percebendo o mundo interior e exterior, mas não necessariamente percepções conscientes. Esse trabalho é devido à proximidade íntima com o Id; pois, por mediação do sistema perceptivo, “o Eu é a parte do Id modificada pela influência do mundo externo” (Freud, 1923/2011, p. 31). As sensações percebidas nesse sistema ao qual o Eu se torna responsável fazem parte das tensões que põem o sujeito em movimento, delas originam as excitações correspondentes às definições de prazer ou desprazer, que não possuem ligação direta com a satisfação ou insatisfação do aparelho psíquico, elas estão mais ligadas, acima de tudo, às formas como o Eu age para resolver os conflitos.

Desde a fundação da psicanálise, o prazer está relacionado a diminuição das excitações enquanto o desprazer ao aumento delas. O aumento de excitação está ligado à insistência premente da satisfação pulsional, mediatizando a descarga e causando uma elevação de energia, gerando assim a sensação de desprazer:

As sensações de caráter prazeroso nada possuem de premente em si, mas as sensações desprazerosas têm isso em alto grau. Elas premem por mudança, por descarga, e, portanto, referimos o desprazer a uma elevação e o prazer a uma diminuição do investimento de energia (Freud, 1923/2011, p. 27).

É nítido, no entanto, em termos clínicos, que há tensões que são prazerosas, afinal, toda a segunda tópica é desenvolvida a partir e para explicar em termos metapsicológicos essa premissa. A percepção do desprazer é um efeito da ação do Eu em seu papel de agente de defesas. O que ele está defendendo? A destruição completa do indivíduo – a morte. Dessa forma, uma sensação de prazer pode inclusive ser contrária a uma demanda de satisfação;

quando o Eu age de forma contrária a uma satisfação pulsional por via do recalque ou de uma formação de compromisso, deixa de atender aquela parte do aparelho psíquico que busca a estabilidade da morte. Da mesma forma, um investimento objetal pode oferecer a sensação de prazer por estar sendo libidinalmente ligada satisfazendo uma pulsão, revelando que prazer e desprazer não são análogos a Eros e Tânatos.

Essa ação do Eu revela que esse possui uma grande parte que mantém contato direto com o que há de mais inconsciente na psique. Mais do que isso, porém, a estreita ligação das pulsões, ambas participando juntas da mesma meta. No texto supracitado, o autor destaca algo que confirma essa premissa. Em suas palavras: “O Eu costuma transformar em ato a vontade do Id, como se ela fosse a sua própria” (Freud, 1923/2011, p. 31).

Portanto, o Eu opera com a força motriz do inconsciente, retirando do Id a energia necessária que põe a pessoa em movimento rumo ao laço social. Ao Eu cabe a tarefa de como esse indivíduo se movimentará nesse laço, sendo sua, e apenas sua, a jornada que, ao final, será impossível não se render aos ditames da pulsão de morte. Sendo assim, estão, desde o início, na transformação de uma parcela do Id em Eu as duas espécies de pulsões. Há nas amarrações do Eu Eros e Tânatos.

Quando o sujeito é guiado ao mundo pelas ações que determinam e causam as sensações de prazer e desprazer, as suas percepções sobre si, sobre o seu mundo interno, aquilo que compreende como o mais íntimo da sua subjetividade, sobre o que compreende e se relaciona com realidade externa, as formas diversas como se relaciona com os outros e inclusive como o seu sofrimento, não deixa de estar presente a forma dual que opera no aparelho psíquico. A isto, basta que pensemos sobre a dualidade amor e ódio

O fator erótico do investimento libidinal não é essencialmente amor. Claro que Freud, em *Introdução ao Narcisismo* (1914a/2010), apresenta como amor tudo que possui o caráter de investimento libidinal. Para ele, amor é libido investida no objeto, aquilo que leva o humano a amar e trabalhar (Freud, 1912/2010). A afirmativa que propõe amar para não adoecer está intimamente ligada ao ato de investir energia psíquica para além de si. Além de olhar para essa obra como anterior à inauguração de um novo dualismo, cabe pensar que não é excluída a ambivalência presente em toda relação com o objeto.

Desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016) já é argumentado sobre como a ambivalência presente na relação mãe-bebê é um fator constituinte para o desenvolvimento da libido. Essa relação serve como modelo para a maneira como o indivíduo se relacionará com os objetos internos e externos, sendo, então, a ambivalência uma forma de

organização sexual que “pode se manter através da vida e atrair permanentemente grande parte da atividade sexual” (Freud, 1905/2016, p. 109).

Em outro momento, ainda nos ensaios de 1905, é enfatizada a inerência de um fator agressivo na libido, o que corresponde novamente a ambivalência presente nas formas de ligação entre sujeito e objeto. Esse fator libidinal faz parte daquilo que é nomeado de “aparelho de apoderamento”, ou seja, é uma função necessária para a maneira como aparelho psíquico busca assimilar o mundo externo e, conseqüentemente, as tensões que esse relacionamento gera internamente. A esse respeito Freud chega a afirmar que

crueldade e *pulsão* sexual estão intimamente relacionados, mas, na explicação desse nexos, não se fez mais que enfatizar o elemento agressivo da libido. Conforme alguns autores, essa agressividade mesclada à *pulsão* sexual é um vestígio de apetites canibalescos, ou seja, uma contribuição do aparelho de apoderamento que serve à satisfação da outra grande necessidade, ontogeneticamente mais antiga. Também se afirmou que toda dor, em si, já contém a possibilidade de uma sensação de prazer (Freud, 1905/2016, p. 53).

Então, de saída, já é estabelecido que as ligações libidinais, os investimentos afetivos, o amor como será chamado após inaugurar a teoria do narcisismo e que posteriormente será concebida como sendo um elemento de Eros – *pulsão* de vida, já carrega em si a ambivalência, fator conflituoso que acompanha todas as teorias a respeito da *pulsão* e da dinâmica do aparelho psíquico. O amor, no sentido amplo de Eros, é resultado da angústia do desamparo.

Se o amor na compreensão psicanalítica pouco tem a ver com a relação sexual enquanto ato, em tudo ele tem a ver com aquilo que coloca o sujeito no paradigma da sexualidade. O amor na compreensão estabelecida da visão freudiana é imprescindível daquilo que põe em movimento o circuito pulsional. Em seu texto sobre a psicologia das massas, Freud (1923/2011) especifica que esse amor, o Eros, tomado dos escritos do filósofo Platão, é o que une o sujeito à cultura, aquilo que o possibilita fazer laço: “o amor refreia o narcisismo, e poderíamos demonstrar que em virtude disso tornou-se fator de cultura” (p. 89). Esse Eros é a tradução mais elaborada, após 1920, do que já era especificado sobre a libido e a *pulsão* desde 1905.

O Eros, portanto, diz respeito às possibilidades de o ser humano estabelecer laços. Nessa união, possibilitada pelo fator erótico da *pulsão*, há espaço para além do prazer. Nessas

relações, nas quais o sujeito precisa sair de si mesmo e enfrentar o que o envolve na tentativa de uma retomada do Eu ideal do narcisismo primário, ele se coloca em posição de vulnerabilidade, abrindo-se aos agrados e desagradados que toda dinâmica relacional com o outro pode oferecer. Esse laço só é possível graças ao fator erótico que movimenta as pulsões. E, nesse fator erótico, diferente da tentativa reducionista do senso comum de vinculá-lo estritamente a tudo o que dá prazer, é possível também de existir o desprazer, as frustrações, o ódio.

O fator erótico, tão fundamental para a psicanálise, pois é através desse termo que a sexualidade é ampliada para além do coito, é o que permite pensar o além de Eros presente em toda amarração do laço libidinal. É nessa direção que Fortes (2012) aponta ao pensar o erotismo como a saída do amor narcísico para o amor na experiência da incerteza: “o erotismo aproxima-se da morte porque implica uma experiência de total perda dos limites referenciais do eu. A experiência erótica não deixa de ser um fascínio pela morte, morte da individualidade” (p. 53). Essa morte da individualidade a que a autora se refere descreve a relação na qual o sujeito, frente ao objeto de satisfação pulsional, não permite perverter um dos elementos mais importantes dessa ligação.

Como já mencionado no capítulo 1, em 1905, nos foram apresentadas as características fundamentais da pulsão: fonte; meta; objeto; e força. A fonte, é a fonte da pulsão, uma representação psíquica oriunda de um estímulo no corpo da ordem do sexual; a partir disso, a meta da pulsão é sempre a satisfação na tentativa de suprir uma demanda gerada nessa articulação que originou a representação acompanhada de sua carga efetiva entre o somático e o psíquico; o objeto, por sua vez, é aquele por onde a pulsão busca alcançar sua meta (Freud, 1905/2016; 1915a/2019); já a força, ou impulso, refere-se a medida de força que a pulsão exerce na busca por satisfação (Freud, 1915a/2019).

O conceito de pulsão, apesar de ser apresentado pela primeira vez em *Três ensaios*, pode ser observado em uma descrição que se assemelha a esse conceito no *Projeto para uma psicologia científica*, quando é mencionada a ocorrência de estímulos endógenos na sexualidade:

À proporção que [aumenta] a complexidade interior [do organismo], o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático — os estímulos endógenos — que também têm que ser descarregados. Esses estímulos se originam nas células do corpo e criam as grandes necessidades: como, respiração, sexualidade. Deles, ao

contrário do que faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se (Freud, (1950 [1895]/1997), p. 348).

Essa descrição no *Projeto* e, anos depois, relacionada estritamente à sexualidade nos *Três ensaios*, revela, sobretudo, que a sexualidade humana é totalmente diversa, enquanto nos animais há um mecanismo instintual, uma espécie de código genético, que estabelece parâmetros rígidos e inalteráveis. Assim, essa teoria das pulsões, como aponta Jorge (2022a), “é o resultado da apreensão da ocorrência universal de uma sexualidade que se manifesta sob uma aparência errática e súbida a uma lógica diferente daquela que rege os instintos animais” (p. 28). Sendo, portanto, nesse momento da teoria freudiana, o conceito de pulsão especificamente relacionado à sexualidade e, sobretudo, relacionado a Eros.

Um outro fator que se encontra nos *Três ensaios* e que faz uma referência direta ao texto do *Projeto* é a ação capaz de perverter a pulsão. Na tentativa de despatologizar diversas compreensões generalistas e algumas eugenistas sobre as formas de relações mediadas pela sexualidade, Freud (1905/2016) sugere que na visão psicanalítica o que determina o caráter patológico na sexualidade é o fator de fixação na meta ou no objeto da pulsão. Assim sendo,

Se a perversão não surge ao lado do que é normal (meta sexual e objeto), quando circunstâncias favoráveis a promovem e desfavoráveis impedem o normal; se, em vez disso, ela *recalca* e toma o lugar do normal em todas as circunstâncias - ou seja, havendo exclusividade e fixação por parte da perversão -, consideramos legítimo vê-la como um sintoma patológico (Freud, 1905/2016, p. 57).

Além disso, a elaboração freudiana sobre a sexualidade parte da premissa de que existe uma falta de objeto. É com base nessa ideia que a teoria da pulsão propõe que, não tendo um objeto fixo para pulsão, essa sempre se satisfaz de forma parcial. Agora, se retomarmos o pensamento maduro após o segundo dualismo pulsional, veremos que essa satisfação só pode ser parcial, pois a satisfação plena levaria ao estado inorgânico. Voltamos à máxima de que o fator erótico da libido perturbou o curso natural do organismo (Freud, 1920/2024). De que forma, então, isso se relaciona com o texto do *Projeto* e com o além de Eros? Jorge (2022a; 2022b) organiza de maneira didática essa relação, que usarei dela para continuar a discussão.

As formulações que Freud apresenta ao longo de sua teoria sobre as pulsões são organizadas por Jorge (2022b), a partir da leitura do retorno de Lacan a Freud, no aforismo de

que há um único vetor da pulsão: *das Ding* (a Coisa). A pulsão, que exige a todo custo realizar a sua meta, parte em busca de uma satisfação impossível de ser concluída. Isso porque “o objeto que daria satisfação plena à pulsão, esse objeto a que Freud chama de *das Ding* — a Coisa –, ele não existe, é um objeto suposto saber no aparelho psíquico” (Jorge, 2022a, p. 162). Não tendo, portanto, a Coisa, qualquer outro objeto pode ocupar esse lugar, desde que satisfaça parcialmente a pulsão.

A Coisa é apresentada por Freud no *Projeto* remetendo a um objeto inicial que foi perdido e que, a partir dessa experiência com esse objeto, foi possível ao ser humano conhecer, pois esse objeto se parece com o indivíduo e compõe a percepção, por se tratar de um outro ser humano: “nesse caso, o interesse teórico [que lhe é dedicado] também se explica pelo fato de que um objeto semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto hostil, além de sua única força auxiliar” (Freud, (1950 [1895]/1997, p. 383). Dessa experiência com o objeto é produzida uma impressão constante, permanecendo de maneira coesa como uma coisa (*das Ding*). Essa Coisa será então, para Lacan (1959-1960/2008), o vetor que irá estruturar o ser humano como um ser desejante. Esse objeto, no entanto, é por sua fundação perdido e jamais será reencontrado.

Por esse caráter da experiência do objeto perdido é que a pulsão jamais encontra a sua satisfação plena, uma vez que outros objetos, na medida em que lembram a Coisa, só podem chegar de forma parcial à satisfação. Novamente, Jorge (2022b), conclui que “por meio de sucessivos encontros, o objeto surge sempre como algo que foi perdido [...] desse modo, o caráter real da Coisa comparece sempre a cada vez que o sujeito reencontra o objeto” (p. 188).

A experiência com a Coisa marca, então, o indivíduo na busca incessante pela satisfação plena. É nessa organização que chegamos ao ponto de *Além do princípio de prazer*. Pulsão de morte e pulsão de vida agem juntas na busca de levar o ser humano ao estado pleno, essa busca é através da Coisa, o vetor que direciona a busca por satisfação. Nesse percurso, o que temos é a possibilidade erótica da experiência com o objeto e com a satisfação. É assim, portanto, que ilustro o além de Eros: há a busca impetuosa pela satisfação plena que foi perturbada pela ação da libido na satisfação sexual, agora ambas trabalham juntas, não podendo nunca experimentar a Coisa, nunca se esvaziando no objeto. A fixação no objeto compreende a vontade de se esvaziar nele, isso seria a perversão.

Dessa forma, no fator erótico, está presente a vontade de se esvaziar no objeto, ação que levaria à destruição, daí o objeto não poder se tornar fixo, a pulsão de vida adia a morte por via do amor, das ligações, do laço. Amor – a ligação afetiva da libido ao objeto – e o

apetite voraz por satisfação plena não se separam. Essa busca por um estado pleno de satisfação está sempre junto a Eros, está além, tal como duas pessoas em uma sala, onde está presente a pessoa A e além dela também está presente uma pessoa B, ambas coexistindo em um mesmo lugar. Podemos dizer que tanto a pessoa A com a pessoa B agem de acordo com aquilo que é proporcionado pelo espaço em que estão. Podemos dizer também que as duas pessoas agem em prol desse lugar comum, cada uma agindo com as suas características próprias, em uma relação dual, mas nunca dicotômica, pois estão a serviço desse lugar, em que se fazem presente para sua manutenção.

O estatuto do inconsciente é ético, não ôntico, já dizia Lacan (1953/1998), essa afirmativa retoma a ideia freudiana de que o inconsciente se estrutura tal como a cultura é estruturada, em uma dialética com o sujeito. O que é possível notar dentro dessas articulações sobre a ambivalência existente em toda relação amorosa é a de que o fator erótico é um componente fundamental nas pulsões. Nas demandas pulsionais, portanto, o que está em voga é a satisfação. Mas levanta-se um importante questionamento: o que ocorre se uma consegue mais satisfação do que a outra, ou seja, quando ocorre a perversão na meta ou no objeto? Esse questionamento não passa despercebido a partir da nova teoria de como se estrutura o aparelho psíquico e é por ela que seguirei.

### **2.3 Masoquismo e repetição: da posição passiva para a ativa**

É atribuída ao masoquismo significativa importância junto à organização psíquica em *Além do princípio de prazer*. Se a compulsão à repetição é tomada com o fenômeno que leva a considerar um prazer além de Eros, o que, dentro do funcionamento psíquico, permite suportar essa insistência repetitiva de um fator desprazeroso? É clichê na psicanálise supor que todo desprazer “suportado” seja efeito de uma posição masoquista. No entanto, como já mencionado no capítulo 1 desta dissertação, Freud inicia na obra citada uma nova compreensão do masoquismo para além da dor.

A importância participativa do fator masoquista está inerente à compulsão à repetição. A lógica em que se baseia essa visão parte do pressuposto de que, se existe uma força constante visando à destruição do organismo, buscando levá-lo ao estado inorgânico, há também uma força contrária que busca manter o indivíduo vivo. Há de se pensar que o fator que faz manter esse compromisso, possibilitando a manifestação da repetição, é o

masoquismo. Começa a surgir aí o que mais tarde será concebido como o masoquismo erógeno.

A especulação freudiana introduz que, inicialmente, a libido não estava ligada à pulsão de morte, existindo de forma independente, a isso Freud (1920/2024) destaca que somente após a perturbação do fluxo natural da pulsão que a energia psíquica, antes livre, é transformada em energia “parada”, ou seja, capaz de ser ligada psiquicamente. Esse fenômeno de transformar o que ele chama de energia livre em energia capaz de investimento é o que constitui o aparelho psíquico, uma vez que esse aparelho só se forma para dar conta desse movimento pulsional.

Anteriormente, Freud (1900/2019; 1911/2010) atribui o trabalho de constituição do aparelho psíquico ao advento do conflito entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, com esse último interferindo na forma como a libido se organiza, resultando na divisão das instâncias psíquicas. Esse conflito entre as que são consideradas, até então, duas tendências gerais da vida anímica, também conclui o funcionamento psíquico relacionado ao princípio da economia de gastos, no qual uma parcela da psique se apega a fontes que um dia geraram um forte prazer, recusando-se a abandoná-las.

Essa é a condição na qual se origina o grande conflito pulsional entre pulsões sexuais e pulsões do Eu. De um lado, temos as pulsões sexuais servindo à lógica do inconsciente, movido pelo princípio de prazer; do outro, temos o Eu, que surge na mediação com o princípio de realidade. Assim,

a suspensão da descarga motora (da ação), que se tornou necessária, foi arranjada mediante o processo de pensamento que se formou a partir do imaginar. O pensar foi dotado de características que permitiram ao aparelho psíquico suportar a elevada tensão dos estímulos durante a suspensão da descarga. Trata-se, na essência, de uma ação experimental em que são deslocadas quantidades menores de investimento, com menor dispêndio (descarga) delas. Isso requeria uma conversão dos investimentos livremente deslocáveis em investimentos fixos, o que foi alcançado ao se elevar o nível de todo o processo de investimento. É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que se elevou acima do mero imaginar e se voltou para as relações entre as impressões de objetos, e apenas através da ligação a resíduos verbais tenha adquirido novas qualidades, perceptíveis para a consciência (Freud, 1911/2010, p. 114).

Já era, portanto, pensada a constituição psíquica a partir de um movimento capaz de transformar a energia livre em energia fixa. Esse pensamento é retomado em *Além do princípio de prazer* e postulado, agora, como um evento secundário. Dessa forma, a organização que inaugura o conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade é posterior ao movimento da ligação entre a libido e a pulsão de morte. O aparelho psíquico, como é esboçado em 1920 – já que só será de fato inaugurado em 1923 –, surge como um efeito do alto investimento, só podendo afluir do interior desse aparelho.

É em *O problema econômico do masoquismo*, onde de fato é nomeado que esse movimento se dá no encontro entre pulsão de morte e a libido. Essa afirmação não só reorganiza as bases da constituição psíquica como realoca o princípio do prazer. O que é demonstrado no ensaio de 1924a sobre o masoquismo é o que nos permite retornar às observações de *Além do princípio de prazer* e compreender de qual maneira o masoquismo participa na fundação da organização do aparelho psíquico. A nós é demonstrada a íntima relação entre a amálgama das pulsões e a participação do masoquismo, ao passo que esse enlace é apontado por Freud como sendo uma nova visão sobre o masoquismo. Em suas palavras:

Se retrocedermos um pouco até a suposição dos dois tipos de pulsão que consideramos operantes no ser vivo, chegamos à outra derivação que, no entanto, não contradiz a mencionada acima. Nos seres vivos (pluricelulares) a libido se enfrenta com a pulsão de morte ou destruição neles dominante, que procura desintegrar esse ser celular e levar cada um dos organismos elementares ao estado de estabilidade inorgânica (mesmo que seja apenas relativa). Sua tarefa é tornar inofensiva essa pulsão destrutiva [...] é nessa parte que temos de identificar o masoquismo erógeno originário (Freud, 1924a/2020, p. 292).

Essa nova derivação possibilita a retirada do masoquismo como um fator estritamente perverso e permite inscrevê-lo como constitutivo. Dessa mesma forma, permite também repensar o que seria o fator perverso do masoquismo. Por ora, interessa propor que essa derivação é que viabiliza a transformação da energia livre em energia de investimento. Seguindo essa nova compreensão, é importante passar à relação entre a compulsão à repetição, que aparece como manifestação do além de prazer, e o fator masoquista que auxilia na amálgama das pulsões.

Aqui se torna necessário destacar dois tempos, ou duas características, do fenômeno da compulsão à repetição. O primeiro deles trata da repetição aliada ao caráter conservador da pulsão; mais próxima dos processos primários, é considerada como fator autônomo, energia livre que busca esvaziar-se, e irreduzível ao conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade, sendo, portanto, “o caráter mais geral das pulsões” (Laplanche e Pontalis, 2016, p. 83). O segundo tempo da repetição é mais próximo da organização do Eu e do conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade. Nele, a compulsão à repetição se apresenta no símbolo mnemônico do sintoma neurótico. Bem representada no ensaio *Recordar, repetir e elaborar*, de 1914b, trata-se, portanto, de uma forma inconsciente de recordação que se atualiza na intersecção do processo analítico.

Ambos os momentos da repetição possuem relação com o movimento pulsional e, conseqüentemente, a evolução da organização psíquica; uma participando ativamente do caráter conservador da pulsão de morte, naquilo que está no nível mais profundo do inconsciente e, assim, no inconsciente dinâmico; o outro momento, por uma ação defensiva do Eu, se oferece ao trabalho analítico no nível do inconsciente descritivo. O primeiro tempo, portanto, repete o mais arcaico do estado inicial da pulsão, aquilo que foi afastado pelos fatores externos, enquanto o segundo tempo repete “respeitando” as exigências de tais fatores.

Nesse primeiro momento da compulsão à repetição se encontram os primórdios da conquista de um aparelho psíquico, fator que, até onde conhecemos em termos psicanalíticos, é uma atribuição específica do ser humano. O aparelho psíquico surge exclusivamente pela insistência da pulsão de aniquilamento e para lidar com a insistência dessa força. Uma vez que é no desvio dessa pressão destrutiva que se pode nascer Eros, assim, como a tese principal de *O mal-estar na cultura* (Freud, 1930/2023), capaz do ser humano existir, que se constitui uma vida anímica.

Não se trata, portanto, de algo dado, mas de uma conquista. Dessa forma, não há uma maneira única, um caminho geral, pelo qual essa organização se constitui. O que temos é uma especulação desse plano pelo qual se desdobram os andaimes. É nisso, e por isso, que a maneira como cada um lida com a força da pulsão ou com aquilo que o inscreve em uma dinâmica de alienação parte da singularidade de cada ser. Aqui a proposta é justamente pensar esse plano e como a participação de um aspecto masoquista, inerente à compulsão da força pulsional, pode nos permitir articular os fatores psíquicos não com o suportar a dor em si, mas como cada um lida com a força da pulsão na dinâmica do seu desejo.

Sabendo disso, a questão que fica é: como a compulsão à repetição se torna um dos principais fatores na constituição psíquica? Lembremos da grande dúvida de Freud a respeito da compulsão à repetição na obra de 1920: “Ficamos na dúvida se a pressão para elaborar psicologicamente com algo impressionante, para se apoderar disso plenamente, pode manifestar-se de maneira primária ou independente do princípio de prazer” (Freud, 1920/2024, p. 83).

As chamadas neuroses traumáticas, os sonhos punitivos e as brincadeiras infantis são denominados, então, como tentativas de elaboração de uma experiência traumática. Essa é a conclusão à qual Freud chega para a compulsão à repetição no nível do conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade, ou seja, trata-se do segundo momento da compulsão à repetição, algo já descrito em 1914b. Através da representação do *fort-da*, o autor percebe que esse é um mecanismo do psiquismo de reviver a experiência traumática a fim de controlar a angústia que advém dessa vivência, subvertendo a cena, saindo da posição passiva para a posição ativa.

Essa superação do trauma, por meio de uma transposição de posições, representa uma conquista do Eu na tentativa de conciliar os ditames do princípio de realidade com a demanda pulsional. Assim, a criança, afetada pela vivência na posição passiva, “colocou-se então em um papel ativo, repetindo-a como brincadeira, embora tal vivência tenha sido desprazerosa. Esse esforço poderia ser atribuído a uma pulsão de apoderamento que passa a ser independente do fato da lembrança ter sido prazerosa ou não” (Freud, 1920/2024, p. 81).

No entanto, quando a repetição atinge o nível da compulsão, ela revela a exigência da pulsão em direção à sua meta. Em outras palavras, essa repetição com caráter de apoderamento segue repetindo-se pelo fator conservador inerente a toda pulsão que busca a plena satisfação. Sendo assim, o trabalho de apoderamento do Eu, que se atualiza na transferência analítica, corresponde à transformação de energia livre em energia investida.

Esse é um dos caminhos que leva Freud a conjecturar uma parte do Eu em constante contato com o inconsciente, uma nova aquisição sobre a divisão psíquica. Dessa forma ele propõe que isso só pode ser evitado se a oposição não for entre consciente e inconsciente, mas entre o Eu coerente e a parte que permanece recalado, pois

grande parte do Eu é com certeza propriamente inconsciente, justamente aquilo que podemos chamar cerne do Eu; apenas uma parte mínima dele cobrimos com o nome de pré-consciente. Após essa substituição de um modo de expressão puramente

descritivo por um modo de expressão sistemático ou dinâmico, podemos dizer que as resistências do analisando provêm do seu Eu (Freud, 1920/2024, p. 89).

É dessa forma, portanto, que Freud atribui esse momento da compulsão à repetição ao recalco inconsciente, que só pode se manifestar quando o trabalho de análise diante da neurose de transferência foi capaz de afrouxar o recalco. Já a origem da compulsão à repetição está diretamente ligada ao caráter conservador da pulsão, pois, segundo Freud, “parece mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer por ela deixado de lado” (Freud, 1920/2024, p. 99).

Todo o capítulo IV e também o V de *Além do princípio de prazer* seguem como uma especulação a respeito de um novo entendimento sobre a organização psíquica, agora se pautando e levando em consideração a força da pulsão de morte. Não só um além de prazer move para um novo dualismo pulsional como também para uma nova elaboração do que mais tarde será apresentada como a segunda tópica do aparelho psíquico. Devem-se essas novas considerações a uma nova compreensão acerca da natureza da compulsão à repetição.

A tendência à vida surge para lidar com a morte. O que parece paradoxal está no cerne da tese freudiana sobre a constituição psíquica, pois “todas as pulsões querem estabelecer algo anterior” (Freud, 1920/2024, p. 133). Essa afirmação de que a própria condição de vida é algo que surge para lidar com a morte, nos leva diretamente à assimilação de que é nesse domínio da vida sobre a morte que o aparelho psíquico surge. Na condição de dominar a força destrutiva, é preciso surgir uma estrutura que dê conta de barrar a compulsiva repetição que se inclina para estabelecer sua meta final, a morte.

O domínio do princípio do prazer só começa depois que as exigências de ricas fontes de excitações no interior do organismo – como a pulsão de morte – atuam no intuito de esvaziar-se. É a energia livre que flui rumo a satisfação. É tarefa então de camadas elevadas do psiquismo ligar essa energia aos fins pelos quais o organismo seja satisfeito sem se destruir. Trata-se, portanto, de adiar a satisfação. Para Freud (1920/2024), esse movimento tem o efeito de uma neurose traumática. A pulsão pressiona com o intuito de concluir sua meta, no adiamento dela se encontra a compulsão à repetição, uma vez que essa dinâmica seria análoga à elaboração psíquica.

Cada novo domínio da libido sobre a insistência da pulsão de morte é análogo à elaboração que o Eu busca fazer diante do trauma. Assim, a pulsão de morte insiste e persiste, seja na compulsão à repetição em nível independente do princípio de prazer, que tenta romper com Eros a fim de se esvaír, seja no nível das ligações realizadas pelo Eu com o intuito de

encontrar um sentido para o traumático. Cabe-nos, então, a seguinte organização, agora usando elementos do que nos fornece Freud em 1923.

A força da pulsão que aflui do Id encontra-se dominada pela libido, é a transformação da energia livre em energia de investimento. É a transformação, ou melhor, a mescla da pulsão de morte com a pulsão de vida, Tânatos e Eros juntos, prazer e além de prazer trabalhando juntos para o caráter conservador da pulsão. Essa é a descrição do primeiro momento da compulsão à repetição. É a dinâmica que perturba o curso “natural” da pulsão e o obriga a criar a estrutura que dará conta desse movimento. Percebe-se que a força advinda do Id continua a persistir, mas agora se manifesta pela ação de Eros. Aqui é onde Id passa a ser o recalcado, em termos topográficos, e de onde se formará o aparelho psíquico.

Com essa força em contínua insistência e a organização do princípio de prazer, surge a superestrutura chamada de Eu para dar conta dessa força agora de outra maneira. O que ocorre agora em uma outra organização é a compulsão à repetição tal como é descrita no texto de 1914. Nas manifestações repetitivas, a força da pulsão continua pressionando, mas agora a realização de sua meta pode ocorrer mesmo oriunda de um evento traumático, pois o que está em voga aí é que mesmo os eventos que causam desprazer são altamente investidos sexualmente, devem, portanto, seguir a mesma lógica do caráter conservador da pulsão que se manifesta através de Eros.

É dentro disso que o masoquismo se apresenta com uma nova roupagem. Mais uma vez, farei uso do acréscimo dado a essa nova concepção do masoquismo fornecida em 1924a. A libido, na ação de fazer inócuo o aspecto destrutivo da pulsão de morte, cumpre essa função ao desviá-lo para fins sexuais. No entanto, o fator específico dessa dinâmica não faz esse movimento, ele resta e torna-se parte da excitação sexual ligada com a libido, isto é, uma parte dessa libido permanece no organismo a fim de continuar o enlace com a pulsão de morte, dando fins propriamente sexuais. Esse é o aspecto denominado por Freud de masoquismo erógeno e, portanto, uma peça constitutiva do aparelho psíquico. Nessa direção o autor afirma:

Se estivermos dispostos a tolerar alguma imprecisão, podemos dizer que a pulsão de morte atuante no organismo – o sadismo originário – seria idêntica ao masoquismo. Depois que sua parcela principal foi deslocada para fora, na direção dos objetos, permanece no interior, como resíduo, o verdadeiro masoquismo erógeno, que, por um lado, tornou-se um componente da libido, e, por outro, ainda tinha o próprio ser como objeto. Assim, esse masoquismo seria uma testemunha e uma resquício daquela fase

de formação em que ocorreu a confluência – tão importante para a vida – entre pulsão de morte e Eros (Freud, 1924a/2020, p. 293).

O que nos fornece essa afirmativa, quatro anos após a descoberta da pulsão de morte, é que o masoquismo auxilia na transposição do efeito do impulso destrutivo para o enlace de Eros. O elemento erógeno que surge quando a libido se liga à pulsão de morte e que permanece é o que Freud nomeia de masoquismo erógeno, assim, possibilitando inferir que é esse fator masoquista que participa auxiliando para que a pulsão possa continuar insistindo em sua meta, enquanto possa também servir a investimentos eróticos.

Desse modo, com a participação do masoquismo nessa dinâmica da amálgama das pulsões, temos uma outra virada teórica, a de que o masoquismo é anterior ao sadismo e pode ele também ser uma parte ativa da pulsão. Interferindo ativamente como um fator erógeno, auxilia na “transformação” da pulsão de morte em a pulsão de vida.

Em diversos momentos de *Além do princípio do prazer*, o autor aponta que o efeito da compulsão à repetição no aparelho psíquico pode ser entendido como uma tentativa de elaboração em uma determinada experiência na qual existiu um alto grau de investimento sexual. Os traumas, os sonhos pós-guerra e as brincadeiras infantis são repetições que manifestam essa tendência psíquica. Outro acréscimo significativo a respeito disso é que, nessa tentativa de elaboração, o sujeito repete na posição ativa aquilo que vivenciou na posição passiva. É devido a isso que a interpretação freudiana de que o *fort-da* do menino era uma encenação da cena em que a mãe se distanciava, porém, pela brincadeira, controlava a cena e, conseqüentemente, sua angústia diante do abandono.

Como há dois momentos da compulsão à repetição, é possível pensar que a repetição em que o Eu desloca, através da transferência, experiências de grandes investimentos sexuais segue o modelo em que a insistência da pulsão de morte foi movida como um fator erótico a fim de preservar a vida. Esse pensamento se apoia na ideia apresentada pelo próprio autor de que a transformação no aparelho psíquico é causada por uma sequência de altas exigências internas. Pois,

mesmo um sistema altamente investido é capaz de receber energia adicional fluente, de transformá-la em investimento quiescente, portanto, de “ligá-la” psiquicamente [...] talvez possamos dar lugar à suposição de que a “ligação” da energia que flui para o aparelho anímico consista em uma passagem do estado de livre influência para o estado quiescente (Freud, 1920/2024, p. 177).

Com os acréscimos que temos, então, sobre reelaboração tópica de 1923, podemos chegar ao seguinte esquema sobre o que se apresenta aqui a respeito tanto da influência da pulsão de morte para a estruturação do aparelho psíquico, como para a participação do masoquismo nessa transposição pulsional de posições. Assim, Eros é a forma ativa que o psiquismo conquistou para lidar com a passividade diante da exigência repetitiva da pulsão de morte. Já a posição ativa da compulsão à repetição é uma maneira que o psiquismo, agora mais estruturado com as instâncias estabelecidas, encontra para lidar com a passividade diante do trauma. O masoquismo, pelo efeito da amálgama das pulsões, é o fator que suporta essa repetição por nela existir alto grau de investimento sexual.

Pensar a compulsão à repetição, que já se apresentava muito antes de a pulsão de morte ser descoberta, agora como efeito de um sistema além do prazer, abre um leque para que seja revisitada tanto a teoria das pulsões como a própria organização da vida anímica. Como já disse antes, a obra de 1920 se torna, assim, um marco, causando uma virada em toda teoria psicanalítica. O mais importante, talvez, seja que, a partir de um além de prazer, os limites psíquicos ainda estejam em uma grande penumbra, precisando serem redescobertos.

#### **2.4 A redescoberta do inconsciente: a reelaboração da tópica**

Somente a especulação de 1920 não carrega a suficiência para a compreensão da potência da pulsão de morte ou da transformação teórica a qual ela implica. O autor já dá notícias ao final do seu escrito sobre o quanto essas descobertas influenciariam no decorrer dos anos posteriores. Diz ele: “Só aqueles crédulos que exigem da ciência um substituto para o catecismo abandonado levarão a mal o pesquisador por desenvolver ou por até mesmo reformular seus pontos de vista” (Freud, 1920/2024, p. 205).

É possível notar aí algo já destacado anteriormente, o quanto a metapsicologia freudiana caminha ao lado dos seus avanços clínicos. Assim, tal como ocorreu em sua formulação da primeira tópica, em 1900, que serve como o andaime para o levantamento da estrutura pela qual a técnica avança, é necessário que seus pontos de vista sejam agora colocados em um novo plano.

Os problemas teóricos que o novo dualismo pulsional explana não se sustentam em uma reformulação parcial de sua teoria, uma vez que tais problemáticas não parecem encontrar soluções na técnica. Freud, desde 1900, conseguia explicações técnicas a partir das

construções em volta de sua tópica, ou seja, a partir dos fatores topográficos, dinâmicos, econômicos que sua elaboração de aparelho psíquico, regido pelas instâncias inconsciente, pré-consciente e consciente, assim o permitiam. Sua tópica, plano que ilustra todo o movimento da vida anímica, em sua linguagem metapsicológica, não é o suficiente para os fundamentos de um além do princípio de prazer ou do fator desprazeroso da compulsão à repetição. Em outras palavras, a primeira tópica não alcança por si só a nova teorização sobre as origens das pulsões.

É por isso que a pulsão de morte aparenta estar silenciada até 1923. Freud parece esperar que suas investigações clínicas lhe deem a segurança necessária para uma modificação que alcance o novo sentido capaz de modificar a teoria, ao mesmo tempo, que tais mudanças alcancem também a complexidade dos fenômenos clínicos. Essas implicações desencadeiam uma resolução, ou melhor dizendo, uma reformulação com a elaboração da segunda tópica, sendo descritivamente apresentada em *O Eu e o Id*.

A proposta do texto de 1923, de que somente uma pequena parte do Eu integra o sistema pré-consciente-consciente, impele a ir contra a ideia de um Eu não recalcado, como aponta Garcia-Roza (1985). Essa mudança, que se mantém a partir da concepção teórica do Eu como agente de defesas — estreitamente ligado ao sistema mais próximo da consciência —, modifica-o não apenas em seu aspecto descritivo, mas também em seu funcionamento dinâmico, pois, embora ligado à consciência, o Eu também possui uma parte inconsciente. Essas alterações só ocorrem após um percurso que leva o pai da psicanálise a uma redescoberta do inconsciente.

De fato, os principais fatores que levam à reconstrução da segunda teoria do aparelho psíquico encontram-se em *Além do princípio de prazer*. Há um grande movimento após o advento da pulsão de morte que culmina em uma redescoberta do inconsciente. É em vista disso que Laplanche e Pontalis (2016) apontam que, por mais que diversos motivos tenham levado Freud a reformular sua concepção sobre a gênese da psique, o processo de identificação, após o caráter da pulsão de morte, desempenha um papel de grande influência nesse aspecto constitucional.

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* — uma resposta elegante ao texto de Gustav Lebon —, Freud (1921/2011) aborda o processo de constituição do Eu por uma direção que concerne com o desenvolvimento da libido, em uma evolução teórica que a considera no mais sublime movimento de Eros destacado em 1920. Nessa obra, vemos não somente essa evolução do pensamento psicanalítico como também uma relação madura das investigações dos textos metapsicológicos como *Introdução ao narcisismo* (1914a/2010) e *Luto e*

*melancolia* (1917b [1915]/2010). Assim, destaca a identificação como “a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto” (Freud, 1921/2011, p. 65).

Apesar de nada muito novo a respeito da identificação, tendo em vista que sempre compareceu na doutrina freudiana como um processo fundamental na constituição psíquica, seu processo é reeditado aqui como capaz de moldar o Eu através da introjeção de modelos identificatórios. A ligação afetiva da libido surge como escolha amorosa, e essa regride para a identificação, o que molda o Eu no trabalho de constituição psíquica por conta desse mecanismo. Sendo assim, esse investimento assume a característica do modelo objetal através da introjeção total ou parcial do objeto (Freud, 1921/2011).

As ideias de *Introdução ao narcisismo* são retomadas aqui a partir das instâncias ideais que contribuem para uma parte hostil do Eu, agora com ainda mais ênfase sobre a importância delas na constituição psíquica, pois esse processo “desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo” (Freud, 1921/2011, p. 60). Já as postulações de *Luto e melancolia* são usadas para exemplificar que no Eu, devido ao processo de introjeção no efeito da identificação com as figuras paternas e com os objetos perdidos, reside uma contraparte conflituosa, que se separa dele e cria ideais que subjagam o sujeito moralmente. Freud afirma isso ao propor que

em ocasiões anteriores (“Narcisismo”, “Luto e melancolia”) fomos levados à suposição de que em nosso Eu se desenvolve uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele. Nós a chamamos de “ideal do Eu” e lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência *no recalque*. Dissemos que é a herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradualmente ela acolhe, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu. Constatamos, além disso, que no delírio de observação se torna patente a decomposição dessa instância, desvelando sua origem nas influências das autoridades, sobretudo dos pais (Freud, 1921/2011, p. 67).

As considerações de *O Eu e o Id* acompanham, portanto, uma transformação que se inicia em 1920, mas que faz parte de todo um movimento freudiano de repensar a organização psíquica. Se retomarmos a obra de 1915c, *O inconsciente*, veremos que há ali a

busca de uma atualização mais precisa sobre o aparelho psíquico e suas manifestações. Nessa obra, Freud volta a descrever a sua, até então, única tópica, abordando algumas outras declarações sobre uma perspectiva de desenvolvimento do aparelho psíquico, como apresentada três anos antes em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*.

Nessa obra de 1915c, é reafirmado que o inconsciente surge a partir do processo de recalque, que pode ser de dois tipos: um recalcado que está sob uma perspectiva dinâmica; e outro capaz de consciência – latente –, que é só então em um sentido descritivo. Partindo disso, Freud reapresenta a sua tópica, descreve então sendo: o inconsciente dinâmico (ics), esse inconsciente recalcado; o pré-consciente (pcs), o inconsciente puramente descritivo e capaz de ser acessado e mais próximo da consciência (cs), juntamente com o sistema perceptivo (pcp), anteriormente visto com mais ênfase em *Além do princípio do prazer* ao demonstrar a importância da percepção para a constituição do aparelho psíquico.

Apesar disso, essa diferenciação apresenta limitações práticas que, após a descoberta de um novo dualismo pulsional, se tornam insuficientes. Tal problemática é destacada por Freud logo no início da obra, que vai mergulhar em uma nova ideia de organização psíquica. Repensar a compulsão à repetição como característica da pulsão de morte revela que o inconsciente pode comportar-se da mesma maneira que algo que foi recalcado, o que quer dizer que um conteúdo do inconsciente pode exercer grande poder e ter efeitos no psiquismo sem se tornar consciente. Isso traz mudanças na técnica, pois

para a prática psicanalítica, a consequência dessa descoberta é que deparamos com inúmeras obscuridades e dificuldades, se mantemos a nossa habitual forma de expressão e, por exemplo, fazemos derivar a neurose de um conflito entre o consciente e o inconsciente (Freud 1923/2011, p. 21).

É sobretudo na organização do próprio Eu que se presenciam essas insuficiências. Se as resistências psíquicas são inconscientes e elas partem do Eu, este por sua vez, e é isso que Freud conclui, possui uma parte inconsciente. Tal conclusão gera consequências para a compreensão do aparelho psíquico; o inconsciente continua a abranger todo o recalcado, porém percebe-se que nem todo inconsciente é recalcado. Essa parte inconsciente do Eu, “e sabe Deus o quão importante é ela” (Freud, 1923/2011, p. 22), revela que também não pode ser pré-consciente e fazer parte do sistema pcs-cs, pois, se assim fosse, seria acessada sem grandes problemas.

As consequências dessa ampliação do inconsciente, a qual chamo aqui de uma redescoberta do inconsciente, culmina na diminuição de protagonismo no conflito entre inconsciente e consciente. A inconsciência dos processos psíquicos torna-se ambígua, certa de que já não se pode mais retirar dela conclusões abrangentes sobre a teoria das neuroses, porém, sem negligenciá-la, “pois a qualidade de ser consciente ou não é, afinal, a única luz na escuridão da psicologia das profundezas” (Freud, 1923/2011, p. 22).

Há, a partir disso, uma recapitulação para reformulação da tópica do aparelho psíquico. Faz-se necessária uma nova articulação para que se torne possível ter um plano teórico, uma base contundente para os novos andaimes metapsicológicos dessa que pode ser considerada uma nova fase na psicanálise. Se anteriormente foi dito que é difícil compreender uma teoria e uma prática psicanalíticas que se sustentem sem pensar o dualismo entre pulsão de morte e pulsão de vida, torna-se ainda mais problemático sustentar esse pensamento quando se nega a validade da segunda tópica freudiana.

A reorganização da tópica parte do seguinte esquema teórico: pela ação da percepção consciente – da mesma apresentada no esquema da primeira tópica em 1900 e depois nos artigos metapsicológicos – se atribui a origem do Eu. A influência do mundo externo, mediante a percepção, transformou a parte mais primitiva da psique, aquela que é sede das paixões. Para Freud o ser humano é, antes de tudo, um Id, inconsciente em sua totalidade, sendo alterado em grande parte por influência da percepção, assim fazendo surgir o Eu, concebido, portanto, entre relações de percepções externas e internas, cujo núcleo é abrangido pelo sistema pcs-cs. O Id é, então, essa outra parte que abarca o ics, e que configura lugar das paixões, prevalecendo em sua essência o princípio do prazer. Assim,

é fácil ver que o Eu é a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do Pcp-Cs, como que um prosseguimento da diferenciação da superfície. Ele também se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o Id e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no Id (Freud, 1923/2011, p. 31).

Percebe-se nisso um movimento ético do criador da psicanálise em reapresentar as novas descobertas sem descredibilizar ou abandonar toda a construção teórica que possibilitou a criação do método psicanalítico de tratamento das afecções psíquicas. Nessa nova articulação, é colocada sobre o Eu a função de agir sobre as demandas de prazer do Id.

É possível notar que não fica clara uma separação entre as duas instâncias, realocando outra perspectiva para o conflito psíquico.

A noção de conflito antes entre inconsciente e consciente, que norteou em muito as técnicas clínicas durante as duas primeiras décadas da psicanálise, se reformula para ser pensada entre Id e Eu. Além disso, Freud assinala que, dentre essa herança do Eu, por ter se originado do Id por influência do sistema pcp, cabe a noção de um corpo psíquico. Isso quer dizer que as sensações advindas das percepções formam uma noção de um Eu que, “sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície” (Freud, 1923/2011, p. 32). Essa afirmação de um Eu corporal leva a pensar que não são só fatores das profundezas, mas também aqueles mais próximos do Eu, do sistema perceptivo, podem ser também inconscientes.

A redescoberta do inconsciente suscita também retomar o antigo impasse ressaltado em *Luto e melancolia* e articulado posteriormente em *Psicologia das massas e análise do Eu* – a da instância crítica capaz de subjugar de maneira inconsciente a consciência. Como destacado em 1921, o Eu se torna coeso a partir das identificações com o objeto, o que torna as relações fundamentais em sua origem. Em *Introdução ao Narcisismo e Luto e Melancolia*, já é indicado que algo se transforma no indivíduo por meio dessas identificações. Em 1923, Freud aponta que essa transformação dá origem ao Supereu, que, por vezes, em *O Eu e o Id*, se confunde com a noção de Ideal de Eu, não deixando claro, em alguns momentos, qual é um e qual é o outro: “os motivos que nos levaram a supor que pode ser no Eu, uma diferenciação em seu interior que pode ser chamada de “Ideal de Eu” ou Super-eu, foram explicitados em outros trabalhos” (Freud, 1923/2011, p. 34).

Essa instância crítica, que desde *Luto e melancolia* aparece como uma parte essencial da vida anímica, é concebida como a representante das reações mais julgadoras das escolhas de amor do Eu. Essa perspectiva propõe que o Supereu ergue-se na dissolução do complexo de Édipo, já que ele é herdeiro das primeiras identificações, ou seja, das figuras paternas, que se manifestam até como uma autoridade, um representante da lei moral dentro do psiquismo, concomitante à proibição do incesto, resultado da indentificação com o laço social. Conforme Freud (1923/2011):

podemos supor, então, que o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra. Essa alteração do Eu

conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu (p. 42).

Podemos definir agora o pressuposto que marca a reformulação da primeira tópica para a segunda: Os sistemas propostos anteriormente continuam com suas determinadas funções – Ics, Pcs e Cs, fazendo parte da consciência o sistema Pcp; agora as instâncias são colocadas como Id, Eu e Super-eu. Dessa forma, é possível estabelecer um paralelo entre os conceitos para entender a formação da segunda tópica freudiana.

O Eu é formado a partir das identificações originais do Id que foram abandonadas, ou seja, ele representa a parte que se “desprende” do Id devido às percepções internas e externas. O Id, por sua vez, é a instância mais primitiva do psiquismo, sendo a fonte das pulsões. Como o Id é regido pelo princípio do prazer, ele continua a buscar satisfações. Já o Eu, ao se manter em contato com o mundo externo, assume a função de guardião do aparelho psíquico, protegendo a integridade do sujeito e impedindo que ele se destrua ao ceder totalmente às demandas do Id. Nesse sentido, o Eu exerce a função de mediador, conciliando as exigências do Id com o princípio da realidade.

Contudo, devido às identificações iniciais do Id, o Eu precisa, ao longo de sua formação, abandonar certos objetos, mas sem abandonar os investimentos psíquicos que vinculam o sujeito a eles. Esses investimentos acabam sendo transferidos para uma nova instância. Assim, surge o Supereu, com a finalidade de proteger a integridade do Eu, mas, por ser herdeiro do complexo de Édipo, das proibições morais, e por ser uma formação reativa às exigências do Id, segue mais ligado ao Id do que à consciência, funcionando, devido a isso, como uma instância altamente repressora.

Toda essa transformação da tópica freudiana só se tornou possível após as elaborações em *Além do princípio do prazer*, com o advento da pulsão de morte. É nítido o salto teórico e o impacto no trabalho clínico, razão pela qual Freud se empenhou, nos anos seguintes, a atualizar sua teoria, agora sobre a égide da segunda tópica. Um claro exemplo disso é a elaboração de uma teoria constitutiva do masoquismo: o autor usa do masoquismo para resolver impasses tanto em torno do princípio do prazer, como da satisfação advinda da pulsão de morte, concretizando o masoquismo, enquanto teoria, como essencial para a constituição do aparelho psíquico.

## Capítulo 3: A dimensão masoquista da vida

### 3.1 A satisfação masoquista e a constituição do aparelho psíquico segundo Freud

No capítulo anterior, argumento que em 1920 ocorre não apenas uma reformulação na concepção da origem do aparelho psíquico, mas também uma revalorização do desprazer como elemento central na constituição psíquica. Essas reflexões, no entanto, não são necessariamente novas, já haviam sido abordadas em *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]/1997). Já nesta obra nos é apontado que o sistema nervoso é moldado pela tensão que surge no seu interior em decorrência das exigências da vida, mas, sobretudo, para se proteger das sensações de desprazer<sup>3</sup>. Interessa apresentar, mais do que já foi feito até aqui, como o masoquismo participa desse processo.

Em uma breve menção do que viria a ser aprofundado em *Eu e o Id* (1923/2011), Freud descreve, em *Além do princípio de prazer* (1920/2024), que a modificação que o princípio de realidade insere no princípio de prazer foi responsável apenas por uma pequena parte das experiências de desprazer, e que a mais intensa delas é oriunda do próprio aparelho psíquico. Toda essa veemência desprazerosa se origina nos conflitos e nas divisões internas do próprio aparelho ao longo de seu processo de evolução, rumo a formas mais complexas de organização, isto é, para as formas conhecidas na segunda tópica.

Devemos, em vista disso, tomar o Eu e o seu processo de constituição como uma espécie de guia que nos conduz a conhecer as transformações no âmago do aparelho psíquico, uma vez que é através desta instância que reconhecemos o processo de cisão e constituição da vida anímica. Desde o *Projeto*, o Eu é apresentado como um fator significativo para a estruturação psíquica, principalmente no que tange ao prazer e ao desprazer. Ali, o Eu atuaria como o regulador, afastando o desprazer através de percepções mnêmicas de sensações desagradáveis. Assim, especula Freud, “se o ego existe, ele deve inibir os processos psíquicos primários” (1950 [1895] /1997, p. 376), atuando, dessa maneira, desde muito cedo na teoria freudiana, como um defensor frente a processos capazes de gerar alto nível de tensão no psiquismo.

Tanto 1895, quando é apresentada uma proposta sobre a estruturação psíquica, quanto em 1920, ao repensar essa constituição, é possível observar que o aparelho psíquico se desenvolve por meio da superação das excitações ligadas ao desprazer em direção à

---

<sup>3</sup> Capítulo 1 desta dissertação.

predominância do princípio de realidade. Isso ocorre, pois, tanto a concepção do aparelho psíquico de 1895 quanto a ideia de compulsão à repetição compartilham um mesmo fundamento: o princípio de constância.

Entre o *Projeto*, em 1895, e *Além de princípio de prazer*, em 1920, nós temos mais de duas décadas nas quais todas as elaborações sobre as manifestações psíquicas e a metapsicologia giram em torno do aparelho psíquico moldado no conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade. Isso fica ainda mais evidente em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/2010), em que também se encontram incidências que sustentam a hipótese de que o masoquismo tem um papel significativo nessa constituição.

No ensaio de 1911, Freud elabora, a partir da divisão entre os dois princípios que regem a atividade anímica, que as pulsões obedecem aos processos primários do aparelho psíquico e que tais processos se empenham ativamente em ganhar prazer. Tal tendência é nomeada como princípio de prazer. Essa atividade, reconhecida por ele como primitiva, na não obtenção de sua meta, libera o aumento de tensão interna reconhecido como desprazer. Essas sensações desprazerosas poderiam levar o aparelho psíquico à destruição. É em torno disso e, dando contorno às demandas pulsionais por outros meios, que incide o princípio de realidade.

É em meio a esse conflito, em que o princípio de prazer é modificado em decorrência da atividade do princípio de realidade, que se inicia a cisão no aparelho psíquico que culmina no desenvolvimento do Eu. Nessa direção, Freud (1911/2010) recorre ao conceito de um Eu vinculado inteiramente ao princípio de prazer, submetido ao momento em que os processos anímicos eram totalmente primários. Em seguida, sugere a transformação desse Eu primitivo, de Eu-de prazer em Eu-realidade, o que ocorreria no estabelecimento do princípio da realidade. Essa transformação que se estabelece com a constituição do Eu, “na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda (Freud, 1911/2010, pp. 116-117).

Podemos notar nessas afirmações de 1911 que esse desprazer constitutivo possui a mesma essência da descrição em 1920, apresentado como pulsão de morte. Dessa manifestação, surge a cisão que mais tarde, em 1923, será postulada como a parte do Id que se separou, originando o Eu coerente. Além disso, esse Eu arcaico, ao que tudo indica, começa a se manifestar a partir da intrincação pulsional sobre a qual se encontra toda a ideia do masoquismo erógeno.

Essa intrincação pulsional, como busco apresentar aqui, é o que inaugura toda a modificação estrutural do psiquismo e que possibilita formular a compreensão sobre a tópica

freudiana. Tal intrincação é por excelência a representação da amálgama da pulsão de vida e da pulsão de morte, ou seja, o masoquismo é por definição freudiana a fusão que Eros realiza junto a pulsão de morte (Freud, 1924a/2020).

É importante lembrar que é a partir dessa formulação que se resolve a questão em aberto desde 1905, sobre o problema econômico do masoquismo. O masoquismo, na segunda tópica, estabelece o mecanismo que leva ao bom funcionamento do princípio do prazer:

O princípio de prazer é portanto uma modificação levada ao princípio de Nirvana, modificação que a libido traz ou impõe à lei do funcionamento (princípio de Nirvana) da pulsão de morte. Podemos utilizar, com esse propósito, a metáfora do paralelograma de forças: as duas forças, pulsão de morte e pulsão de vida, dão uma resultante que é o princípio do prazer. Essa modificação só pode acontecer, é claro, supondo o que chamamos de intrincação pulsional, a ligação da pulsão de morte pela libido (Rosenberg, 2003, p. 79).

Dessa importante integração entre as pulsões surge o masoquismo erógeno, “que por um lado tornou-se componente da libido, e, por outro, ainda toma o próprio ser como objeto” (Freud, 1924a/2020, 293). Essa afirmação de Freud coloca o masoquismo como um considerável componente das fixações libidinais no interior do aparelho psíquico. Até mais além, o sadismo remete diretamente a novas formas de investimentos tais como as do processo de narcisismo. O sadismo, o masoquismo projetado para fora, “pode ser novamente voltado e introjetado para dentro, de modo que regride à sua situação anterior. Isso resulta, então, no masoquismo secundário, que se somaria ao originário” (Freud, 1924a/2020, p. 294).

Nesse sentido, o masoquismo influencia o bom funcionamento do processo regulador que se manifesta no princípio do prazer e também sua intrincação visa a modificar a força agressiva da pulsão de morte. Suportando-a em um primeiro momento, o componente masoquista da libido é o que transforma a energia livre da pulsão de morte em energia capaz de investimento. Para Rosenberg (2003), esse é o pontapé que origina toda a modificação da estrutura do aparelho psíquico, sendo “o momento formador, da primeira estruturação do Eu arcaico, que se constitui em torno do núcleo masoquista erógeno primário e da lei que rege seu funcionamento, o princípio do prazer” (p. 81).

O que afirma Rosenberg (2003) é que a força insistente da pulsão de morte, o fator desprazeroso no aparelho psíquico, só pode ser sentido como prazer a partir do componente masoquista gerado pela intrincação pulsional. Não se trata apenas de suportar o desprazer,

mas de retirar dele satisfação, o que ocorre a partir do investimento feito por Eros, sempre composto por um além. É por esse motivo que não pode ser chamado de outra forma que não seja masoquismo.

Isso nos convida a refletir sobre o papel da sexualidade como elemento essencial tanto para os investimentos objetivos quanto para o processo de transição do Eu-de-prazer ao Eu-realidade. Freud observa que a excitação sexual carrega “o caráter de desprazer” (1905/2016, p. 123), e, com base nessa perspectiva, Fortes (2012) propõe considerar o aspecto erótico do masoquismo um tipo de prazer que, ao coexistir com a dor, se manifesta como uma vivência intensa e de força eruptiva.

Quando Garcia-Roza (2014) sugere que “não é da morte que Freud nos fala quando se refere à pulsão de morte, mas da vida” (p. 94), nos convoca a pensar que se trata do jogo em que a força da pulsão insere o sujeito na busca pela criação na vida. Essa força excitatória seria um problema se não houvesse ali o masoquismo para incidir sobre ela, suportá-la e retirar desse funcionamento um prazer. Para Freud, isso se inicia no momento do autoerotismo, quando ali o masoquismo torna inócua a destrutividade,

Desviando-a em grande parte - e logo com ajuda de um sistema orgânico especial, a musculatura - para fora, contra os objetos do mundo exterior. Recebe, então, o nome de pulsão de destruição, pulsão de empoderamento, vontade de poder. Uma parte dessa pulsão é colocada diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante (Freud, 1924a/2020, p. 292).

Pode-se compreender essa ação como uma capacidade do psiquismo de regular a tensão a um nível que permita transformar o desprazer em uma forma de satisfação. Fortes (2012) reitera a importância em se destacar esse componente. Para a autora, é relevante destacar que se trata de um movimento de natureza libidinal, mas que não visa à descarga imediata, uma vez que a tensão permanece no organismo, sustentada pela excitação sexual. Essa dinâmica revela uma experiência em que a dor se associa ao erótico, caracterizando um tipo de masoquismo que implica também uma erotização sexual, não sendo, portanto, à toa que Freud o denomina de masoquismo erógeno.

Portanto, esse conjunto de evidências teóricas sinalizam a incidência do masoquismo na constituição psíquica. Esse é o fator que suporta a excitação sexual antes que seja descarregada. Para Rosenberg (2003), funciona como um verdadeiro guardião da vida. Birman (2016) sugere pensar os caminhos que levam ao autoerotismo que surge como a

manifestação da intrincação pulsional investida no corpo, pois, para ele, “o dito masoquismo erógeno seria constitutivo do autoerotismo” (Birman, 2016, p. 239). Afinal, como o próprio criador da psicanálise apresenta, ao se tornar componente da libido, o masoquismo erógeno ainda tem seu próprio ser como objeto, nesse corpo que é, sobretudo, alvo de Eros.

### 3.2 Sobretudo, um corpo erotizado

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), Freud descreve o autoerotismo como uma fase em que a satisfação das pulsões se direciona exclusivamente ao próprio corpo, sendo este a fonte da gratificação obtida por meio das zonas erógenas. Na mesma obra, ele destaca que a pulsão ocupa uma posição liminar entre o somático e o psíquico, funcionando como um elo entre esses dois domínios, algo que mais tarde é reiterado no ensaio sobre as pulsões de 1915a.

Esse mesmo movimento é apontado em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/2010) como sendo o momento em que o Eu-de-prazer perfaz seu caminho ao Eu-realidade. Já em *Introdução ao narcisismo* (1914a/2010), outra obra que é marcada sobre avanços na compreensão do aparelho psíquico e da sua importância na metapsicologia, Freud destaca o autoerotismo como sendo o momento anterior ao narcisismo e a fase inicial da constituição da vida anímica que resulta na formação do Eu.

Em 1924a, em *O problema econômico do masoquismo*, é sugerido então que o masoquismo perfaz esse caminho em cada uma dessas concepções do autoerotismo que, é claro, se complementam: primeiro a partir do investimento no próprio ser que se deu a partir da intrincação pulsional, em seguida pela satisfação da tensão através da própria musculatura, tendo a sexualidade como via. Desta maneira, o masoquismo erógeno está presente em todas as fases de desenvolvimento da libido, apropriando-se das diferentes formas psíquicas que ela assume ao longo desse processo (Freud, 1924a/2020).

Vale ressaltar que, no autoerotismo, o corpo do bebê constitui-se como o primeiro objeto de investimento libidinal, sendo a satisfação pulsional mediada pelas diversas zonas erógenas. Isso indica que nunca houve um tempo em que a relação objetal estivesse ausente (Garcia-Roza, 1985), pois desde o início há uma vinculação libidinal ao próprio corpo, mesmo que de modo perverso e polimorfo. Ao afirmar que a incidência da libido sobre a pulsão de morte a coloca a serviço da função sexual, Freud (1924a/2020) abre caminho para o movimento destacado aqui: é justamente por meio da intrincação pulsional que se configura a relação autoerótica. É dessa forma que Rosenberg (2003) articula:

O masoquismo é o local-limite onde as coisas se atam; ao atarem-se a pulsão de vida e à pulsão de morte, constitui-se o primeiro núcleo psíquico durável [...] é ali que o sujeito se reconhece a si mesmo, e é ali que se dá o nascimento do Eu arcaico que funda o sujeito. O masoquismo é assim a fonte de temporalidade-duração interna, e irá se tornar, ou já o é, o primeiro esboço da vida auto-erótica (masoquista), ou então primeiro esboço da perversão (polimorfa) infantil (Rosenberg, 2003, p. 102).

Essa etapa revela-se fundamental para a compreensão da intrincada articulação pulsional que sustenta a vida psíquica do sujeito, pois é justamente por meio desse componente que se torna possível o surgimento do investimento objetal. Assim, o que se destaca como ponto central é que a intrincação pulsional se apresenta na sua relação com o objeto, ou mais precisamente, na sua representação. Esse objeto é simultaneamente investido por duas forças pulsionais: de um lado, a pulsão de morte, que busca fragmentá-lo, desintegrá-lo; de outro, a libido, que atua no sentido oposto, tentando preservá-lo como objeto de investimento. Desse modo, enquanto a pulsão de morte promove a desagregação, a libido trabalha para manter a coesão. “A libido procura ligar ali onde a pulsão de morte tende a desligar. O objeto torna-se assim a condição, o cimento da intrincação pulsional, o mediador dessa última” (Rosenberg, 2003, p. 101).

Com isso, podemos olhar mais atentamente ao que Freud (1911/2010) descreveu quando indica a transição de Eu-de-prazer para o Eu-realidade, porém sendo acrescentada nesta formulação a participação do masoquismo erógeno. É plausível, portanto, evidenciar esse aspecto masoquista como importante para essa transformação. Apesar disso, é possível notar que esse aspecto se encontra dentro das articulações propostas em *O Eu e o Id*, uma vez que ela não se anula, apenas é colocada dentro do que se estabelece com a marca da segunda tópica, e como isso se expressa na ideia mais madura de um Eu que é também corporal.

As formulações desenvolvidas por Freud em 1923 seguem a linha de pensamento segundo a qual uma parte do Eu permanece inconsciente, precisamente aquela submetida ao princípio do prazer e ligada ao que há de mais primitivo no ser humano. Em *O Eu e o Id*, a transformação do Eu pela introdução do princípio da realidade já é uma teoria madura. No entanto, em consonância com as investigações freudianas desse período, observa-se um movimento inverso: a tentativa de aprofundar-se nos percursos mais arcaicos e inconscientes dos quais o Eu se constitui.

Nesse contexto, o chamado Eu-de-prazer, mencionado por Freud em 1911, pode ser compreendido como uma expressão inicial do Eu, que começa a se diferenciar do Id na busca por uma certa “autonomia”. Esse processo, profundamente influenciado pelas exigências do princípio de realidade, marca o início das funções mais elaboradas do Eu, já sob a perspectiva da segunda tópica. Tal desenvolvimento evidencia, mais uma vez, a relevância da intrincação pulsional – especialmente aquela que dá origem ao masoquismo erógeno – como elemento fundamental na constituição psíquica.

O que Freud (1923/2011) define, quando apresenta a sua reformulação tópica, é que o Id, enquanto sede das pulsões, possui uma força própria, ao passo que o Eu opera a partir de energias derivadas do Id, empenhando-se em regulá-las. Uma de suas funções mais complexas é justamente mediar as exigências pulsionais com as imposições do mundo externo. Contudo, para exercer essa mediação, o Eu precisa inicialmente distinguir-se do Id – processo que ocorre sob a influência do sistema perceptivo (Pcp). Nesse percurso, evidencia-se que é por meio do corpo que se originam tanto as percepções internas quanto as externas. No entanto, devido ao aumento de tensão provocado pelas exigências do Id, é a percepção interna de desprazer que se impõe como o principal vetor dessa diferenciação, fazendo com que o Eu seja compreendido, sobretudo, como um Eu corporal:

O corpo, principalmente sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente. É visto como um outro objeto, mas ao ser tocado produz dois tipos de sensações, um dos quais pode equivaler a uma percepção interna. Já se discutiu bastante, na psicofisiologia, de que maneira o corpo sobressai no mundo da percepção. Também a dor parece ter nisso um papel, e o modo como adquirimos um novo conhecimento de nossos órgãos, nas doenças dolorosas, é talvez um modelo para a forma como chegamos à ideia de nosso corpo (Freud, 1923/2011, pp. 31-32).

Como já foi apresentado, esse Eu é objeto de alto investimento desde muito cedo. Por isso, a afirmação de que a saída para suportar o desprazer se dá através da intrincação pulsional, onde o próprio corpo é alvo da pulsão, que o usa para dominá-la. Assim, torna-se precisa a afirmativa de Rosenberg (2003) sobre a amálgama pulsional, que se dá no nível orgânico, ser também o representante primordial da vida anímica.

Sendo assim, de saída, o Eu é erogeneizado pela ação própria do psiquismo em sua conquista de dominação das exigências internas. Portanto, tais considerações apresentadas sobre a importância do masoquismo na constituição psíquica não estão aqui de forma

deliberada. Já nessa mesma obra de 1923, Freud se questionava em como se dava a amálgama das pulsões e qual seria seu ponto de partida, algo que viria a ser postulado um ano depois, respondendo algumas das questões levantadas nesse período:

Ainda não podemos conceber de que modo *as pulsões* das duas espécies se ligam, misturam, amalgamam *umas com as outras*; mas que isto sucede regularmente e em larga medida é uma suposição inescapável em nosso contexto. Devido à ligação dos organismos elementares unicelulares em formas de vida pluricelulares, haveria êxito em neutralizar *a pulsão* de morte da célula singular e desviar os impulsos destrutivos para o mundo externo, por meio de um órgão especial. Esse órgão seria a musculatura, e *a pulsão* de morte se manifestaria então – mas provavelmente só em parte – como *pulsão* de destruição voltado para o mundo externo e outras formas de vida. Havendo admitido a concepção de uma mescla [ou junção] das duas espécies de *pulsões*, impõe-se-nos a possibilidade de uma - mais ou menos completa – disjunção *dessas pulsões*. No componente sádico *da pulsão* sexual teríamos o exemplo clássico de uma mescla *pulsional* adequada a um fim; no sadismo que se tornou independente como perversão, o modelo de uma disjunção, embora não levada ao extremo. Então se descortina para nós um largo âmbito de fatos, que ainda não foi considerado sob essa luz. Percebemos que *a pulsão* de destruição é habitualmente *posta* a serviço de Eros para fins de descarga (Freud, 1923/2011, pp. 51-52).

Antes mesmo do estado de narcisismo, Freud (1915a/2019) já aponta, ainda no autoerotismo, a ideia de um Eu-sujeito formado nessa ação em que o aparelho psíquico lida com a transformação e amálgama das pulsões. Assim, a relação entre sujeito e objeto, de acordo com as postulações no ensaio sobre as pulsões, já se encontra presente nas primeiras experiências com a pulsão. O que o autor propõe é que “a oposição Eu-Não-Eu (fora), (sujeito-objeto), conforme já mencionamos, impõe-se ao indivíduo desde muito cedo, através da experiência de que ele pode silenciar os estímulos externos por meio de sua ação muscular, mas é indefeso contra os estímulos pulsionais” (Freud, 1915a/2019, p. 51).

Apesar de essas declarações parecerem destoar do enunciado em *Introdução ao narcisismo*, escrito um ano antes, em que é dito que o Eu é a ação psíquica que surge com o narcisismo, vê-se tratar de outro viés. O exposto em 1915a, na verdade, contribui para visão de que o Eu não é uma força que se materializa de forma mágica em um determinado ponto no desenvolvimento, mas que é resultado de uma evolução constitutiva no psiquismo. E mais

do que isso, de que a constituição se inicia no processo que toma o Eu como objeto de alto investimento da libido, sendo, portanto, de saída, um Eu erogeneizado.

Todavia, esses pressupostos vão em direção à concepção de as demandas pulsionais serem as responsáveis pela divisão psíquica e, conseqüentemente, a constituição do aparelho psíquico. Mas é fundamental lembrarmos que a incidência do outro, a díade mãe-filho, é um fator inerente a essa constituição psíquica. Pois,

O Eu, na medida em que é autoerótico, não tem necessidade do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às vivências das pulsões de autopreservação, e não pode deixar de sentir estímulos pulsionais internos por certo tempo como desprazerosos. Sob o domínio do princípio do prazer ocorre nele um novo desenvolvimento. Ele toma para si, em seu Eu, os objetos oferecidos, desde que eles sejam fontes de prazer, introjeta-os (Freud, 1915a/2019, p. 53).

No atoerotismo, a incidência do objeto externo já marca o psiquismo que está em desenvolvimento; já está ali, como prazeroso, o contato com esse ser que acalenta e traz satisfação ao corpo do infante. Lembremos, portanto, do Eu ser corporal, de que é ele mesmo efeito também de uma superfície (Freud, 1923/2011). Na articulação que Freud realiza sobre esse aspecto corporal do Eu com a dor, pode-se acrescentar que esse Eu é erogeneizado.

Ainda no trabalho de 1915a, Freud destaca um processo fundamental: a projeção do desprazer como um mecanismo por meio do qual o Eu busca exercer controle sobre uma porção da tensão interna. Nesse contexto, o autor afirma que o Eu

expele o que dentro dele se torna causa de desprazer. Ele se transforma, assim, do inicial Eu-real, que diferenciava interior e exterior segundo uma marca distintiva objetiva, em um Eu-prazer purificado, que coloca a marca distintiva do prazer acima de todas as outras. O mundo externo está para ele dividido entre uma parte prazerosa, que incorporou a si, em um resto que lhe é estranho. O Eu extraiu de si uma parte, que projeta no mundo externo e sente como hostil (Freud, 1915a/2019, p. 55).

Percebe-se que o processo descrito nesse momento estabelece uma relação com o masoquismo erógeno, especialmente no que diz respeito à projeção da pulsão sádica. Em suas reflexões, Freud (1924a/2020) sugere que esse movimento tenha como finalidade lançar para o exterior uma parcela da pulsão de morte que não conseguiu se articular à libido,

possibilitando, assim, um controle do desprazer. Posteriormente, essa pulsão poderia ser reintegrada de maneira menos destrutiva, abrindo caminho para a transformação do psiquismo.

Rosenberg (2003) propõe que o instante em que ocorre a projeção dessa porção da pulsão de morte – identificada como o sadismo originário – corresponde também ao momento em que o Eu pode se configurar como um reservatório libidinal, livre das interferências destrutivas que comprometem sua organização. O que seria, então, um reservatório de libido surge, na verdade, como defesa contra essa pulsão de morte.

Se partirmos sobre uma perspectiva cronológica do desenvolvimento psíquico, tal como é proposta pela psicanálise, não há incompatibilidade com o narcisismo se levarmos em consideração o masoquismo primário. No modelo da primeira tópica, o narcisismo é concebido como uma fase em que o Eu representa o principal reservatório da libido, marcado por uma aparente coesão psíquica e antecedendo os investimentos objetivos. Contudo, com a introdução da segunda tópica, essa concepção é reformulada: o Eu deixa de ser um centro autônomo de distribuição da libido para ser entendido como uma instância que emerge do Id, estruturada a partir das identificações e submetida a forças conflituais — tanto da realidade quanto das exigências do Supereu e dos impulsos inconscientes. Nesse novo arranjo, o narcisismo não desaparece, mas é relido à luz das tensões entre as instâncias psíquicas, o que permite uma articulação mais consistente com a presença do masoquismo primário.

Todavia, para que haja o estado de narcisismo, é preciso que o masoquismo erógeno aconteça. Pode-se assim apresentar que o Eu só acontece pela erogenização masoquista. Essa fase marca a saída do autoerotismo para o estado de narcisismo, por ser o local e a etapa de unificação das pulsões, mais especificamente, onde se encontra a catexia libidinal formadora do Eu-sujeito (Freud, 1915a/2019).

Essa aproximação metapsicológica permite que olhemos para as relações objetivas enxergando tanto o trabalho narcísico realizado pelas forças da pulsão de vida, assim como para a participação da parte mortífera da pulsão. Se o quadro em torno da teoria do narcisismo é intimamente ligado às forças da pulsão de vida, a teoria do masoquismo, por mais que seja desenvolvida somente uma década depois, dá um passo atrás e se relaciona com o que há de mais primitivo no organismo. Essa é a marca de um momento anterior ao narcisismo, mas que impacta toda estruturação do aparelho psíquico.

Ao tratar da possibilidade de a pulsão se dirigir ao objeto tanto de forma ativa quanto passiva, Freud (1915a/2010) já propõe que o investimento objetal expressa essa duplicidade pulsional, antecipando a ambivalência que, a partir de 1920, será associada à articulação entre

pulsão de vida e pulsão de morte. Nesse sentido, se a amálgama entre essas duas pulsões – particularmente evidente no masoquismo erógeno – está na base do investimento libidinal no objeto, então tal investimento se constitui, por sua própria natureza, como ambivalente. De um lado, uma força que busca manter o vínculo; de outro, uma tendência à sua dissolução. Uma que liga e outra que visa romper o laço:

O caso do amor e do ódio adquire um interesse especial, dada a circunstância de se ajustarem ao nosso enquadramento da apresentação das pulsões. Não se pode duvidar da íntima relação entre esses sentimentos opostos e a vida sexual, mas se deve relutar em conceber o amor como uma espécie de pulsão parcial específica da sexualidade como as outras. Preferiríamos considerar o amar como sendo a expressão de toda aspiração sexual, mas com isso não avançamos muito, nem chegamos a saber como se deve compreender um contrário material dessa aspiração (Freud, 1915a/2019, p. 49).

A partir de 1920, com a reformulação da teoria pulsional, o conflito fundamental passa a ser compreendido como a tensão entre Eros e Tânatos. Conseqüentemente, os conflitos psíquicos passam a se manifestar principalmente nas relações objetais – tanto na relação do sujeito com seu próprio Eu quanto com os objetos externos. A expressão simultânea de amor e ódio ilustra essa amálgama pulsional. Freud (1924a/2020) indica que é no vínculo com o objeto, ou seja, no corpo, que se dá a intrincação pulsional. Nesse ponto, a ambivalência já está presente, pois a intrincação pulsional não dá origem a uma nova pulsão, mas promove a convergência de forças opostas – de vida e de morte – sobre o mesmo investimento: a relação objetal.

Sob essa perspectiva, o autoerotismo já revela uma forte ambivalência pulsional, o que pode explicar a intensidade e a proximidade entre prazer e desprazer nessa fase inicial. Isso ocorre porque a libido busca neutralizar os efeitos destrutivos da pulsão de morte ao deslocá-la para as funções sexuais. Vale lembrar que nesse estágio ainda não existe uma instância psíquica capaz de organizar e integrar as pulsões, algo que apenas se estabelece na fase seguinte, que é o narcisismo. É nesse novo momento que o Eu começa a se constituir de forma mais coesa, adquirindo a capacidade de mediar as experiências de desprazer e prazer. Isso tudo remete ao percurso necessário do psiquismo para a sua formação mais elaborada e dividida entre instâncias e organizada entre inconsciente e consciente.

Ainda há o que ser explorado quanto à influência do masoquismo erógeno na constituição do aparelho psíquico. Um dos desdobramentos metapsicológicos possíveis diz

respeito ao trajeto que envolve a introdução da agressividade originalmente projetada sob a forma de sadismo. Freud (1924a/2020) sugere a possibilidade de que parte dessa agressividade seja deslocada para a constituição do Supereu, instância que se forma a partir das identificações estabelecidas no complexo de Édipo, como já indicado pelo autor em 1923. Mais do que isso, há também de indicar: o que há no masoquismo para além da dor.

### 3.3 Masoquismo frente ao desamparo

O discurso psicanalítico sempre se propôs a mover o aqueronte<sup>4</sup>, assim, o novo plano para a construção dos andaimes, a nova tópica, busca ser uma base mais sólida dentro desse cenário. O masoquismo, promovido a uma posição fundamentalmente constitucional, estreita suas relações com as instâncias do aqueronte anímico. Dor e desprazer nem sempre são sinais de alarme, mas podem se transformar em alvos pulsionais. Freud (1923/2011) chega a essa conclusão ao se desdobrar sobre o fenômeno da reação terapêutica negativa e a proximidade entre masoquismo e Supereu.

Sobre os andaimes do masoquismo, o modelo primordial, o erógeno, serve como base para outras duas manifestações: o masoquismo feminino e o masoquismo moral. Ambos são efeitos do laço social. Birman (2016) sugere que toda trama da condição humana é permeada por esse masoquismo primordial, enquanto as outras duas formas seriam a transposição metapsicológica para a economia psíquica sobre modalidades de subjetivação. Nesta perspectiva, cada pessoa busca lidar com as intensidades pulsionais amarrando-se subjetivamente pela experiência originária do masoquismo primordial.

Nessa perspectiva, tanto o masoquismo feminino quanto o masoquismo moral podem ser compreendidos como efeitos do masoquismo primordial, que se manifesta no laço social quando o sujeito, confrontado com os interditos impostos pela sociabilidade, precisa lidar com o desamparo. Ambos os modelos do masoquismo são, portanto, perversos segundo a lógica originária do masoquismo e dos critérios pulsionais de satisfação e objeto. Na faceta erógena do masoquismo, o ser humano é atravessado pela intensidade da experiência e movido nela pela lógica do erotismo que envolve a criação. Sobre o primado das facetas

---

<sup>4</sup> Na obra que inaugura o método psicanalítico, *A interpretação dos sonhos*, Freud insere, como epígrafe, um verso da obra de Virgílio, Eneida, a qual faz referência ao rio Aqueronte, caminho para o submundo. O verso “*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo*” propõe se afastar da luz para movimentar a escuridão, sendo essa última própria do submundo. Na metáfora freudiana, a compreensão da razão seria a luz, enquanto movimentar o Aqueronte estar na direção de ir aos confins do inconsciente, revelando a escuridão que a razão rejeita.

feminina e moral, o masoquismo, sobre um panorama perverso, tem sua meta ou objeto fixados.

Há, portanto, como aponta Birman (2016), uma diferença teórica a respeito de como os modos de masoquismo se inscrevem. Para esse autor, masoquismo feminino e moral são registros regidos sobre uma primazia do falo, enquanto o modelo erógeno não se movimenta em torno desse falicismo. O modelo erógeno irrompe apenas na dimensão que sustenta a dinâmica do circuito pulsional dos afetos. Embora os outros dois tipos de masoquismo derivem do masoquismo erógeno, eles não se inscrevem no mesmo nível, tampouco no mesmo momento estrutural do psiquismo. Os modelos que derivam daquele originário são, devido a isso, atravessados pela castração, conseqüentemente, pela lógica fálica e da angústia do desamparo.

Pensando nisso, quando Freud (1923/2011) aponta que o Supereu é o herdeiro do complexo de Édipo, sugere pensar que existe uma aproximação inerente entre a forma de organização masoquista e o trabalho dessa instância supra investida pelos interditos sociais. Se o Supereu surge como a instância que visa a barrar a satisfação plena que o Eu dá ao Id, ele põe em jogo interditos à transformação plena de energia livre em energia de investimento. Sendo assim, é o que vem barrar o que desde *Além do princípio de prazer* já está posto, mas que nos trabalhos de Lacan será mais trabalhado – o gozo.

Já em seu primeiro *Seminário*, Lacan (1953-1954/2009) responde a uma questão que propõe pensar a própria organização psíquica. Assim, em seu retorno a Freud, aponta que na constituição diante do estádio do espelho existe uma participação masoquista, a qual

não podemos compreendê-la sem a dimensão do simbólico. Ela se situa no ponto de junção entre o imaginário e o simbólico. É nesse ponto de junção que se situa, na sua forma estruturante, o que geralmente se chama o masoquismo primordial. É aí que é preciso situar também o que se chama Pulsão de morte, que é constituinte da posição fundamental do sujeito humano. Não esqueçam que, quando Freud isolou o masoquismo primordial, ele o encarnou precisamente num jogo da infância [...] A ausência é evocada na presença, e a presença na ausência. Isso parece uma banalidade, e parece ser óbvio. Mas ainda é preciso dizer e refletir sobre isso. Porque é na medida em que o símbolo permite essa inversão, quer dizer, anula a coisa existente, que ele abre o mundo da negatividade, o qual constitui, ao mesmo tempo, o discurso do sujeito humano e a realidade do seu mundo enquanto humano (Lacan, 1953-1954/2009, pp. 200-201).

Essa afirmação lacaniana nos possibilita supor que a inserção do sujeito na relação com o grande Outro surge como o pontapé para os interditos com as vias de uma satisfação plena da energia livre. Assim, o fator masoquista da constituição psíquica, como aquilo que surge na intrincação pulsional e que movimenta a transformação de energia livre em energia de investimento, encontra aí algo que barra a sua dinâmica própria. É importante, agora, que o caminho da pulsão erótica encontre satisfação e objeto de satisfação dentro dos limites da castração.

Se recordarmos sobre a formação do Supereu, veremos que acontece no processo de identificação do Eu com os objetos de amor. Conforme apontado por Freud (1923/2011), a função do Supereu tem origem em uma autoridade externa, percebida pelo indivíduo por meio de sua interação com os pais. Portanto, é na relação em que os pais apresentam os interditos; na influência da educação, nas provas de amor e ameaças de castigo, que a criança vai internalizando o que podemos chamar de lei.

É no temor dessa função castradora, conhecida mais tarde a partir da *O declínio do complexo de Édipo* (1924b/2020) como a função paterna, que surge o medo de perder o amor dos pais, levando o infante a desenvolver o que Freud já nomeia em 1923 como angústia moral. Todo esse processo é internalizado pela criança, que tomará o lugar da autoridade parental, conhecido como o Supereu. Posteriormente, essa instância assume o papel de observar, dirigir, inibir e ameaçar o Eu, tal como era o papel dos pais, sendo assim “o monumento que recorda a anterior fraqueza e dependência do Eu, e que mantém seu domínio sobre o Eu maduro. Assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do seu Super-eu” (Freud, 1923/2011).

É sob essa ótica que o Supereu é concebido como o herdeiro do complexo de Édipo. Durante essa etapa, tanto a menina quanto o menino possuem a mãe como primeiro objeto de amor. Mais tarde, o menino tomará o pai como ameaça a esse amor e o verá como rival, quando, na investigação infantil sobre a diferença sexual, começa aparecer o medo da castração e o alto investimento no falo. Em vista disso, o menino abdica desse conflito e se direciona ao pai via identificação (Freud, 1924b/2020).

Já a menina, na percepção da diferença sexual, toma a mãe, antes seu objeto de amor, como culpada por sua falta de pênis e se direciona ao pai como objeto de amor. Na impossibilidade de realizar as fantasias incestuosas de engravidar do pai, abandona essa fantasia e volta a se identificar com a mãe (Freud, 1933/2010). Todo esse processo se desenrola a partir do que Freud (1921/2011) nomeia como o processo de identificação,

momento em que ocorre a constituição do Eu através dos investimentos libidinais; primeiro vê o outro, se comporta como ele, imitando-o, assimilando, assim introjetando em seu Eu aspectos do objeto. É a partir desta identificação que a criança vai internalizando e construindo a esfera do ideal do Eu.<sup>5</sup>

Toda essa dinâmica, que culmina na formação do Supereu, vem para barrar um além de prazer, conduzindo o sujeito a uma forma de satisfação masoquista ancorada no modelo do masoquismo erógeno e que pode atuar sobre as formas de masoquismo feminino e moral. A isso, cabe agora examinar de que maneira essas duas formações masoquistas orientam o sujeito na busca por uma satisfação plena. Ambos, como já foi apontado, seguem a lógica que se inscreve durante o complexo de Édipo, quando há especial investimento no falo.

O masoquismo feminino é o mais conhecido e mais falado dos três, já que esse é o mesmo pelo qual o masoquismo entra no discurso psicanalítico. Desde *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* até *Além do princípio do prazer*, é sob essa vertente – que se refere tanto ao estado patológico do masoquismo quanto ao aspecto masoquista da pulsão – que se apresenta o caráter de passividade. Após as postulações de 1924a, veremos que esse masoquismo está mais próximo da perversão descrita em 1905.

Este masoquismo corresponde à busca de uma posição de passividade. Por sua posição passiva diante do outro que Freud o nomeia como masoquismo feminino. Para Soler (2005) entender a lógica do masoquismo feminino, trata-se de diferenciá-lo da feminilidade. O masoquista, nessa perspectiva, se coloca, como Freud (1924a/2011) sugere, a serviço do outro para ser usado, objeto do outro para ser humilhado. Na feminilidade, o que há é um colocar-se no lugar de objeto, mas objeto causa de desejo.

O que aponta Soler (2005) é que na feminilidade faz-se uso de uma máscara masoquista, mas que essa é atravessada pelo fator erótico da relação com o outro. Enquanto objeto causa de desejo, a mulher usa da feminilidade para existir no amor com o outro. Já no masoquismo feminino, ou seja, na posição passiva frente ao objeto, há um imperativo de gozo. O modo de satisfação do masoquismo feminino é perverso, os lugares e a meta estão previamente fixados.

---

<sup>5</sup> É fundamental contextualizar que o modelo familiar com o qual Freud trabalhou corresponde a uma configuração histórica específica – a família burguesa do final do século XIX e início do XX – que não necessariamente reflete as formas contemporâneas de organização familiar. O que está em jogo, no entanto, são as funções materna e paterna, enquanto posições estruturais no desenvolvimento psíquico, e não as figuras parentais em sua materialidade biográfica. Sem essa contextualização histórica e conceitual, há o risco de se tomar a teoria freudiana como datada ou mesmo superada, quando, na verdade, seus pressupostos podem ser reinterpretados à luz das transformações socioculturais sem que percam seu valor para a compreensão dos conflitos psíquicos.

Esse masoquismo nos remete à representação de Sacher-Masoch em *A Vênus das peles* (2000). Severin, personagem principal da obra, se apresenta de acordo com a própria descrição freudiana que sugere que

o conteúdo manifesto é: ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, açoitado, de alguma maneira maltratado, forçado à obediência incondicional, sujado, humilhado. Muito mais raras, e só com grandes limitações, são também inseridas mutilações dentro desse conteúdo. A interpretação mais imediata e fácil de se obter é que o masoquista quer ser tratado como uma criança pequena, desamparada e dependente, mas, em especial como uma criança malcomportada (Freud, 1924a/2020, p. 290).

Dessa forma, nesses atos masoquistas, há a necessidade de associar-se diretamente ao objeto de amor. É assim o pedido de Severin que vai de encontro ao acordo junto de Wanda, que ela faça dele o que quiser, mas que não o abandone. Trata-se, então, de pensar, enquanto manifestação de uma perversão pelo caráter de fixação na maneira de satisfação, o que se apresenta pelo viés ritualístico e rígido nos jogos de amor, na teatralidade da cena orquestrada pelo masoquista. As descrições na obra de Sacher-Masoch “testemunham esse fenômeno, pois consistiam em encenações extremamente caricatas” (Fortes, 2012, p. 139).

Apesar da descrição que aponta em direção a uma posição passiva do masoquista, é importante lembrar que este se coloca nessa posição. Isso fornece outro ponto de vista sobre o masoquista: ele não está à mercê do outro, mas o convoca. Esse outro, chamado à cena pelo masoquista, é apenas um coadjuvante; a cena pertence ao personagem principal, que anui para uma relação de completude frente a angústia da castração.

O que o masoquista busca, nessa perspectiva, é a ausência de angústia, sendo essa de quem assume a posição de carrasco. No conto *A Vênus das peles*, é Wanda quem está na posição de não ter certezas. A Severin resta o abrigo da cena perversa onde a angústia não deve alcançar. Lacan (1962-1963/2005) aponta que, em sua cena, o que o masoquista “visa é a angústia do outro” (p. 195) neutralizando, assim, a sua própria.

O masoquista faz da cena de castigo o prazer proibido. Em sua economia psíquica, o masoquista experimenta da cena punitiva, por ele desejada e orquestrada, um prazer que a lei deveria interditar. Encontra, na fixação perversa de sua encenação, a forma que o impele a um imperativo de sempre gozar da mesma forma, com a mesma teatralidade, com o mesmo enredo. O que está em jogo é um lugar seguro frente ao desamparo que a castração apresenta.

Também ao outro tipo de masoquismo – o moral, se faz presente um elemento que perverte a lógica do modelo primordial. Se no masoquismo feminino o que está em jogo é subtrair as demandas do Supereu a fim de experimentar na cena punitiva um desejo proibido, o masoquismo moral experimenta o gozo em aceitar as demandas sádicas superegóicas. O sofrimento resultante nesse nó é interessante ao masoquista, já que reside nele um ganho secundário.

Em *O mal-estar na cultura*, Freud (1930/2023) retoma as origens do Supereu ao se questionar sobre como se forma a consciência moral e o sentimento de culpa. Nesse direcionamento, conclui que, pela força da pulsão de morte, as paixões são desviadas para o mundo externo com o intuito de obtenção de sua meta plena. Acontece que a busca dessa satisfação total é atravessada pelo que nos torna efeitos da cultura – a falta. Em *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913/2012), é descrito que a introdução da lei da função paterna – simbolizada na obra pelo pai da horda – é o que inscreve o sujeito na ordem dos interditos da cultura. Dessa forma, os efeitos dessa castração inserem o sujeito na dimensão da falta, consequentemente direcionando-o na esfera do desejo.

O acréscimo a respeito da formação do Supereu aparece, em 1930, quando nos é apontado que a destrutividade da pulsão de morte também aparece no laço com a cultura quando é desviada como agressividade. Dessa forma, o ódio, assim como o amor, aparece como afeto inerente ao humano. Estamos de volta ao além de Eros presente em toda amarração pulsional. Da mesma maneira que existe o impulso de nos amarrar ao objeto – seja pela identificação ou pela escolha objetal –, há também a força que nos leva a nos destruir nessa amarração. O outro é também alvo da nossa destrutividade.

É nesse ponto que Freud (1930/2023) revela um dos desafios mais complexos enfrentados pela cultura: como a humanidade lida com a vontade de se destruir? A internalização dessa agressividade, junto ao medo de perder o objeto de amor, resultará no sentimento de culpa e será palco para formação da consciência moral. Por esse mecanismo de interiorização, toda hostilidade que outrora fora direcionada aos objetos é introjetada no Eu e fará parte da origem do Supereu, responsável por vigiar e punir o sujeito por todo desejo em satisfazer qualquer pulsão que coloque em risco as leis da cultura.

Essas afirmações de Freud feitas em 1930 acrescentam às ideias sobre a gênese do psiquismo apresentada em 1923 e também sobre a participação do masoquismo em 1924. Podemos inferir que essa agressividade que abastece o Supereu é oriunda do sadismo originário, resultado da parcela da pulsão de morte projetada para o mundo externo, que

depois é introjetada e encontra o masoquismo erógeno, resultando no masoquismo secundário.

Sendo assim, quando Freud (1924a/2020) explica que, sob certas condições, a pulsão de destruição ou sadismo, originalmente direcionada para fora, pode ser redirecionada para dentro do próprio sujeito, pode-se inferir que um desses caminhos seja para a formação do Supereu. Esse movimento de retorno representa uma regressão à sua forma anterior e dá origem ao que ele denomina masoquismo secundário.

Tudo isso indica, novamente, que o masoquismo não surge apenas como uma disposição original, mas pode ser o resultado de um processo em que a agressividade, antes voltada ao outro, retorna ao próprio sujeito. Esse mecanismo mostra como as forças pulsionais podem se reorganizar internamente, revelando a complexa dinâmica entre destrutividade e erotismo no funcionamento psíquico.

No masoquismo moral, portanto, o sujeito estabelece uma íntima relação com as demandas do Supereu, ao ponto do sadismo dessa relação ser o fator prazeroso. O motor desse masoquismo é o sentimento de culpa que surge da tensão entre as exigências do Supereu e a ânsia do Eu em satisfazer as paixões mais primitivas no interior do psiquismo. A troca que participa deste cenário é o sentimento de pertencer ao objeto, afastando o sentimento de desamparo. Esse masoquismo é, da mesma forma que o masoquismo feminino, uma maneira de inscrição na dinâmica rumo ao silêncio da angústia da castração.

A fixação da meta está aí sob a égide do sentimento de culpa, que faz o sujeito, mais do que aceitar, sentir que merece o sofrimento, criando cenários em que seja alvo de castigos. Essa dinâmica, que parece responder ao Supereu, também encontra uma maneira de perverter a lógica da pulsão, mais uma vez em uma meta monocromática na maneira de satisfazer a pulsão. Aqui temos o sujeito que alcança o gozo através da culpa inconsciente. Para Freud, nesse aspecto,

o que conta é o próprio sofrimento; não faz diferença se este parte da pessoa amada ou de uma pessoa qualquer; caso o sofrimento seja ainda provocado por forças ou circunstâncias impessoais, o verdadeiro masoquista sempre oferece a sua face quando vê a oportunidade de receber uma bofetada. Na explicação dessa conduta, estamos quase deixando de lado a libido e nos limitando a supor que, nesse caso, a pulsão de destruição foi novamente direcionada para dentro e atua agora violentamente contra a própria pessoa (Freud, 1924a/2020, p. 295).

Dessa forma, nesse masoquismo também está presente o fator sexual. A culpa inconsciente é totalmente atrelada ao anseio do Eu em dar vazão às paixões. Sua satisfação vem da passividade em que o Eu se submete, pelo sentimento de culpa, ao sadismo do Supereu. O masoquismo moral cria desse relacionamento a necessidade de punição, que se coloca ao funcionamento repetitivo em uma série de castigos, por vezes compreendidos pelo sujeito como destino.

Essa necessidade de punição se apresenta na clínica psicanalítica como uma reação contra o processo da análise. A reação terapêutica negativa, como é nomeada por Freud (1923/2011), está atrelada a essa lógica do masoquismo moral, a ela consiste uma das maiores resistências ao trabalho analítico. A reação terapêutica negativa age como uma força destrutiva que impele contra a melhora do paciente. Para algumas pessoas, a necessidade em permanecer no sofrimento se sobressai sobre o desejo de melhora.

Em vista disso, “o masoquismo moral está associado à culpa, na medida em que é visto como uma espécie de punição que alivia o sujeito da culpa, ficando esta relativamente apaziguada, já que o sofrimento adquire o valor de um castigo” (Fortes, 2012, p. 135). Esse fator masoquista contribui para o sentimento que põe o sujeito frente à reação terapêutica negativa. O gozo do sujeito se apresenta aí acerca do signo da punição.

O gozo é descrito por Lacan (1969-1970/1992) como o excesso que ultrapassa a lógica do prazer e se eleva aos limites em busca da satisfação plena da pulsão, de modo ilustrativo, “o caminho para a morte nada mais é do que aquilo que se chama gozo” (Lacan 1969-1970/1992, p. 16). Devido a isso, então, podemos notar que ambos modelos do masoquismo – feminino e moral – se encontram na lógica do falo, na medida em que apresentam o imaginário da Coisa (*das Ding*) submetendo o sujeito à dinâmica do gozo.

Diferentemente do masoquismo erógeno, que posiciona o sujeito rumo a amarrações eróticas para a lógica do prazer, masoquismo feminino e moral inserem o sujeito no mecanismo da servidão sobre o primado do falicismo. Ao direcionar-se rumo ao gozo como escape ao desamparo, o sujeito se submete ao lugar de senhor, tal como na dialética de Hegel do senhor e escravo.

O idealista alemão Hegel (1807/2014), por meio da parábola do senhor e do escravo, expõe a dialética do reconhecimento, essencial à constituição da autoconsciência. Para esse filósofo, a autoconsciência não é dada de forma imediata, mas se realiza apenas no confronto com outra autoconsciência. Antes disso, o sujeito está em um estágio de consciência voltado ao objeto externo, num estado de contemplação e relação com o mundo. Essa etapa revela apenas o objeto, sem o sujeito reconhecer-se como “si mesmo”. A autoconsciência emerge,

então, quando o sujeito se separa do objeto e realiza um movimento reflexivo, percebendo-se como um “eu”. No entanto, essa autoconsciência só estaria enfim concretizada quando reconhecida por outra autoconsciência.

Esse processo, em que existe o embate entre duas autoconsciências, é definido por Hegel em *A fenomenologia do espírito* (1807/2014) como a dialética do senhor e escravo, fundamental para a constituição do sujeito como ser livre e consciente de si. Na luta por reconhecimento, uma das autoconsciências se submete à outra, dando origem à relação entre senhor (que domina) e escravo (que serve). Nesse movimento, é preciso que um abdique de seu reconhecimento de si, em prol de sua vida, passando a reconhecer o outro sem ser de fato reconhecido por ele. Apesar disso, resulta dessa relação um referencial de reconhecimento paradoxal. O senhor se torna dependente do reconhecimento do seu servo.

Dessa relação não resulta um reconhecimento recíproco, pois o senhor não é reconhecido por um igual, mas por alguém subjugado. Por outro lado – e essa é a conclusão hegeliana sobre o reconhecimento de si – é o escravo, através do trabalho, do medo da morte e da transformação da natureza, que passa a desenvolver uma relação mais concreta com o mundo e consigo mesmo, aproximando-se mais da autoconsciência. Assim, para que ocorra o reconhecimento recíproco, ambos sujeitos devem existir em cena.

A metáfora hegeliana está, sobretudo, se referindo que o desejo humano é de reconhecimento. Mais do que isso, esse reconhecimento é mediado pela relação com o outro, mas também com a mediação que o sujeito estabelece com o próprio desejo de reconhecimento. Sobre essa lógica, o senhor não permite reconhecer o seu desejo, uma vez que fazer isso implica reconhecer também como escravo do desejo. O escravo, por sua vez, ao abdicar de se reconhecer pelo desejo do outro, se torna livre para experimentar a falta, assim, desejar.

Percebemos, então, a partir da parábola hegeliana, que o masoquismo presente nos modelos feminino e moral acompanha a busca pela posição de senhor. Por mais que nessa posição pareça ser ele quem se submete a servidão, vemos que essa não se propõe a um reconhecimento de si através do outro. O outro, sob a lógica falicista do masoquismo, serve à cena composta pelo masoquista, da qual ele assume a certeza do prazer e controle da angústia, pervertendo a lógica pulsional movida pela falta do objeto que movimenta o desejo.

O masoquista, sob égide da perversão, se movimenta em direção a aniquilação do desejo. Toda a cena imposta por ele, seja a de submissão frente ao outro ou frente a culpa, serve para tamponar a angústia de reconhecer seu desejo. Diante dessa fragilidade em que

todo ser humano se encontra, os modelos de masoquismo desse formato se entregam a esses sofrimentos para que neles a angústia cesse, o gozo reine, o desamparo finde.

Apesar disso, devemos lembrar que o masoquismo erógeno está na base e serve como modelo para os outros, ele é o elo primário entre Eros e pulsão de morte. Na dimensão do masoquismo erógeno contém a possibilidade de existir junto às tensões que o desejo impõe ao sujeito. Esse fator, que chamo aqui de uma dimensão masoquista da vida, possibilita o reconhecimento de si na relação com um outro que existe enquanto autoconsciência também, pois “no masoquismo erógeno, a experiência do desamparo é vivida na sua radicalidade” (Fortes, 2012, p. 159).

O outro existe no circuito pulsional da dimensão masoquista da vida. Esse outro é concomitante ao aparecimento do masoquismo erógeno, já que o masoquismo só existe em essência quando a libido encontra a pulsão originária e o coloca nos direcionamentos do prazer. Desde sua constituição, o masoquismo erógeno lida com as intensidades do encontro entre o sujeito e o outro. Devemos lembrar que, para a psicanálise, a experiência de desamparo remete à sensação de morte e urgência de vida. Assim, “o circuito pulsional nunca é do indivíduo separadamente, pois envolve a presença de um outro que ampara o sujeito, não o deixando ficar indefinidamente à mercê da descarga energética” (Fortes, 2012, p. 159).

Nos primórdios sobre a constituição psíquica, Freud escreve o desamparo estrutural ao mesmo tempo em que apresenta o encontro com o outro. O bebê é incapaz de satisfazer-se sozinho, necessitando da ação do outro que silencie a tensão da excitação, o desamparo se apresenta aí na expectativa de uma ação específica de um outro, já que

o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais (Freud, 1950 [1895]/1997, p. 370).

O que esse outro vem apaziguar é o sentimento de aniquilação, a dor psíquica pela qual deve advir um aparelho psíquico. Lembremos que esse aparelho surge para lidar com a dor. Agora, pode-se afirmar que é para lidar com a dor do desamparo. A incapacidade do aparelho psíquico de eliminar autonomamente as excitações e alcançar a satisfação revela uma insuficiência fundamental da condição humana. É essa limitação que impulsiona o

sujeito a se vincular ao Outro, instância da qual podem emergir a satisfação, o impulso vital e as condições para a continuidade da existência.

Se o aparelho psíquico surge em um desamparo estrutural, em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926/2014) vem reafirmar que esse desamparo é atualizado no Eu sempre que este sente a perda do objeto. Essa angústia vem sempre reagir a “uma perda, uma separação” (Freud, 1926/2014, p. 70). O que eleva ao sentimento de angústia é a ameaça de perder o objeto apaziguador, que alivia as tensões entre o prazer e o desprazer, gerado pela tensão de necessidade, portanto, a função materna.

Dessa maneira a angústia surge “como reação à falta do objeto, e duas analogias se nos apresentam: que também o medo da castração tem por conteúdo a separação de um objeto bastante estimado e que a angústia mais primordial origina-se na separação da mãe” (Freud, 1926/2014, p. 78). As afirmações de Freud no *Projeto e Inibição, sintoma e angústia*, colocam a presença do outro como inscrição fundamental no circuito pulsional pela vivência de satisfação que surge após o elevar das tensões. A magnitude do desamparo revela a importância da relação de dependência entre os sujeitos.

Em *O Mal-estar na cultura* (1930/2023), o desamparo é o fator central que impulsiona o ser humano a abdicar de suas paixões em prol do sentimento oceânico de pertencimento. A própria cultura cria os perigos que fazem seus indivíduos se sentirem desamparados e, por isso, recorrendo às relações, por vezes masoquistas, para evitar a angústia da perda do objeto. A noção de desamparo é o que também coloca os sujeitos a lançar mão da dimensão masoquista da vida. Nesse perspectiva, é que o fator erótico se torna uma ferramenta.

Diferentemente do masoquismo feminino e do masoquismo moral, que inserem o sujeito em uma lógica individualista, o masoquismo erógeno convoca o sujeito à experiência da intensidade. Nessa dimensão masoquista da vida, há a possibilidade de trocas, o que forma a ordem do laço social. Nesse ponto de vista, não se trata de pensar relações eróticas como completude, mas como abertura para o imprevisível, ou seja, para a criação.

A noção estrutural do aparelho psíquico afirma que o organismo necessita do escoamento de uma medida necessária de energia para conseguir manter o processo regulador. O fator erógeno do masoquismo primordial não apenas apresenta o sujeito nessa organização como continua a fluir em direção a esse postulado. É assim, portanto, no destino que o masoquismo erógeno, por sua lógica constitucional, dá aos excessos da pulsão de morte que pode impulsionar o sujeito rumo a vida.

Diante da angústia que reapresenta a castração, o sujeito pode se tornar um acumulador de prazeres, ou ir em direção ao erotismo. O sujeito frente ao desamparo é como escravo na dialética hegeliana. Somente tomando a dimensão masoquista da vida que ele consegue tornar consciente o prazer que retira da associação sádica. Somente assim será capaz de romper a equação de gozo que irrompe a vida em pulsão de morte.

### 3.4 O corpo como objeto do desejo do Outro

A partir de *O problema econômico do masoquismo*, Freud propõe novas perspectivas para a gênese do conceito de masoquismo, a ponto, como já foi apresentado, de antecipá-lo a sua contrapartida, o sadismo. Nessa obra de 1924a em que nos são apresentados os três tipos de masoquismo, ou melhor, três momentos: o masoquismo erógeno, como base para as outras duas formas – feminino e moral, a teoria freudiana abre espaço para pensá-lo dentro de outros processos que constituem o sujeito.

Com Lacan, podemos pensar maneiras a partir das quais o masoquismo se faz presente na constituição do psiquismo. Um desses momentos seria então pela via do corpo simbólico, ou melhor, a via em que o sujeito, alienado ao Outro desde sua inserção no campo simbólico por via do laço social, manifesta seu corpo como resposta ao laço. Proponho pensar aqui com Freud, com a noção de masoquismo, e Lacan, por sua contribuição na compreensão do sujeito e alienação ao Outro, como trazer à luz a seguinte questão: como o masoquismo simboliza a alienação do sujeito ao grande Outro?

É preciso, em vista disso, percorrer o movimento que estabelece o corpo como um objeto que surge no processo de identificação e alienação. A ideia de um Eu corporal, amplamente discutida ao longo das obras freudianas, é ampliada pela visão de Lacan ao apresentar o estádio do espelho. É possível ver, em ambos os teóricos, como esse momento é crucial para o processo de simbolização e alienação do sujeito.

Em 1921, ao tentar alcançar uma compreensão sobre o funcionamento das massas, Freud aborda o processo de identificação. Relacionado com o apresentado em *Introdução ao narcisismo* (1914a/2010) e *Luto e melancolia* (1917b [1915]/2010), *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011), investiga a constituição psíquica nessa nova fase de elaboração da sua teoria ao destacar o processo de identificação como “a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto” (Freud, 1921/2011, p. 65), pois ela é capaz de moldar o Eu através da introjeção de um modelo identificatório, ou seja, esse modelo surge como escolha amorosa

que regride para a identificação, o que molda o Eu por conta desse mecanismo, levando-o a assumir as características do modelo objetal através da introjeção total ou parcial do objeto.

A identificação é, portanto, tomada por Freud como processo constitutivo do psiquismo. Para Lacan (1953-1954/2009), esse processo é o que dá origem ao estágio do espelho e à constituição no campo simbólico. O espelho é usado, nesse sentido, como metáfora, capaz de edificar, através da identificação, a imagem do Eu da criança, que recebe características do meio em que vive, especialmente na imagem de seus progenitores.

Essa relação com o Outro no processo do estágio do espelho é uma continuação do processo de identificação descrito por Freud em 1921 e mais explorada após a elaboração da segunda tópica a partir de 1923. Tanto para Lacan quanto para Freud, a identificação é o momento de constituição do Eu. Porém, os acréscimos no campo do estágio do espelho avançam para se pensar, em um campo simbólico, o quanto o sujeito se torna “refém” do olhar do outro, mas também como o sujeito é objeto de um processo de alienação. Assim:

O olhar não se situa simplesmente ao nível dos olhos. Os olhos podem muito bem não aparecer, estar mascarados. O olhar não é forçosamente a face de nosso semelhante, mas também a janela atrás da qual supomos que ele nos espia. É um ‘x’, o objeto diante do qual o sujeito se torna objeto (Lacan, 1953-1954/2009, p. 253).

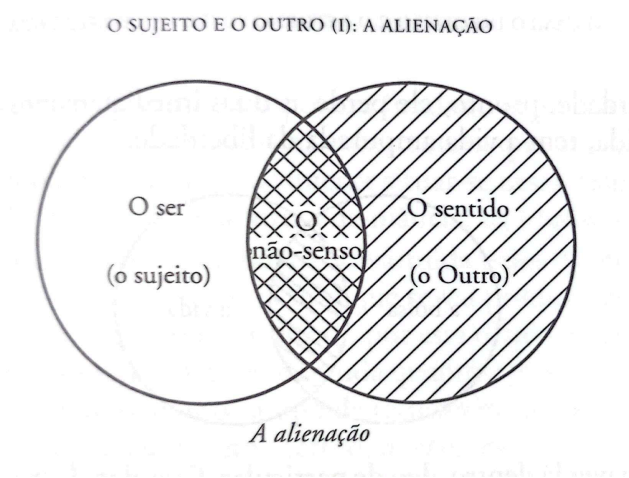
O reconhecimento que se dá através da imagem espelhada das figuras externas é o início do percurso de se fazer parte do contexto. Essa relação no processo de identificação só é possível por haver a mediação do mundo pela linguagem, uma vez que a criança “é um ser humano, de que nasceu num estado de impotência, e que, muito precocemente, as palavras, a linguagem, lhe serviram de apelo, e de apelo dos mais miseráveis, quando era de seus gritos que dependia sua comida” (Lacan, 1953-1954/2009, p. 182). Dessa forma, o que Lacan aponta como o estágio do espelho gira em torno da constituição subjetiva a partir de uma falta e de um movimento de alienação.

Em seu *seminário 11*, Lacan (1964a/2008) toma o sujeito como um efeito do campo simbólico, isto é, como efeito da linguagem, o que o leva a pensar que o sujeito, sempre evanescente, é resultado de duas operações – alienação e separação. A alienação, sobre a qual me desdobre aqui, marca o sujeito, por efeito da sua inserção no campo do simbólico, como dividido, já que não é causa de si mesmo, mas efeito do significante.

Por efeito do significante, o sujeito surge como e pelo processo de alienação, já que “a alienação reside na divisão do sujeito que acabamos de designar em sua causa” (Lacan,

1964b/1998, p. 855). Para Leite (2017), o efeito do significante é o que marca o sujeito para a psicanálise, o diferenciando da noção usada pelas ciências sociais, tais como psicologia, sociologia, antropologia, etc. O sujeito nasce, portanto, em um universo simbólico alheio de si, por conta e a partir disso, aprende a se reconhecer em um campo de valores e normas determinadas pelo grande Outro.

Ainda no *seminário 11*, Lacan (1964a/2008) apresenta o grafo da alienação, o que nos permite ter a noção do espaço entre o ser, sendo o campo do sujeito, e o sentido, proveniente do Outro:



**Fig.1: O grafo da alienação**

Fonte: Lacan, J. (1964a/2008, p. 207)

Esse grafo possibilita pensar o espaço (o não senso) onde o sujeito se torna alienado ao sentido do Outro. Leite (2017), em acordo com esses argumentos, colabora para pensar que é através desse processo que se inaugura o desejo:

O sujeito do inconsciente, é preciso marcar que se trata do sujeito do *desejo* inconsciente, articula-se no lugar do Outro. Dissemos que *Isso* fala ao nos reportarmos ao sujeito do inconsciente – este sujeito sem qualidades – e podemos agora completar que *Isso* fala no Outro – lugar onde o sujeito encontra sua morada, mas ao preço de uma divisão, uma fenda (p. 35).

Dessa forma, a inscrição do sujeito pelo efeito da linguagem passa pelo sentido que o Outro serve às suas demandas. A dependência da criança pelo Outro passa pela ação do significante, isso quer dizer que a criança, desde o início, é dependente dos cuidados desse

Outro, cuidados esses exercidos primeiramente por aquele que desempenha a função materna. Essa relação não é apenas física, ela se estrutura fundamentalmente pela linguagem. O significante é esse elemento da linguagem que busca nomear e organizar a experiência entre a criança e o Outro.

Essa relação é, portanto, desde o início, uma relação de dependência, entendida não apenas no plano biológico, mas principalmente no campo simbólico. É por meio desse simbolismo fornecido pelo significante que o Outro interpreta o que a criança quer ou precisa, mesmo antes que ela possa falar. Quando o *infans* não consegue expressar diretamente o que sente ou precisa, então, o Outro interpreta o que pode ser o seu desejo: “se ela chora, deve ser fome”, ou “sente dor”. Assim, o desejo da criança é lido a partir da linguagem do Outro.

Esse ato de interpretação cria um espaço de desencontro entre o que a criança manifesta e o que o Outro entende. Cria-se, assim, o espaço do “não senso”, que servirá como lugar para instauração do desejo. É justamente nesse vazio do “não senso” onde o sentido não se completa, que se instaura o desejo. A criança passa a desejar a partir da falta que emerge nessa relação com o Outro, e seu desejo será, a partir disso, marcado por uma alienação estrutural: ela deseja algo do Outro, e é este quem determina, por meio do significante, os contornos do desejo. Dessa forma a afirmação de que “uma vez que o *infans* é tomado nos desfiladeiros da demanda ele necessariamente estará engajado com o Outro, em uma relação que se faz através do significante” (Leite, 2017, p. 36).

Para pensar, então, em como essa alienação, que se instaura por via da relação de identificação com o Outro, se apresenta na relação com outros, é preciso convocar o fator masoquista presente em uma dimensão da vida. O que proponho aqui é que esse aspecto faz com que o sujeito encontre maneiras, dentro da lógica do masoquismo, de apresentar o corpo como via para o desejo do outro. Podemos, inclusive, lembrar da obra que serve para inaugurar o termo masoquismo, em como esse romance pode nos trazer um forte exemplo de como isso ocorre.

Em sua principal obra, *A vênus das peles* (2000), que carrega todos os signos que fizeram com que Krafft-Ebing os denominassem como sintomas do masoquismo, Sacher-Masoch evidencia o tom que o levou a ser caracterizado como masoquista. Na trama, vemos Severin, que narra a experiência que teve com Wanda, pela qual se encantou em uma de suas viagens. Severin se coloca, então, em posição de submissão ao desejo da dama, idealizada enquanto alvo do que considera amor. Wanda, aos poucos, vai apresentando características de crueldade e dominação.

No entanto, esses traços que surgem na dama ao longo da narrativa não se apresentam de início, são elementos atizados mediante a conduta de Severin, que acredita ser isso que Wanda almeja dele. É então que na proposta de um acordo que satisfaça ambos, Severin busca servir ao que considera ser aquilo que atenderia o desejo de sua dama, e busca servir a partir de si, como objeto. É consigo e através de si que Severin serve aos ditames de sua dama, mas não se trata de se colocar vazio, há o Eu ali que goza com esse corpo, um Eu sobretudo corporal, erotizado. Atravessado pelo que deseja e o que o outro possa desejar, esse corpo se inscreve na dinâmica entre o amor e sua amada.

A teorização freudiana sobre a inscrição do masoquismo no corpo é apresentada em 1924a, no texto *O problema econômico do masoquismo*. O masoquismo não só antecede o sadismo, como ocupa uma função estruturante na constituição do psiquismo. Tal inscrição ocorre no momento da amálgama pulsional, em que a pulsão de morte – elemento ligado ao desprazer no aparelho psíquico – só pode ser experimentada como prazer por meio do componente masoquista resultante da intrincação pulsional.

Esse fator erógeno e estruturante para vida anímica, não apenas suporta o desprazer, mas trabalha para encontrar satisfação no aumento de tensão que ele provoca, o que justifica sua nomeação como masoquismo. Essa dinâmica, por sua vez, permite refletir sobre o papel essencial da sexualidade no processo de constituição psíquica, especialmente no que diz respeito aos investimentos objetivos, partindo do que corresponde ao Eu enquanto objeto.

A excitação sexual tem, como coloca Freud (1905/2016), “o caráter de desprazer” (p. 123). Dito isso, Fortes (2007) sugere pensar, a partir dessa conjectura, o fator erótico do masoquismo que leva a “um prazer que, por poder existir simultaneamente à dor, é uma experiência de intensidade e de potência eruptiva” (p. 35). A excitação sexual seria, portanto, um problema se não existisse o masoquismo para suportá-la e retirar desse funcionamento um prazer. À vista disso, surge a seguinte questão: como se dá a transformação desse desprazer em prazer? Em *O problema econômico do masoquismo* (1924a/2020) é sugerido um caminho.

Freud (1924a/2020) afirma que o aparelho psíquico busca neutralizar a força destrutiva da pulsão de morte ao desviá-la, em grande medida, para o mundo externo – processo que se dá, inicialmente, com o auxílio da musculatura, como um sistema orgânico específico voltado para essa finalidade. Uma vez voltada para fora, essa energia passa a ser denominada pulsão de destruição, pulsão de apoderamento ou vontade de poder. Parte desse impulso, no entanto, é diretamente integrada à função sexual, desempenhando nela um papel significativo.

Temos aqui a relação entre o masoquismo e o corpo, dada por Freud em 1924a. É válido destacar que uma relação entre o masoquismo e corpo já havia sido feita em 1919, em “*Bate-se numa criança*”. Nas fantasias de espancamento, especificamente na segunda, a criança fantasia o ato do pai como um ato de amor, essa característica é descrita por Freud como o componente passivo do masoquismo. Essa fase não possui um caráter real tal como as outras duas.

Freud (1919/2020) afirma que a segunda fase do processo analisado, embora considerada a mais importante e carregada de implicações, não possui uma existência real no sentido consciente. Ela nunca é lembrada pelo sujeito e, portanto, não chegou a integrar o campo da consciência. Trata-se de uma reconstrução feita pelo trabalho analítico, o que não a torna menos essencial para a compreensão do processo psíquico. Ela é considerada pelo autor como uma construção de análise, sendo exatamente por isso a mais importante entre as três descritas nesta obra

Devido à sua natureza inconsciente, essa fase evidencia uma relação marcada tanto pelo prazer quanto pelo caráter masoquista e incestuoso do vínculo com o objeto. Nesse contexto, a criança que fantasia é também aquela que se vê punida pela figura paterna, sendo o prazer associado à submissão ao objeto e à experiência do castigo. Freud (1919/2020) observa que esse momento, distinto dos anteriores, está relacionado ao recalque do complexo de Édipo, sendo a fantasia de espancamento uma forma substitutiva da fantasia de amor sexual, produzida como efeito do recalque. Essa mudança qualitativa se deve à presença de sentimentos de culpa e ao erotismo implicado na agressividade, uma vez que, segundo Freud, é justamente a culpa que transforma o sadismo em masoquismo.

A transformação do sadismo em masoquismo dá origem a uma modificação significativa na fantasia infantil: a afirmação “meu pai me ama” é substituída por “meu pai me bate”. Essa mudança reflete uma dinâmica em que a culpa pelo desejo incestuoso proibido se entrelaça com o prazer de ser alvo da atenção da função paterna. A fantasia de espancamento, nesse contexto, constitui uma amálgama de dor e prazer, funcionando como a expressão mais direta do masoquismo. Posteriormente, Freud (1924a/2020) descreve essa forma específica de submissão como uma derivação do masoquismo constitutivo, nomeando-a de masoquismo feminino. Esse masoquismo feminino é a expressão de como o sujeito coloca seu corpo como objeto a serviço do outro em uma lógica fálica. É a partir disto que as contribuições de Lacan são importantes para pensar essa relação ao nível da alienação.

Para Lacan (1958/1998), essa segunda fase da fantasia de espancamento, no texto freudiano, revela a operação do ato simbólico. Na inscrição fantasiosa de “meu pai me bate

porque me ama”, entende-se que o sujeito somente existe para o outro quando é amado, ou melhor, quando esse Outro o deseja como objeto. É a partir dessa lógica que se estrutura a relação do sujeito com o Outro, por isso “o que intervém, acima de tudo, é alguma coisa que risca o sujeito, que o barra, que o abole, alguma coisa de significante” (Lacan, 1958/1998, p. 250). Desta maneira, esta estrutura indica que é o significante que funda o sujeito ao mesmo tempo em que o divide.

É nesse sentido que, ao se tornar em fantasia objeto de amor do outro, o sujeito acredita saber o que o outro deseja, colocando-se como meio, pelo corpo, para alcançar esse objetivo. Retornando a Freud (1923/2011), quando esse aponta para um Eu corporal, não podemos esquecer que a amálgama das pulsões, o masoquismo erógeno, tem, sobretudo, sua inscrição no corpo. A saída que o aparelho psíquico arcaico encontra para suportar o desprazer se dá através da intrincação pulsional, que usa o próprio corpo como objeto para dominar a pulsão destrutiva (Freud, 1924a/2020). Um de seus efeitos pode ser visto na forma do masoquismo feminino, através da submissão ao outro.

A esse respeito, o corpo, como define Lacan (1953-1954/2009), é um corpo imaginário e resultado também do processo da alienação, como apontado anteriormente sobre o estádio do espelho. Nesse sentido, uma das formas que o sujeito encontra para lidar com a dinâmica de alienação, encontrando saídas para sua angústia, é a de colocar-se como lugar ao domínio do outro, acreditando que é desse corpo que o outro precisa para ser completo. Sendo assim, “ele busca incessantemente estar à mercê do outro, custe o que custar. Se assim o faz, é para que tente assegurar que este outro esteja sempre ao seu lado, de modo a lhe dar garantia” (Buchaúl; Câmara, 2016, p. 14). Tal garantia seria, então, a resposta para o desamparo causado pelo distanciamento do outro. O sujeito, por via do masoquismo em uma lógica perversa, se coloca como o objeto em direção ao outro, nem que seja através da mais completa submissão (Birman, 2016).

Assim lembramos de Severin, em *A vênus das peles*, “Faz comigo o que bem entender, só não me afaste de ti” (Sacher-Masoch, 200, p. 65). Esse trecho aponta para o enlace em que Severin busca colocar a dama Wanda, como objeto para que essa o tome como seu, ao mesmo tempo em que espera que ela apresente uma espécie de resposta a sua angústia de desamparo. A colocação final de Severin sobre a sua experiência com Wanda: “A moral é que eu fui um burro [...] se ao menos eu tivesse açoitado!” (Sacher-Masoch, 2000, p. 107), pode nos remeter ao imaginário do sujeito acerca das formas pelas quais ele busca servir ao Outro e, assim, dar forma ao que se configura como “não senso”.

O espaço entre um Eu e um outro é capaz de fazer surgirem as considerações mais fantasiosas que fornecem borda a angústia de se sentir sozinho, abandonado, como uma criança sem função materna. A isso, é importante lembrar que o Eu estabelece os ideais capazes de guiar o sujeito para aquilo que o conforto ao menor sinal de incidência da angústia de castração. Esse mesmo Eu, corporal, erotizado, é efeito do processo de identificação e alienação.

O masoquismo, como o Freud o estabelece em sua teoria final, em 1924a, aponta para uma função capaz de dar conta dessa angústia por via da transformação do desprazer em prazer. Quando isso é posto sob a primazia de perversão da lógica do masoquismo erógeno, temos esse tipo de alienação descrita aqui.

A maneira como o corpo é inscrito dentro da dinâmica de constituição psíquica proposta em 1923 o coloca como um caminho possível para os destinos da angústia de castração, isto é, esse corpo é marcado dentro da dinâmica intersubjetiva, ele é objeto de investimento pulsional. Trata-se, portanto, de responder ao laço social por meio desse corpo. Assim, ao vê-lo como um caminho capaz de contornar a sensação de abandono, diante das demandas pulsionais, é possível tomar o corpo como um meio de responder ao desejo do outro.

Em uma dinâmica masoquista, o corpo serve como uma resposta linguística que convoca o outro para relação, colocando-se como aquilo que pode preencher o suposto vazio do objeto alvo da pulsão, ao mesmo tempo em que, por esse corpo, contorna a sensação de aniquilamento. O masoquismo entra como o funcionamento erótico dessa dinâmica; é por esse corpo, erotizado pelo Eu libinalmente enquanto objeto, que transforma em prazer o desprazer do sentimento de abandono que traz a sensação de desamparo. É o masoquismo dando borda e servindo à dualidade da dinâmica pulsional através do corpo.

## **O mito de Sísifo como metáfora da dimensão masoquista da vida: e essa é a minha conclusão**

É só um corpo cansado, uma figura humana aparentemente em sofrimento, exausto de empurrar ladeira acima a mesma pedra todo dia. As mãos parecem não aguentar mais, os pés descalços fazem tração para não deixar tudo ruir e o percurso ser em vão. O ombro faz coro com as mãos, um último recurso para o que parece ser a derrota iminente. Mesmo assim, vai seguir, por hoje, amanhã, até quarta, natal, jogo de final e por vários depois, enquanto os deuses quiserem. Ainda assim, como sugeriu Camus, é preciso imaginar Sísifo feliz. Você consegue visualizar?

É o herói, a figura por excelência daquilo que Camus chamou de “Absurdo”. Esse é um conceito daquele que rejeita o título de filósofo juntamente com o de existencialista, pois, para ele, importa a relação que o sujeito estabelece com o mundo. Como o autor mesmo apresenta, “o absurdo é o ponto de partida” (Camus, 2020, p. 15), e, para existir, é preciso saber que viver é absurdo. Talvez pela dificuldade em enxergar a vida assim que Sísifo é sempre desenhado em grande sofrimento por decorrência de seu exercício diário. Ou castigo, você pode ver a vida como quiser.

Em *O estrangeiro* (2022), obra que antecede o ensaio *O mito de Sísifo*, o autor demonstra o que acontece quando o sujeito se sente *infamiliar*. Não é que seu sentimento não seja familiar, é que não cessa de (não) ser familiar. Camus não cita Freud ou faz uso desse termo em nenhum dos dois trabalhos, mas é difícil não vê-lo teoricamente ali. O infamiliar, a angústia da castração não reconhecida, mas que bate à porta, por desespero ou inibição, como um inimigo em um filme de terror, é o fantasma com que Meursault, personagem principal da trama, se depara ao longo da história e que o coloca em um estado de total indiferença com a vida.

Mas Homero conta que Sísifo acorrentou a morte, morreu e retornou para viver mais, por mais de uma vez enganou os deuses. Desprezo pelos deuses, ódio à morte, paixão pela vida. Diferente de Sísifo, Meursault é sempre indiferente com o mundo, alheio à vida, que só acontece, que o leva como raios de sol ofuscantes ao entardecer na praia, mas sem beleza alguma. Então, o que falta em Meursault que sobra em Sísifo? O que faz de Sísifo o herói absurdista?

O ensaio freudiano de 1924a, *O problema econômico do masoquismo*, nos propõe um caminho para tentar responder a essas perguntas ao nos apresentar o aspecto constitutivo do sujeito que aponta para a dimensão masoquista da vida. Neste ensaio, realoca o masoquismo

apresentado nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), diferenciando, então, três tipos de masoquismo: erógeno, feminino e moral.

Depois de entrar na psicanálise pela mesma janela pela qual adentra aos manuais psiquiátricos – como uma perversão que deturpa o artista Sacher-Masoch e seu nome em um signo clínico – em 1924a, após a descoberta de um novo dualismo pulsional, o termo masoquismo passa também a conter criatividade, inventividade. O masoquismo guardião da vida, como sugere Rosenberg (2003), é a resposta freudiana para a questão sobre o problema econômico que havia ficado em aberto durante quase 20 anos.

O Eros, que é inserido na teoria do masoquismo constitutivo, não é mais o aumento desprazeroso que coloca em xeque o princípio do prazer; ele é o que aciona o próprio princípio do prazer. A intrincação pulsional, que impede a destruição psíquica, é o fator que coloca o masoquismo como anterior a qualquer inclinação sádica da pulsão. É o efeito que enlaça Tânatos, que acorrenta a morte ao laço de Eros. Freud (1924a/2020) sugere que é o momento em que a libido entrelaça a pulsão de morte, a intrincação pulsional, caminhos para dimensão da vida, onde a lógica do prazer é então inaugurada.

O masoquismo erógeno se constitui como uma forma particular da libido, mantendo uma relação ambígua: ao mesmo tempo em que se integra a ela, conserva o próprio Eu como objeto. Esse tipo de masoquismo reflete uma etapa formativa fundamental, marcada pela articulação entre Eros e a pulsão de morte, e acompanha o desenvolvimento da libido, assumindo diferentes expressões psíquicas ao longo desse processo (Freud, 1924a/2020).

Não se trata de uma essência, mas de uma resposta do laço ao desamparo. No trabalho *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]/1997), o desamparo é o sentimento que resulta do acréscimo de tensão causado pelo desprazer, indica um estado de impotência do bebê, necessitando de um outro que o marca e o insere na relação de objeto. Na obra que concebe a virada de 1920, esse sentimento de desamparo é a angústia como representante da pulsão de morte, que clama por vida nos desajustamentos da repetição. Ao amadurecer esse pensamento em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, a angústia, um sinal do sentimento de desamparo, deixa de estar intimamente referida a sexualidade, reafirmando: é preciso que haja a incidência do masoquismo.

O desamparo é a sensação que coloca o sujeito frente à angústia da castração, é a ameaça da morte, é o medo do desconhecido. É infamiliar. O sentimento de absurdo. É preciso que algo apresente, portanto, uma dimensão que transforma a angústia em prazer, isso só pode ser realizado por via do erotismo, daquilo que possibilita o laço, que possibilita a

saída de si. O masoquismo, diante desse cenário, participa apresentando e colocando em evidência a via do erotismo na lógica do aparelho psíquico.

O filósofo Byung-Chul Han (2017) propõe que a via do erotismo representa um afastamento da morte – não por responder ao desamparo com algo que o complete numa fusão com o outro, mas, sim, por entregar-se à imprevisibilidade da vida. Essa entrega é feita mesmo que de forma irônica, pois o poder de Eros “implica uma impotência na qual, em vez de me afirmar, me perco no outro ou me perco para o outro, ele que depois volta a me colocar de pé” (p. 49).

O erotismo é aqui entendido como investimento para fora de si, o que abre para a dimensão do(s) outro(s). É assim que Freud (1924a/2020) expõe a reformulação conceitual do masoquismo, que apresenta também a teoria do masoquismo constitutivo fundamental para a estruturação psíquica. Claro, não poderia ter outro nome, pois é por via da transformação da pulsão de morte em pulsão de vida que insere as correntes de Eros em Tânetos. É da experiência com o outro que cuida e responde ao desamparo através da alienação que a dimensão erótica é apresentada.

É no mito de Sísifo, mais especificamente na leitura camusiana sobre ele, que encontro a metáfora para a dimensão masoquista da vida. Quando Camus (2020) aponta que a única questão filosófica fundamental é se a vida vale ou não a pena ser vivida, também coloca que viver é a tarefa mais difícil... quando ela não tem um sentido. Mas o que é ter um sentido na vida quando não se sabe aonde a vida vai? A isso o autor responde: Esse é o absurdo e o sentido é investir no imprevisível, pois sentido certo não há, “aqueles que se suicidam, pelo contrário, costumam ter certeza do sentido da vida” (Camus, 2020, p. 21).

Em o *Mal-estar na cultura*, Freud (1930/2023) sugere algo semelhante. O autor descreve que a busca por um sentimento oceânico é o que coloca os sujeitos a se entregarem a determinados referenciais que podem, também, apresentar sofrimento. Nesse direcionamento, afirma que essa busca por tal sentimento de pertencimento oceânico trata-se de mais uma fantasia frente ao desamparo. Em sua leitura, Freud determina que, na lógica do aparelho psíquico, é menos difícil encontrar a infelicidade. Dessa forma, e é o que o autor conclui, cada um deve encontrar a sua maneira de ser feliz. Ainda assim, essa busca, e isso não deixa de ser descrito nessa obra de 1930, se encontra na vida, no laço, cotidiano, nas infinitas possibilidades que absurdo apresenta.

Sísifo surge, então, feliz no imaginário absurdista, a sua tarefa diária é uma representação do que é viver. Não há como chegar ao topo, esse é um ideal de libertação de toda caminhada, a espera de que todo trabalho tenha uma recompensa. Da mesma forma, não

há como se livrar do peso, é preciso enfrentar e fazer do exercício diário de caminhar o sentido fundamental. É preciso investir não no topo, não na idealização, não na fantasia de completude, não na “esperança de uma outra vida que é preciso ‘merecer’, ou truque daqueles que vivem não pela vida em si, mas por alguma grande ideia que a ultrapassa, sublima, lhe dá um sentido e a trai” (Camus, 2020, p. 22).

A vida de Sísifo, antes do castigo dos deuses, era a de quem não procura um sentido antes de viver, era a de quem tem paixão em se manter amando. Não à toa, era considerado o mais esperto e inteligente entre os mortais. A isso, o castigo vem de encontro a retirar a sabedoria de amar. A pedra, que vai ficando mais pesada por decorrência da montanha a cada vez que se aproxima do cume, rerepresenta-lhe o desamparo. No encontro com o desamparo, é preciso imaginar e simbolizar o que não se tem ou que não se tem mais.

Um tanto disso comunica quando pensamos na constituição do aparelho psíquico. No encontro com desamparo estrutural, o choro convoca o outro a vir reinar sobre esse, inserindo na dimensão das intensidades, ou melhor, na ligação das intensidades com o prazer. Ao experimentar a dor, o psiquismo se transforma para simbolizar o vazio que jamais se preenche. A pulsão circula em busca da Coisa (*das Ding*), que nunca vem, mas que cede lugar aos vários objetos que possam ali se prender. Lembro de Sísifo. Ele conseguiu superar sua sentença, enfrentou o desamparo e conseguiu encontrar a forma mais sublime de amar.

A subida não se tornou mais fácil. A Coisa não chega. Esse não é o ensaio sobre a felicidade, é sobre novas formas de se reposicionar diante do sofrimento. Sobre novas formas de fazer laço. Há um reposicionamento subjetivo do herói do absurdo, que o realoca diante do seu sofrimento. Reposicionamento subjetivo pode ser entendido aqui como outras formas de amar, amor onde caiba o ódio, onde caiba prazer e desprazer, onde caiba a experiência de viver.

Penso em uma fala de uma das primeiras analisandas quando eu, iniciando meu percurso clínico, aprendi um tanto do que se trata o que aqui escrevo: “penso que a minha forma de amar mudou. As coisas estão aí, a vida é a mesma, mas algo em mim não, acho que é a forma como amo agora”. Isso lembrou que, empurrando a pedra, Sísifo encontra outra forma de amar. A dimensão masoquista da vida é o que abre caminho para que, no desamparo, prevaleça o investimento de Eros no percurso, aquilo que faz o sujeito sair de si, o erotismo que destrói o fechamento do sujeito em seu Eu ideal e o abre para enfrentar o absurdo.

Não se trata aqui de romantizar a dor, sofrimento ou castigos. Freud (1924a/2020) também não romantiza, por isso apresenta as duas facetas do masoquismo quando esse, para

enfrentar o desamparo, se apega na dor, mas sem erotismo. No masoquismo feminino, o sujeito se torna o objeto e a meta da pulsão, pervertendo uma das características pulsionais principais – a de que elas devem circular. No masoquismo moral, temos um outro momento em que o sentimento de culpa por ter algum dia desejado mais da vida do que deveria, coloca o Eu como súdito do Supereu. Nos dois casos, o sujeito está fechado em si. Penso que é isso que acontece quando o sofrimento é romantizado. A esse romance sem amor com o sofrimento, Freud (1923/2011) nomeou de reação terapêutica negativa.

Por outro lado, a dimensão que propõe fazer laço está próxima ao que Rilke (2020) descreve sobre a experiência de viver:

*Deixe que tudo aconteça a você  
Beleza e terror  
Apenas continue seguindo  
Nenhum sentimento é definitivo*

Em uma de suas cartas a Kappus, esse mesmo poeta sugere que é crucial enfrentar o desamparo: “talvez todos os dragões de nossa vida sejam princesas, que só esperam nos ver um dia belos e corajosos. Talvez todo terror não passe, em última instância, do desamparo que requer nossa ajuda” (Rilke, 2024, p. 199). Não poderia ser mais absurdista.

Haruki Murakami (2015) em sua obra *Dance, dance, dance*, nos apresenta o protagonista sem nome, recorrente em outras obras, mas que nesta, mais do que nunca, está em busca de um sentido pelo qual deve caminhar. Quando nosso condutor da história encontra o ancião, o qual acredita ter as respostas, é colocado diante de um novo enigma: dance. É isso que é posto ao protagonista sem nome. O ancião avisa, “deve continuar dançando, dando os passos. Deve ir amolecendo, mesmo que aos poucos, tudo o que estava completamente rígido. Dance enquanto a música estiver tocando” (Murakami, 2015, p. 111)

É assim que apresento o mito de Sísifo como a metáfora da dimensão masoquista da vida como conclusão desta pesquisa; o ser que contempla seu tormento, que, no desamparo, se permite seguir e ouvir sua angústia, que se abre à dimensão de Eros, que insere em sua tarefa a fidelidade ao amor. Amor é investir no objeto fora de si, é dar o que não se tem. Camus propõe que é enfrentar o absurdo. É preciso formular: amor é enfrentar o imprevisível, sem saber o que esperar, isso se trata de encontrar novas formas de se relacionar com o mundo. Portanto, é preciso dançar enquanto a música toca, é preciso enfrentar o desamparo, é preciso imaginar Sísifo feliz. É preciso abraçar a dimensão masoquista da vida.

## Referências

- Birman, J. (2016). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*. 2ª ed. Civilização Brasileira, 2016.
- Buchaúl, S. P. (2015). *Investigações sobre o masoquismo na teoria freudiana*. Dissertação (Mestrado em teoria psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de psicologia, programa de pós-graduação em teoria psicanalítica.
- Buchaúl, S. P.; Câmara, L. (2016). Masoquismo: história, teoria e subjetivação. *Polêm!ca*, v. 16, n. 1, p. 78-94. Acesso em 17 jul. 2024. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/rt/prINTERfriendly/21337/15429>>.
- Camus, A. (2020). *O mito de Sísifo*. 19ª ed. Record.
- Camus, A. (2022). *O estrangeiro*. 57ª ed. Record.
- Fortes, I. (2007). Erotismo versus masoquismo na teoria freudiana. *Psicol. Clin.* (vol 19) n. 2, (pp. 35-44). <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01035665200700020003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01035665200700020003&lng=pt&nrm=iso)>.
- Fortes, I. (2012). *A dor psíquica*. Companhia de Freud.
- Fortes, I., Macedo, M. K. (2018). Quem é o psicanalista pesquisador? Questões cruciais sobre o método psicanalítico de pesquisa. In: (Org) Fulgêncio, L. et al. *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. Zagodoni, pp. 106 -121.
- Foucault, M. (2013) *Arqueologia do saber*. 8º ed. Forense Universitária.
- Foucault, M. (2020) *O nascimento da clínica*. 7º ed. Editora Forense.
- Fulgêncio, L. (2018). *A bruxa metapsicologia e seus destinos*. Blucher.
- Freud, S.; Breuer, J. (1893 – 1895/2016). Estudos sobre a histeria. In: *Sigmund Freud: obras completas, vol. 2*. Companhia das Letras.

- Freud, S. (1900/2019). A interpretação dos sonhos. In: *Sigmund Freud: obras completas*, vol. 4. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1905/2016) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In. *Sigmund Freud: obras completas*, vol. 6: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentada de um caso de histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Companhia das letras, pp. 13-172.
- Freud, S. (1910/2013). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. In: *Sigmund Freud: obras completas*, vol. 9: *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909-1910)*. Companhia das Letras, pp. 313-323.
- Freud, S. (1911/2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: *Sigmund Freud: obras completas*, vol. 10: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 108-121.
- Freud, S. (1912/2010) Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In. *Sigmund Freud: obras completas*, vol. 10: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)*. Companhia das letras, pp. 147-162.
- Freud, S. (1912-1913/2012) Totem e tabu. In. *Sigmund Freud: obras completas*, vol. 11: *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1913)*. Companhia das letras, pp. 13-244.
- Freud, S. (1914a/2010). Introdução ao narcisismo. In. *Sigmund Freud: obras completas*, vol. 12: *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Companhia das letras, pp. 13-50.
- Freud, S. (1914b/2010). Recordar, repetir e elaborar. In. *Sigmund Freud: obras completas*, vol. 10: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)*. Companhia das letras, pp. 193-209.

- Freud, S. (1915a/2019). As pulsões e seus destinos. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica, pp. 13-72.
- Freud, S. (1915b/2010) A repressão. In. *Sigmund Freud: obras completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Companhia das letras, pp. 82-98.
- Freud, S. (1915c/2010) O inconsciente. In. *Sigmund Freud: obras completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Companhia das letras, pp. 99-150.
- Freud, S. (1916-1917/2016). Conferências introdutórias à psicanálise. In: *Sigmund Freud: obras completas, vol. 13*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1917a [1915]/2010). Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In: *Sigmund Freud: obras Completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 151-169.
- Freud, S. (1917b [1915]/2010). Luto e melancolia. In: *Sigmund Freud: obras completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 170-194.
- Freud, S. (1919/2020). “Bate-se numa criança” contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais. In. *Obras incompletas de Sigmund Freud: neurose, psicose e perversão*. Autêntica. pp. 123-156.
- Freud, S. (1920/2024). Além do princípio de prazer. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica, pp. 57-2020.
- Freud, S. (1921/2011) Psicologia das massas e análise do Eu. In: *Sigmund Freud: obras completas, Vol. 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Companhia das Letras, pp. 13-113.
- Freud, S. (1923/2011). O Eu e o Id. In. *Sigmund Freud: obras completas, vol. 16: O Eu e o ID, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Companhia das letras, pp. 13-74.

- Freud, S. (1924a/2020). O problema econômico do masoquismo. In. *Obras incompletas de Sigmund Freud: neurose, psicose e perversão*. Autêntica. pp. 287-304.
- Freud, S. (1924a/2011). A dissolução do complexo de Édipo. In. *Sigmund Freud: Obras Completas, vol. 16: O Eu e o ID, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Companhia das letras, pp. 203-266.
- Freud, S. (1926/2014). Inibição, sintoma e angústia. In. *Sigmund Freud: obras completas, vol. 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Companhia das letras, pp. 13-230.
- Freud, S. (1930/2023). O mal-estar na cultura. In: *Obras incompletas Sigmund Freud: Cultura, sociedade e religião, O mal-estar na cultura e outros escritos*. Autêntica. pp. 305-410.
- Freud, S. (1933/2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In. *Sigmund Freud: obras completas, vol. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1926)*. Companhia das letras, pp. 124-354.
- Freud, S. (1937/2018). Análise terminável e interminável. In. *Sigmund Freud: obras completas, vol. 19: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Companhia das letras, pp. 274-326.
- Freud, S. (1940/2021). Compêndio de psicanálise. In: *Obras incompletas Sigmund Freud Vol. 3: Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados*. Autêntica. pp. 11-198.
- Freud, S. (1950 [1895]/1997). Projeto para uma psicologia científica. In: *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 1997. Imago, Vol I, pp. 212-305.
- Garcia-Roza, L. A. (2014). *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 2ª ed. Zahar.
- Garcia-Roza, L.A. (1985). *Freud e o inconsciente*. 2º ed. Zahar.
- Han, B. (2017). *Agonia de Eros*. Editora Vozes.

- Hegel, G. W. F. (1807/2014). *A fenomenologia do espírito*. 9ª ed. Vozes.
- Iannine, G. Tavarer, L. E. P. (2024). Para introduzir Além do princípio de prazer. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud. Autêntica: Além do princípio de prazer*. pp. 21-36.
- Jorge, M. A. C. (2022a) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: Vol.2: A clínica da fantasia*. 2ª ed. Zahar.
- Jorge, M. A. C. (2022b) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: Vol.1: As bases conceituais*. 2ª ed. Zahar.
- Júnior, O. F. G. (1993). A dimensão semântica da teoria da libido. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, 16. p. 99-107.
- Junior, O. F. G. (1987). Projeto para uma psicologia científica: máquina falante ou fala maquinal?. *Discurso*, (16), 95-130.
- Krafft-Ebing, R. V. (2017). *Psychopathia sexualis*. Antonio Fontoura.
- Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Jorge Zahar. pp. 238-324.
- Lacan, J. (1953-1954/2009). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1959-1960/2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1958/1998). A significação do falo. In: *Outros Escritos*. Jorge Zahar, 2003. pp. 692-703.
- Lacan, J. (1962-1963/2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1964a/2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ª ed. Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1964b/1998). Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Jorge Zahar. pp. 829-864.
- Lacan, J. (1969-1970/1992) *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (2016). *Vocabulário da psicanálise*. 4º.ed. Martins Fontes.
- Leite, S. (2011). *Angústia*. Zahar.

- Leite, N. V. A. (2017). Padecer do significante: a questão do sujeito. In: *Padecer do significante: a questão do sujeito*. Org. Burgarelli, C. G. Mercado de letras, pp. 27-38.
- Murakami, H. (2015). *Dance, Dance, Dance*. 2ª ed. AlgaFuara.
- Sacher-Masoch, L. V. A (2020). *A vênus das peles*. L&PM.
- Severino, A. J. (2013). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Jorge Zahar.
- Sousa, A. S. et al. (2021). A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*. (Vol. 20) (43ª Ed). pp. 64 – 83.  
<https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336/1441>.
- Mezan, R. (2013). *Freud: a trama dos conceitos*. 5º ed. Perspectiva.
- Pietro, V. D. (2012). *Aquém do masoquismo*. Paco Editorial.
- Pontalis, J. (2005). *Entre o sonho e a dor*. Ideias & letras.
- Rilke, R. M. (2020). *O livro de horas*. Assírio & Alvim.
- Rilke, R. M. (2024). *Cartas a um jovem poeta*. Antofágica.
- Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião de vida*. Escuta.
- Tavares, P. H. (2019). Sobre a tradução do vocabulário Trieb. In: *Obras completas de Sigmund Freud: As pulsões e seus destinos*. Autêntica. pp.73-90.